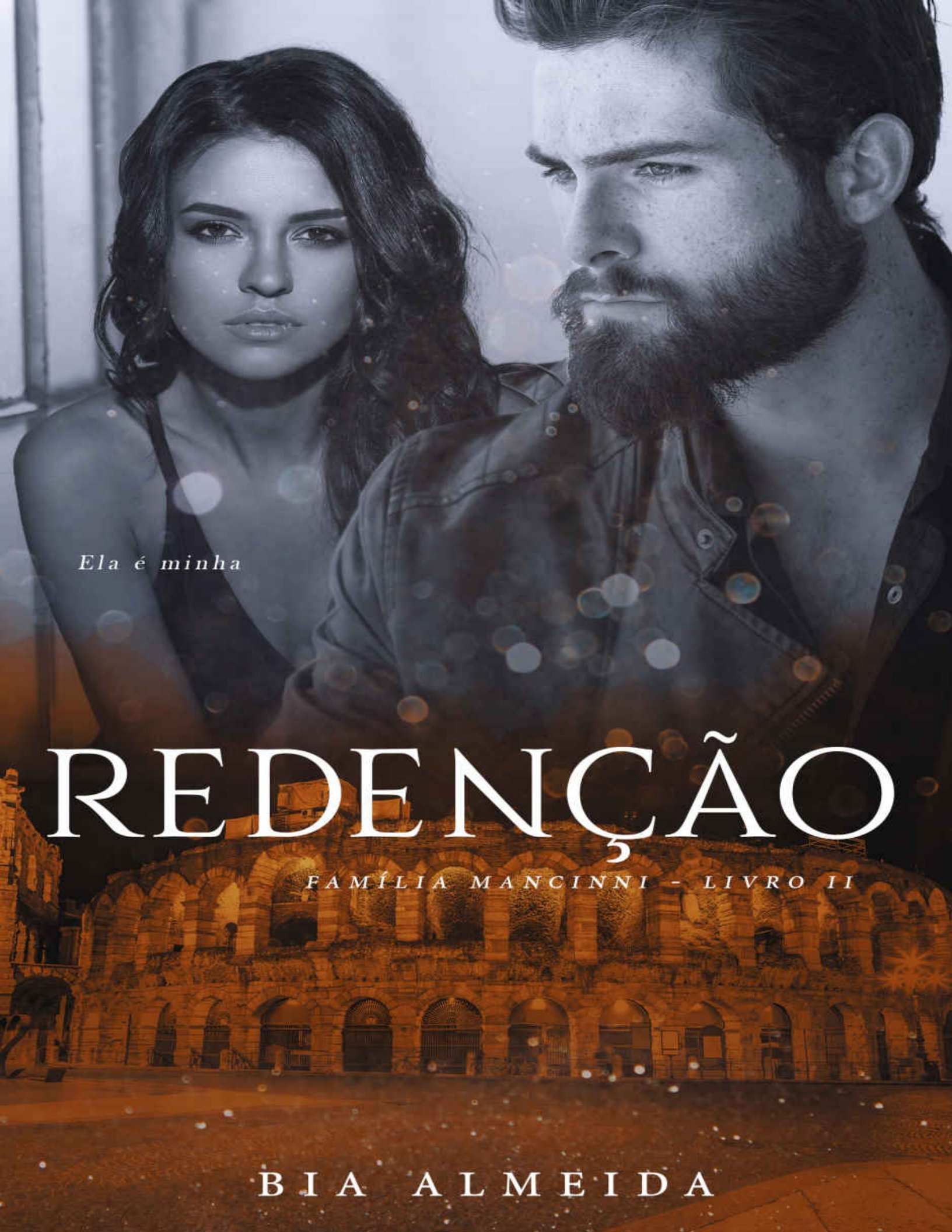




Ela é minha

REDENÇÃO

FAMÍLIA MANCINNI - LIVRO II

BIA ALMEIDA



REDENÇÃO

FAMÍLIA

MANCINNI 2

Bia almeida

NOTA DA AUTORA

“Não corrigir nossas falhas é o mesmo que cometer novos erros.”

Confúcio

Alguns erros que cometemos ao longo da nossa caminhada nos traz consequências amargas. Tomamos decisões importantes em situações inoportunas. Momentos em que estamos frágeis, feridos, agimos por impulso, sem pensar, no calor do momento.

Quando as consequências batem à nossa porta, o que nos resta é admitir para nós mesmos que erramos. A maioria de nós temos o hábito de jogar nossas falhas na conta de outra pessoa, como fez a protagonista desta história. Temos que ser sincero com quem falhamos e lidar com as consequências que, muitas vezes, podem ser dolorosas. Siga em frente, aproveite cada oportunidade, os erros do passado servem de experiência.

Seja qual for o erro que você cometeu, conserte, se não for possível, se arrependa sinceramente, o arrependimento traz paz.

Direitos autorais do texto original

© 2019 Bia Almeida

Todos os direitos reservados

Capa: LA Capas

Revisão: Barbara Pinheiro



PRÓLOGO

ENRICO

Amor. O que é amor?

Um sentimento que nos torna fraco, nos tira toda a nossa capacidade de raciocínio. Nos faz agir como verdadeiros idiotas.

Amei e fui fraco, fui ingênuo. Perdi tudo. Perdi a vida que tinha. Perdi minha casa. Perdi aqueles que pensei ser minha família, aqueles que pensei que me amavam.

Amor! Não serve para nada. Dinheiro e poder sempre prevalecem.

Minha mãe sempre me dizia: “Você é um bom ragazzo, Enrico, nunca perca isso. Apesar da feiura do mundo em que vivemos, sempre seja esse bom homem que é.”.

Bom homem! Sempre fui um monstro. Ele apenas estava adormecido, por causa dela.

De que adiantou ser um bom homem para ela e para aqueles que eu considerava os meus? Fui humilhado e expulso, sem ter o direito de me defender, sem, ao menos, saber o que realmente estava acontecendo. Todos à minha volta, todos que um dia disseram que me amavam, não fizeram nada.

Não me defenderam, não me ajudaram.

Aquela que me disse várias vezes que me amava, que nosso amor era para sempre, nem nos meus olhos olhou, não disse nada quando aleguei inocência. Permaneceu calada, quando a pedi para ir embora comigo.

— *Tudo o que estão dizendo a respeito do meu pai é mentira, acredita em mim, Nina. Nunca trairíamos a sua família.*

Me humilhei.

— *Amo você. Eu te amo, porra! Vem embora comigo, você agora é maior de idade, pode tomar suas próprias decisões. Vamos viver nosso amor, Nina.*

Rastejei como um cachorro de rua, implorando um pedaço de carne, implorando o seu amor. Amor só serve para foder com a gente.

Passei o inferno para tirar esse sentimento do meu peito, uma vez aniquilado, no meu coração só tem espaço para o ódio. Minha mente só tem espaço para pôr em prática minha vingança.

Agora voltei para recuperar aquilo que é meu por direito: Nina.

Não para vivermos felizes para sempre, em um mundo colorido, como eu pensava antes, mas para me vingar. Ela pagará tudo o que me fez sofrer.

A odeio com todas as minhas forças.



UM

ENRICO

Fui criado em meio à escuridão. Tudo à minha volta sempre foi negro, sombrio, cheirava a morte. Ainda pequeno, aprendi que um Ferri não chora feito mulherzinha. Que um Ferri domina e não é dominado. Que homens que servem a famiglia Mancinni, protegem os seus, se necessário for, com a própria vida.

Aos dez anos, a tortura e a morte me foram apresentadas.

Fui ao porão da minha casa pegar minhas armas de brinquedo, eu tinha várias delas. Como disse, meu mundo sempre foi escuro, esse era o tipo de presente que ganhava em meu aniversário e datas comemorativas. Junto com o presente, sempre vinha uma constatação. "Um dia você vai ter uma de verdade".

Ao chegar no porão, vi um homem sentado em uma cadeira, ele estava amarrado e sendo torturado pelo meu pai. Aquela imagem não me deu medo. Uma criança "normal" teria fugido, mas eu fiquei fascinado com o que via. Cada dedo do homem que meu pai cortava, me deixava ainda mais aficionado.

Não foi nem uma, nem duas vezes que vi meu pai com as mãos e a roupa suja de sangue, diversas vezes ele chegava em casa assim. Portanto, ver o sangue jorrando daquele homem não me causou estranheza.

Quando notou minha presença, meu pai sorriu e deu o golpe final. Com a espada arrancou a cabeça do homem que estava praticamente morto, devido aos seus ferimentos. Ele limpou suas mãos em um pano branco que não tirou todo o sangue, depois pediu para que eu me aproximasse. Se abaixou, ficando da minha altura, olhou nos meus olhos com sua seriedade de sempre e disse: *“É isso que um Ferri faz com aqueles que traem a famiglia, os Mancinni, a nossa famiglia”*.

Ter a lembrança desse dia, reforça o quanto Don Guiseppe foi complacente com meu pai quando ele foi acusado de traição. Qualquer outro não teria sobrevivido.



Minha alma é escura. Sombria.

Um dia cheguei a pensar que encontrei a luz em meio à tanta escuridão. Cheguei a acreditar que aquela garota de olhos cor de mel, corpo magro e cabelos castanhos, era minha luz. Minha, *porra!*

Estar com ela fazia meus dias serem mais leves. Contemplar sua beleza e sua alegria, me dava a falsa sensação de viver em outro mundo, um mundo onde havia somente ela e eu.

Sempre foi assim. Quando Nina nasceu, tudo mudou. Senti a necessidade de a proteger. Tinha um pouco mais de três anos a primeira vez que vi aqueles olhos que me encantaram. Todos diziam que eu cuidava dela mais do que seus irmãos, isso

causava ciúme neles. Os meninos e eu fomos criados juntos, éramos muito mais do que amigos, nos tratávamos como irmãos.

Nina era minha irmãzinha, alguém que precisava de mim, da minha proteção. De repente, o amor puro que sentia por ela mudou. Me recriminei muito por não mais vê-la como uma irmã que eu amava e protegia. Passei a desejar beijar sua boca, andar de mãos dadas e dizer para todos que ela era minha namorada. Minha.

Nina era apenas uma garota, uma criança. Me transformei em um fodido de um perverso.

Esse sentimento se apossou de mim quando eu tinha quatorze anos e ela apenas dez. Tentei esquecê-la. Passei a frequentar o clube da família com o Enzo. Nós dois temos a mesma idade, nossos pais nos apresentaram o sexo, nos dando de presente uma das garotas do clube.

Cada passo que eu dava com aquela mulher em direção ao quarto, me fazia me sentir um traidor do *caralho*. Era como eu estivesse a traindo. Porém estava determinado a fazer o que tinha que ser feito. Me tornar homem e, de uma vez por todas, tirá-la dos meus pensamentos. Apesar de ter apenas quatorze anos, me sentia um pedófilo, e isso fodia minha cabeça.

Depois da minha iniciação no sexo, fodi várias mulheres. Passei evitar a mansão, não conseguia mais olhar para Nina, sem me sentir culpado. Durante anos a vi se desabrochando, ficando cada vez mais linda. Minha mente doentia via sentimentos em seus olhos. Minhas tentativas de boicotar meus sentimentos por ela,

eram inúteis. Podia foder com quantas mulheres fossem, mas nenhuma fazia meu coração acelerar como ela.

Nina me envolveu em sua teia, me deixou com a guarda baixa. Sua feição angelical funcionou como uma armadilha para me aprisionar. Fiquei preso, estou preso até hoje. Por motivos diferentes, mas estou.

Quando toquei seus lábios pela primeira vez, foi a minha perdição. Quando a fiz minha, foi a minha morte.

A luz que fazia minha alma menos escura, se apagou no momento que descobri sua verdadeira face. Descobri que Nina é uma diaba disfarçada de anjo. Ela me fez acreditar que eu não era o monstro que eu pensava ser. Que eu não era apenas um homem que matava. Um homem que, aos dezesseis anos, executou sua primeira vítima com requintes de crueldade, e sentiu prazer nisso.

Um soldado sempre pronto para o fronte.

Meu coração foi partido, esvaquiado. Foram anos de sentimentos jogados no lixo. Dor e decepção, foi o que recebi depois de tantos anos de dedicação. Dedicação à *porra* de um sentimento que só serve para foder com a gente. "*Um Ferri não chora*". Esse ensinamento que ouvi toda minha infância não serviu de nada. Foram dias pranteando escondido, no silêncio do meu quarto. Foram noites em que as lembranças do amor que eu sentia e a decepção de ser abandonado se misturavam. Até o dia que dei um basta. Eu era um Ferri, soldado da famiglia Mancinni. A

maior máfia da Itália, com ramificações por vários países. A dor e a decepção foram substituídas pelo ódio. Prometi a mim mesmo que um dia ela pagaria. Hoje sou um homem respeitado, Capo da minha famiglia, homem de confiança do Don Lorenzo.

O monstro em mim tomou força depois que a luz se apagou. Sou conhecido como Cruel, minha fama se espalhou por toda a máfia.

Todos me temem.

Aniquilar com um tiro é pouco para mim. Gosto de ver minha vítima sofrer. Sinto prazer com o jorrar do seu sangue.

Como Capo, não preciso executar, tenho homens para isso, mas o monstro em mim sente prazer em ver uma vida se apagando aos poucos.

Nina conheceu um garoto que, apesar de ter mais idade do que ela, foi ingênuo, se deixou envolver em sua teia. Agora, tudo mudou, ela vai conhecer o monstro que sempre ficou oculto em sua presença e vai se arrepender amargamente por isso.



DOIS

NINA

Perla não compareceu à faculdade, ela tem um evento para ir com seu marido, segundo ela, seu plano é ser a mulher mais bonita desse evento. Encomendou seu vestido em Nova York para não passar pelo constrangimento de ter outra pessoa vestida como ela, e claro, arrasar.

Saio da faculdade, distraída, olho em volta e meu motorista não está, acho estranho não ter nenhum soldado me aguardando. Meus olhos me levam para o outro lado da rua, em que um sedan preto está estacionado. A porta de trás se abre, um homem alto e loiro, vestido em um elegante terno e de óculos escuros saí do carro e se põe de pé, encostado nele.

Não consigo tirar meus olhos dele, há algo familiar, algo nele além de sua forma máscula e sua beleza que me remete à familiaridade. Seus braços estão cruzados. Mesmo de óculos escuros percebo que seu olhar está direcionado a mim. Ficamos alguns segundos inertes, até que ele retira seus óculos.

Seus olhos me acertam como flecha.

Apesar de o seu corpo estar maior, seu cabelo com corte moderno, e sua barba grande, sei de quem se trata. Seus olhos e

a forma que ele me olha não mudou. É ele. O único homem que amei e amo.
Enrico Ferri.

O homem a quem me entreguei. O homem por quem me apaixonei desde quando era criança. O homem que me fez mulher. O homem que foi expulso pelo meu pai, um dia antes de dizermos à nossa família que nos amávamos. O homem que depois do mal-entendido ter se resolvido, não voltou para meus braços.

Saio da minha inércia e caminho em sua direção, paro a alguns centímetros na sua frente. Meus sentimentos não são claros. Sinto saudade, amor, raiva, medo, desejo. Quero sua boca na minha, seu corpo sobre o meu. Quero bater nele até que minhas forças se esvaíam. Quero fingir que não o conheço, mesmo sabendo que é impossível.

Pensando bem, faz quatro anos que minha mãe se foi, ela morreu uma semana depois que ele foi embora. Realmente, esse Enrico lindo, imponente, ameaçador, que está na minha frente, não conheço.

— Nina. — Sua voz rouca e grossa, me tira do turbilhão que está minha mente.

— Enrico — digo e permaneço presa em seu olhar.

— Estava com saudade.

— Acho estranho que você tenha sentido minha falta, depois de tantos anos

— digo, com raiva. Ele fica sério, não consigo

descrever seu olhar. Antes saberia dizer o que ele estava pensando através dos seus olhos.

— Podemos conversar?

— Já estamos conversando. — Ele grunhe. Sei que estou agindo como uma garota mimada, mas foda-se. Ele aparece depois de quatro anos, lindo *pra caralho*, e diz que estava com saudade.

— Nina, você não é mais aquela garotinha que conheci, pare de agir como tal. A gente precisa conversar. Estou voltando para Itália, não queria fazer isso, sem antes conversar com você

Descruzo meus braços, nem reparei que estava não só falando, mas também agindo como uma garotinha. Merda.

— Preciso ligar para meu motorista e avisar que ele não precisa vir.

— Eu o dispensei. — Minha vontade é de perguntar com ordem de quem, mas engulo e não digo nada.

Ele abre a porta do carro, faz sinal para que eu entre. Me acomodo na poltrona de couro confortável, ele dá a volta no carro e entra pelo outro lado. O carro anda por volta de uns quinze minutos, durante toda a viagem permanecemos em silêncio, algumas vezes o vejo me observando pelo reflexo do vidro da janela.

O carro estaciona na garagem de um hotel, meu coração acelera, fico nervosa, não sei se vou conseguir permanecer distante em um lugar como este, mas tenho que conseguir, faz quatro anos que ele não me procura. Nunca me ligou, nenhuma mensagem.

— Achei melhor te trazer onde estou hospedado para que possamos ter mais privacidade.

Não digo nada com medo da minha voz me entregar, apenas aceno com a cabeça.

Subimos para o quarto, uma suíte grande e luxuosa como sua roupa. Ele deve ter subido de cargo na máfia, nunca me interessei por esses assuntos, por isso não sei dizer como está a vida dele.

Depois que foi embora e não me procurou, não quis saber nada sobre ele, nem de sua família.

Olho para a cama enorme à minha frente, e tento me manter impassível, ele não pode perceber o quanto me afeta. Me sento em um pequeno sofá, ele tira seu paletó, se serve de uma dose de uísque, me oferece e eu peço água. Me entrega uma garrafa de água e se senta na poltrona à minha frente.

— Não sei se Lorenzo te disse...

— Não converso nada sobre a máfia com minha família, principalmente sobre sua família. Desde que você foi embora e nunca mais me procurou, não quis ficar informada sobre nada a respeito de vocês — o interrompo.

Ele fecha os olhos, quando abre consigo ver raiva, desta vez ele não consegue esconder. Quem deveria estar com raiva sou eu, ele disse que me amava, me entreguei para ele. Depois que meu pai descobriu toda verdade e reintegrou a família dele à nossa, ele não me procurou, não cumpriu o que me prometeu. Ele respira fundo e continua:

— Bom. Minha família continuou trabalhando para a sua, durante esses anos em que estávamos morando em Nova Iorque. Graças ao Lorenzo, que descobriu toda a armação feita para acusar nossa família, na verdade, eles nos queriam longe para darem o golpe que resultou na morte da sua mãe. — Fico surpresa com suas palavras. — Seu irmão nos convenceu a voltarmos para Itália, minha família e eu devemos muito a ele, Lorenzo foi o único que confiou em nós, confiou no meu pai — ele diz, com rancor, me sinto afetada. — Não queria voltar sem que você soubesse. — Ele suaviza a voz. — Sei que estive ausente, mas você tem que se colocar em meu lugar, não foi fácil, ver minha vida, a vida que eu tinha, ser tirada de mim de uma hora para outra. Enrico se levanta e se serve de outra dose de uísque, ele fica de costas, mas continua falando:

— Eu sempre te amei, Nina, fiquei muito magoado quando você não quis ir embora comigo... — Ameaço a falar, mas ele me interrompe: — Não precisa dizer nada, demorei muito para entender seu lado, mas entendi. Não vou dizer que foi fácil, me senti traído por você

— Eu não podia fazer nada, eu era apenas uma garota apaixonada, que tinha acabado de fazer dezoito anos, não entendia direito o que estava acontecendo, era minha família, eu não podia abandonar tudo, simplesmente ir embora. — Ele me olha sério e depois com ternura.

— Já disse que agora eu entendo, só quero que você compreenda o quanto foi difícil ver meu pai ser humilhado e ouvir tudo o que ouvi aquele dia. Acordei o homem mais feliz do mundo, tinha feito mulher o amor da minha vida, de repente, tudo mudou. Perdi tudo. Sempre amei você, Nina, quero que a gente continue de onde paramos.

Ele se senta ao meu lado e segura minhas mãos, não sei o que dizer.

— Não precisa me responder agora, sei que você deve estar confusa, mas quero que você saiba que, em breve, estarei de volta. Se sua resposta for positiva, vou pedir a sua mão em casamento para seu pai, porém, antes vou contar tudo ao seu irmão.

Enrico se levanta, me levantando junto, dá um beijo em minha testa, solta minhas mãos, pega o seu celular e pede alguém para vir me buscar, deve ser o mesmo homem que nos trouxe. Vou embora sem dizer nada, ainda mais confusa de que quando cheguei.



TRÊS

ENRICO

Quando vi Nina, depois de tantos anos, a *porra* do meu coração me traiu. Ele bateu acelerado, tirando-me de mim. Foi um inferno me manter na minha zona de conforto. Não permitir que sentimentos que foderam minha vida voltassem. Cada movimento que ela fazia em minha direção, parecia estar em câmera lenta. A minha vontade era correr e me perder em seus braços, agir como o idiota que fui quando me envolvi com ela. "Nina. Enrico." Foi o que dissemos. Sem perceber disse que estava com saudade, as palavras saltaram de minha boca. Ela foi agressiva em sua resposta, como se ela tivesse razão. Foi bom porque me fez lembrar de quem ela é.

No hotel, fiz um esforço para não ser enganado outra vez por sua aparência angelical. Estar face a face com ela, fodeu com tudo que planejei para nosso encontro. Precisei ficar um pouco distante e colocar a *porra* do meu *fodido* cérebro no lugar. Levantei-me e preparei outra dose de uísque, para não fazer merda. Não sei que ideia foi essa de trazê-la ao quarto que estou hospedado.

Depois disso, vi que vai ser mais difícil do que eu pensava viver com ela, não posso, de maneira alguma, perder o foco, cair mais uma vez nas suas armadilhas.



O que meu pai não sabe, e ninguém sequer suspeita, que o motivo maior de enfim eu ter cedido ao pedido do Lorenzo, de retornar para minha terra natal, não é apenas para me vingar da diaba em forma de anjo, mas também do principal articulador, o cabeça, o responsável por eu e minha família termos sido expulsos da proteção da família Mancinni.

Durante todos esses anos, não engoli a história contada por aqueles soldados, que foram eles que planejaram tudo, a mando do maledetto Salvatore. Don Guiseppe fez o que tinha que ser feito, depois que Lorenzo descobriu que tudo se tratava de uma armação contra a minha família, os torturou e executou, mas nada me tirava da cabeça que tinha o dedo de alguém do alto escalão.

Cheguei a suspeitar do Enzo e do Pietro. Sentia tanta raiva, que pensei que poderia ser um dos dois, pois ambos poderiam muito bem almejar o cargo de consigliere que meu pai exercia.

Com o passar do tempo, a raiva que sentia dos Mancinni foi se dissipando, meu pai martelava todos os dias na minha cabeça que eles agiram corretamente, que tudo estava contra ele. Depois de tanto refletir, percebi o quanto Don Guiseppe foi complacente, já o vi tirar a vida de homens que fizeram muito menos. Naquele

momento para ele meu pai era um traidor e, mesmo assim, não o executou, apenas o baniu da nossa terra e suspendeu a proteção da famiglia.



Infelizmente não pude participar da guerra contra o maledetto Salvatore. Don Lorenzo pediu para que acabássemos com os mafiosos que serviam ao Salvatore aqui em Nova Iorque. Não foi tão difícil como a guerra travada na Itália, pois eles eram uma máfia menor e seu poderio inferior ao nosso.

Consegui com alguns policiais que fazem parte da nossa folha de pagamento, que eles fechassem o prostíbulo que Salvatore abriu na antiga casa da esposa do Lorenzo. Ele a devolveu, mas ela resolveu vender. Por falar em Perla, a sua fama ecoa nos quatros cantos. A poderosa chefona é respeitada por todos. A conheci em seu casamento, sua aparência não condiz com tudo que já ouvi sobre ela, porém, aprendi na pele como aparência engana. Nina sempre teve a aparência doce, sempre foi meiga, e não passa de uma diaba com cara de anjo.

Ela é a única Mancinni que não perdoei. Foram anos me dedicando ao amor que sentia, o que recebi como recompensa foi sua traição.

Amanhã é o grande dia, eu e toda minha família estaremos de volta ao lugar que nunca deveríamos ter saído. Pietro me disse que tem uma casa à venda próxima a sua, ele mora na mesma rua que Lorenzo. Inventei uma desculpa, disse que já comprei minha

casa, não posso morar perto dos Mancinni, pois pode interferir nos meus planos com a Nina.



— Sono i benvenuti. Sejam bem-vindos.

Somos recebidos com festa. Meu pai e eu estamos no clube, Don Lorenzo organizou uma festa de boas-vindas. Minha mãe está na mansão Mancinni com as mulheres. A festa durou toda noite, meu pai e o senhor Guiseppe parecem estar relembrando os velhos tempos, enquanto Enzo e eu estamos sentados assistindo a uma apresentação de strip-tease, enquanto recebemos um boquete.

Lorenzo foi para casa, provavelmente por causa da sua esposa e filha. Meu amigo e Don lambe o chão que sua esposa pisa. Ele tem sorte de ter uma mulher como a Perla ao seu lado, que arriscou a própria vida para acabar com seu arqui-inimigo, que na época era seu marido.

Uma das meninas que estavam fazendo strip-tease se aproxima de mim completamente nua, coloco seu mamilo em minha boca e chupo, com força. Abro suas pernas e enfio meus dedos nela, três de uma vez. Sua intimidade está mais do que acostumada. A vadia que está de joelhos chupando meu pau, para de chupar e me chama para o quarto. Levo as duas comigo.

Ao entrar no quarto, ambas tiram minha roupa. Me sento na beirada da cama e as duas me chupam, alternando entre as bolas e meu pau. A diaba surge em meus pensamentos, desde a última

vez que estive com ela, não sai da minha cabeça. No dia do casamento mal trocamos palavras, assim que acabou a cerimônia, voltei para Nova Iorque. Pedi que ela me desse a resposta somente quando eu retornasse de vez para Itália. A noite em que a fiz minha vem em meu pensamento, meu pau amolece. *Foda-se.*

— Chupa direito a *porra* do meu pau — grito e puxo pelos cabelos a ruiva que está me chupando.

A ruiva percorre minhas veias, meu pau fica duro de novo, o empurro com força na garganta da morena, que se engasga.

— Está vendo, *porra*? É assim que se chupa um pau. Fora daqui.

A ruiva me olha, com pavor, abre a porta e sai correndo.

— Diaba do *caralho*, vou acabar com você, Nina — resmungo, enquanto fodo a morena de quatro.

Por sua culpa, não acredito no amor. Nunca consegui me envolver com ninguém. Seu castigo vai ser ficar presa a mim. Nunca se apaixonar, ter filhos. Nunca mais foder. Se me trair, te mato.

Estou fodendo com tanta força que a morena grita.

— Foda-se.

Gozo. Ela desaba na cama, descarto minha camisinha, me visto e vou embora. Aquela diaba acabou com minha noite.



QUATRO

NINA

Tem horas que sinto o Enrico tão distante, não reconheço mais nele o homem que sempre fui apaixonada. Desde que disse sim, que aceitei namorar com ele, foram poucas as vezes que nos vimos. Ele sempre está viajando, envolvido com as coisas da máfia. Meus irmãos confiam nele e o tem em alta consideração, por isso, o delegam muitos trabalhos.

Faz um mês que ele voltou, hoje ele me ligou e disse que, assim que chegar, vai conversar com Lorenzo sobre a gente. Não sei como meu irmão vai reagir quando ele souber que Enrico me fez mulher quando eu tinha dezoito anos. Não acho necessário que ele conte sobre o nosso relacionamento antes de sua partida, mas ele quer tudo em pratos limpos. Acabei concordando, se não concordasse ele contaria do mesmo jeito. Enrico não é mais aquele homem que cedia a todos meus caprichos. Ele se tornou um homem mais duro, mais sério, de poucas palavras.

Enrico mal me toca. Nossos beijos são rápidos, sem entrega, ao menos, da parte dele. O indaguei por que ele está agindo assim, ele me disse que não acha certo agir como antes, que ele não quer mais problema com a minha família. Depois que nos casarmos,

podemos continuar de onde paramos, que se ele avançar o sinal, não vai resistir.

Entendo seu ponto, mesmo sendo adultos e não mais dois adolescentes, o entendo. Foi duro demais tudo que ele passou, foi obrigado a mudar de país, viver longe das pessoas que amava, tudo por causa de uma armação. Também sofri, também senti saudade. Enrico foi meu primeiro e único homem, sonhei por diversas vezes o ter em meus braços. Sentir seu corpo sobre o meu.

Quando meu pai disse que já estava na hora de ter compromisso, de se casar, senti como se estivesse o traindo. Fui para o Brasil, onde conheci Carla. Desde então, nenhum outro homem tocou em meu corpo.

Quando descobri que Enrico é o famoso Cruel, que tantos homens temem, cheguei a duvidar se é realmente com esse tipo de homem que quero me casar. Não que eu não conviva com homens maus diariamente, apesar de não me envolver com a máfia, sou filha e irmã de homens que, ao mesmo tempo são amorosos comigo, são homens que têm sangue em suas mãos.

Meu irmão Pietro é o pior dos três, ele pensa com a arma. Lorenzo, muitas vezes, segura sua fúria. Enzo sempre foi mais leve, brincalhão. Matar para ele era pura diversão, mas depois do que aconteceu e ele precisou fazer, seu humor se tornou negro. Ele está mais parecido com Pietro.

Lorenzo sempre foi o cabeça, o articulador, aquele que age com firmeza, mas com sabedoria. Ele herdou isso do meu pai. Meu

irmão se tornou um Don adorado por todos, ele e a Perla fazem uma boa dupla.



Estou ansiosa aguardando Enrico que entrou há mais de uma hora no escritório para falar com meu irmão.

— Calma, Nina, vai dar tudo certo. Lorenzo pode ficar chateado, achar que foi traído, mas ele gosta do Enrico, como irmão. Se,, por acaso, ele não concordar, faço greve de sexo

— Só você, Perla, para me fazer rir.

— Senta aqui, sua boba, que quero falar com você.

Me sento ao seu lado no sofá, ela segura minhas mãos.

— Falando sério, agora. Tem certeza de que é isso que você quer? Ainda dá tempo de voltar atrás

— Eu o amo, Perla, sei que ele não é mais o mesmo, mas meus irmãos são homens de darem medo a qualquer um, porém, lambem o chão que suas mulheres pisam.

— Você está certa, Nina, desculpe, é que você sempre esteve afastada dos assuntos da máfia, e agora vai se casar com um homem cruel. — Ao perceber o que disse, Perla começa a rir e eu também, Cruel é exatamente como chamam Enrico. Perla me abraça. — Tudo bem, só me preocupo com você, prometo não dizer mais nada, o melhor a fazer é organizar o casamento. — Sorrio e beijo sua bochecha.

Depois de vinte minutos conversando sobre decoração, finalmente a porta se abre e Enrico sai por ela, sua expressão é

indecifrável. Ele me chama, dou um beijo na testa da Perla e vou até ele, assim que entro, ele beija minha testa e caminhamos juntos até a mesa de Lorenzo, que nos observa. Assim que me sento, Lorenzo pede ao Enrico que nos deixe sozinhos, percebo que ele não gosta, mas obedece.

Quando Enrico sai e fecha a porta atrás de si, Lorenzo começa a falar:

— O seu envolvimento com Enrico foi de livre e espontânea vontade? — Fico espantada com sua pergunta. — Você era uma garota, Nina, a *porra* de uma garota de quinze anos. Enrico saía com Pietro e Enzo, algumas vezes, comigo. Fodia com as prostitutas do clube, enquanto namorava contigo. O maledetto tinha dezenove anos. Dezenove anos — Lorenzo esbraveja.

Sua conversa com Enrico não deve ter sido tão fácil. Particularmente esperava isso. Meus irmãos sempre foram protetores, para ele descobrir isso agora, é como ele tivesse falhado.

— Sempre fui apaixonada por ele, desde meus dez anos de idade. Lógico que aquele garoto de quatorze anos nunca iria se apaixonar por uma garotinha. Ele sempre me tratou como sua irmã, até que finalmente um dia ele olhou para mim do jeito que sempre quis, e esse dia foi o mais feliz da minha vida. Enrico sempre me respeitou, por mim, eu teria sido dele desde o dia que nos beijamos a primeira vez.

Lorenzo faz um som de desagrado.

— Sempre soube que ele ficava com as mulheres no clube, ele sempre foi sincero comigo. Sabia que era só sexo, apesar de eu querer me entregar a ele, ele nunca quis, o fiz me prometer que ele me faria dele quando eu completasse dezoito anos. Nesse dia o cobreí sua promessa, mas ele não quis, disse que falaria primeiro com seu pai sobre nós, e no dia da festa me pediria em casamento. Com raiva e cansada de esperar, entrei em seu quarto e me despi na sua frente, naquele dia só confirmei o que eu já sabia há muito tempo. Que eu era dele.

Lorenzo levanta e passa as mãos em seu cabelo. Se fosse o Pietro ouvindo o que acabei de dizer, iria atrás do Enrico com arma em punho. Com toda certeza, essa parte omitirei para meus outros irmãos e meu pai. Lorenzo diz estar muito puto, diz que tudo aconteceu bem debaixo do seu nariz e ele não percebeu. Meu irmão nunca estava em casa, Lorenzo viajava muito, do jeito que ele é observador, se tivesse ficado conosco mais de uma semana, teria percebido. Ele diz que acredita no nosso amor, mas me alerta que Enrico não é o mesmo que conheci, e tem medo que eu esteja o idealizando como o mesmo garoto de anos atrás.

Abro meu coração para ele, sou sincera em tudo, até mesmo quando ele me perguntou sobre meus relacionamentos com mulheres. Conversamos mais de duas horas, aos poucos, ele vai se acalmando. Uma das coisas que digo a ele é que me sinto culpada por não ter defendido o Enrico e não ter ido embora com ele, e que desde que aceitei seu pedido, ele não me tocou, quer fazer tudo certo desta vez.

Seguimos para conversar com nosso pai, e quando Enrico pede minha mão em casamento, meu pai nos surpreende, dizendo que sempre soube que éramos apaixonados e que um dia ficaríamos juntos, que ele e minha mãe conversavam muito sobre isso. Enzo leva numa boa, já Pietro se estranha com Enrico, chega a colocar uma arma na cabeça dele, mas meu pai intervém e no final tudo dá certo.

Com o tempo, ele vai se acostumar. Assim eu espero.



CINCO

NINA

Até agora, este é o dia mais feliz da minha vida, o dia em que me tornei esposa do homem que amo, o homem que sempre fez parte dos meus melhores sonhos. Sonhos esses que neste exato momento está prestes a virarem pesadelo.

Depois da cerimônia do nosso casamento que foi realizado no jardim da mansão Mancinni, seguimos para a festa no enorme salão da mansão. Estavam presentes toda a família, e os líderes que vivem espalhados pelo país e fora dele. Todos fizeram questão de estarem presentes pois é o casamento de um Mancinni. Enrico e sua família também são muito respeitados pela família.

Estávamos recebendo os cumprimentos dos convidados, quando se aproximou o Capo de Palermo, o senhor Francesco Rossi. Lembro-me dele. Quando Enrico vivia na Itália, antes do mal-entendido, o senhor Francesco sempre estava nas nossas reuniões familiares. Por diversas vezes, o vi transitando na mansão.

— *Sei diventata una bella donna, Nina. Enrico è un ragazzo fortunato.*

Ele disse que me tornei uma linda mulher e que Enrico é um sortudo. Enrico endureceu assim que o homem se aproximou, mal o cumprimentou. Depois que ele terminou de falar, agradei e meu marido balançou discretamente a cabeça. Depois disso, ele ficou um bom tempo tenso, só relaxou quando seus pais se aproximaram, nos convidando para dançar. A princípio, ele hesitou, mas acabou concordando com a minha insistência e de sua mãe.

Ao meu pedido, viajamos para Trancoso, no estado da Bahia, no Brasil. Durante a viagem acabei adormecendo, o dia foi muito tenso com toda a preparação para o casamento. Acordei quando chegamos ao resort.

Seguimos para o quarto, em silêncio. Na minha cabeça, Enrico faria como os homens dos filmes, e os meus irmãos. Segundo o relato das minhas cunhadas. Para mim, ele me pegaria no colo antes de entrar no quarto. Pode ser coisa de menina sonhadora, mas juro que esperei por isso.

Enrico abre a porta e faz sinal para que eu entre. Entro e, assim que o funcionário do resort, que trouxe nossa bagagem, sai, pego algumas coisas na minha mala e vou para o banheiro. Enrico permanece em silêncio, pensativo.

— Amor, está tudo bem? — pergunto, antes de fechar a porta.

— Sim — ele responde.

— Vou me trocar. — Ele me olha e não diz nada.

No banheiro, após o banho, abro minha pequena bolsa que estava dentro da minha mala e sorri, lembrando-me da Perla. Ela me

deu diversas lingerie, uma mais indecente do que a outra. Minha cunhada me deu um manual de como enlouquecer meu marido. Visto um conjunto branco que ela disse ser o da primeira noite. Passo hidratante e um pouco de perfume.

Saio do banheiro e encontro um Enrico de costas na varanda, observando o mar. Me aproximo dele e o abraço por trás. Encosto meu rosto em suas costas largas que está nua, ele está vestido somente com sua calça. Absorvo seu cheiro. Ele fica tenso e arrepiado, mas não se mexe e não diz nada.

Deslizo minhas mãos por seu corpo. Ouso em colocar uma mão sobre seu membro por cima da calça. Ouço-o grunhir. Ele está duro. Deslizo-a para cima e ameaço colocá-la dentro de sua calça. Antes que eu consiga, ele segura meu pulso. Tento colocar a outra mão, ele a segura com força.

— Não, *cazzo*! — ele esbraveja e vai para o banheiro. Fica lá por um bom tempo.

Sem entender, me sento na cama, as lágrimas rolam, mesmo que eu não queira. Enrico sai do banheiro vestido de uma cueca boxer branca, meus olhos passeiam por todo seu corpo. O desejo tanto.

— Enrico, o que aconteceu?

— Estou cansado, Nina. Amanhã a gente conversa.

Ele deita e dá as costas para mim. O que era para ser o dia mais feliz da minha vida, é uma grande decepção. Não consigo entender esse comportamento, foram meses namorando em que ele não me tocou, com a promessa de matarmos o tempo perdido depois do casamento e, agora, isso. Não consigo pegar no sono,

levanto-me e vou para a varanda, observo os movimentos das ondas. Meus pensamentos vão e vem como elas, por mais que eu pense, não consigo chegar a lugar nenhum.



Sou despertada com o sol forte sobre minha pele, me levanto e entro no quarto. Para minha surpresa, a mesa está posta com o café da manhã e o Enrico não está no quarto. Apesar do nó na garganta, me obrigo a comer um pouco, a cada mordida uma lágrima.

Levanto-me e vou tomar um banho, mais lágrimas caem. Reflito sobre nosso relacionamento desde que voltamos a namorar, e só agora que percebo o quanto distantes ficamos. Foram meses de namoro e noivado no qual mal nos tocamos. A desculpa sempre foi o compromisso com a máfia e com a família. Confesso que estou com medo.

Será que ele não sente mais nada por mim? Então, por que casar?

Não pode ser isso. O jeito que ele me olhou quando caminhei até ele no altar, e o tesão que ele ficou quando o toquei, me diz que ele sentiu algo por mim.

Estou tão confusa.

Saio do banheiro e ele está no quarto, todo suado, devia estar correndo. Não conheço seus hábitos, a gente quase não conversava.

Visto um short e um cropped, por baixo coloco meu biquíni. Finjo que não o vi e arrumo minha bolsa, com óculos, protetor solar, saída de praia, carteira e pego meu chapéu.

— Aonde você pensa que vai?

— Bom dia. Vou à praia, quando você achar que mereço uma explicação sobre o que aconteceu ontem, conversamos.

Seguro a maçaneta da porta e a abro, antes que eu saia, ele a bate, com força. Não fico com medo, convivo com homens brutos e maus diariamente. Viro-me para ele e o encaro.

— Senta-se, Nina.

— Estou bem em pé.

— SENTA, CAZZO! — ele grita.

Caminho lentamente até a mesa, puxo uma cadeira e me sento. Além de meu marido, ele é Capo, querendo ou não tenho que obedecê-lo. Me conhecendo bem, sei que não vai ser sempre assim, mas neste momento estou perdida, sem saber o que se passa em sua cabeça.

— Sentei, senhor meu marido — faço aspas com os dedos, ele falta me comer com os olhos

— Você acha que seria assim tão fácil, Nina? — diz, assim que me sento. Sua entonação me dá arrepio. De repente, não é mais o Enrico que está à minha frente, estou tendo o desprazer de conhecer o Cruel. Seus olhos estão escuros, seu lindo rosto se transformou em uma imagem diabólica. Estou com medo. Um medo que até há pouco tempo não sentia.

— Você me traiu, me humilhou, não me procurou, se envolveu com mulher. Com mulher, *porra*. E acha que o otário aqui iria cair outra vez nas suas garras?

Minha mente demora a entender seu ponto. Depois de alguns segundos, compreendo a amargura de suas palavras. Enrico Ferri me odeia.



SEIS

NINA

Avanço para cima dele. Consigo dar dois socos em seu peito, antes de ele segurar meus pulsos, que aperta com força.

— Se você me odeia, por que essa palhaçada de casamento? — grito, aos prantos.

Ele examina meu rosto, não sei o que procura, talvez se estou sendo sincera. Foda-se o que ele pensa.

— Vou te dizer como vão ser as coisas daqui para frente.

Estou com tanta raiva, que o medo que estou desse homem é o que menos importa. Não acredito que tentei feri-lo, se ele quisesse, poderia ter quebrado meu braço, fui imprudente, agi por impulso.

— Você é minha *moglie*, sua família não tem mais poder sobre você, porque agora é uma Ferri. Você é livre para fazer o que quiser, pouco me importa se vai ao shopping, fazer curso, ou fofocar com as amigas. As únicas coisas que você não pode fazer é falar sobre o que acontece entre nós dois, com ninguém. Na frente de outras pessoas e, principalmente, da famiglia, seremos o casal mais feliz do mundo.

— Isso não faz sentido — digo e ele segura meu queixo, aperta bem forte.

— Vingança, Nina. Esse é nosso acerto de contas. Te condenar a uma vida sozinha, sem amor. Da mesma forma que você fez comigo. Por sua causa, nunca consegui me envolver com ninguém, mas isso não importa. O que eu quero que você saiba é que você não vai me ter e a mais ninguém. Se me trair, te mato.

Ele me solta, eu pego minha bolsa e saio correndo. Enrico grita, me chamando, não respondo, ele manda seu soldado atrás de mim. Chego à praia que está deserta, sento-me na areia, bem perto do mar, e lamento. Choro, sem acreditar no que está acontecendo. Como ele pode fazer isso comigo? Como posso viver uma vida inteira ao lado do homem que amo, sem poder o tocar? É pior, saber que ele me odeia.

Meu celular toca, não quero atender, pode ser o monstro do meu marido. A pessoa insiste. Pego-o na minha bolsa, é a Perla, tenho que atender, mas o que vou dizer? As palavras do Enrico vêm à minha mente. “Agora você é uma Ferri.” Se eu contar para Perla, teremos uma guerra interna. Me concentro para não deixar transparecer minha angústia.

— Bom dia, cunhadinha.

— Bom dia, recém-casada. Como está a lua de mel? Já usou alguns dos truques que te ensinei?

Se ela fizesse ideia do que está acontecendo, que meu marido não passa de um monstro vingativo. Que ele nem me tocou.

— Isso é pergunta que se faça?

— Para de frescura, Nina. Você ficou anos sem disfrutar do que é bom. Me perdoe dizer, mas nada melhor do que um pau. Pela

sua voz rouca, vejo que usou bastante essa boca. Foi garganta profunda, na primeira noite?

Só minha cunhada para fazer que eu sorria em meio a esse caos que está minha vida.

— Sabia que você é muito indiscreta? — Ela ri.

— O Enrico lembra o meu falecido carrasco. A diferença é que ele se casou com você por amor, já eu, fui pagamento de uma dívida.

Perla sempre está certa, mas não desta vez. Enrico Ferri, meu marido, me odeia.

— Eu tinha minhas dúvidas em relação a ele — ela continua. — Porém, no casamento, vi o quanto ele a ama. O jeito que ele ficou, só um homem apaixonado agiria daquela forma. Preste atenção no que vou dizer, Nina. Homens como Enrico às vezes podem agir como um babaca, devido à vida que eles têm. Com o tempo, você vai aprender a lidar com isso, vai aprender a dominá-lo, sem que ele perceba. Com o monstro do meu falecido marido, eu o deixava pensar que estava no controle, quando, na verdade, eu quem estava. Lógico que a situação é diferente, eu odiava Salvatore. Você acha que dou mole para seu irmão? Ele é o melhor marido do mundo, mas de vez em quando age como um babaca, mas eu o coloco em seu lugar. Seu marido passou muitos anos nas trevas, por mais que ele a ame, vai ser difícil separar as coisas. Para que tudo dê certo, vai depender de você.

— Por que você está me dizendo isso tudo?

— Como diz seu irmão, sou uma intrometida do *caralho*. — Gargalho. — Como é Trancoso, tão lindo como nas fotos?

— Até agora, eu só vim até a praia de frente para o resort

— Safadinha. Está mandando ver. Isso aí, cunhada, um pau bem gostoso *pra* chamar de seu é a melhor coisa. E seu marido é um espetáculo, aproveite.

— Adeus, Perla.

— Calma, não precisa me expulsar. Te amo, Nina. Sabe que, se precisar, estou aqui. Vou sentir sua falta.

— Acho que não. Do jeito que você é intrometida, vai me ligar sempre. — Ela ri alto. — Te amo.

Impressionante as palavras da Perla, parece que ela sabe exatamente o que está acontecendo, tirando a parte do sexo, e a que ela disse que Enrico me ama.



ENRICO

Por mais que eu não quisesse, estava nervoso como um inferno no altar, enquanto esperava por ela. Minhas mãos suavam e meu coração batia, acelerado. Os irmãos Mancinni fizeram gracinha e eu caí na pilha, os xingando bem alto no altar. Acabei sendo repreendido pelo padre.

Por que eu estava daquele jeito, se o casamento nada mais é do que uma vingança? Quando a música começou e todos se

colocaram de pé, meu coração quase parou com a visão dela. Nina estava perfeita. Linda. Finalmente ela seria realmente minha. Mas que *porra* estava acontecendo comigo? Naquele me momento esqueci de tudo que ela me fez, eu estava feliz. Fiquei hipnotizado por sua beleza.

Seus passos lentos me deixavam ansioso, não via a hora de tê-la em meus braços. Que *porra* que eu estava pensando? A ter em meus braços não faz parte do plano. Ainda bem que voltei a mim, quando vi o maledetto do Francesco Rossi, lembrei-me de tudo que passei. Se eu conseguir provar que ele foi o mentor da armação contra minha família, ele vai ver o quanto posso ser cruel.

No dia do nosso noivado, Nina me pediu na frente de sua família para passarmos a lua de mel em Trancoso, no Brasil. Não pude negar, por mim, poderíamos ter ido direto para minha casa, em Verona, onde ela vai viver comigo.

Ontem foi um inferno sentir seu toque no meu corpo. Infelizmente não sou imune as suas mãos macias e seu cheiro. *Porra*, ela estava muito cheirosa. A diaba colocou uma mão sobre meu pau, enquanto a outra deslizava sobre meu peito. Minha vontade era esquecer a vingança e a foder de todas as formas possíveis. Cheguei a cogitar. Reivindicá-la como minha, mas sei que esse é um caminho perigoso. Depois de tomar seu corpo, posso cair novamente em suas garras e voltar a ser o idiota de antes.

Fui para o banheiro, precisava ficar distante dela e de um pouco de alívio. Me masturbei com raiva do efeito que ela tem sobre mim.

Pela manhã, ao acordar, vi que Nina não estava na cama, a porta da varanda estava aberta, chegando lá, ela estava dormindo em um pequeno sofá, achei melhor não a acordar, precisava de mais tempo.

Ligo para a recepção e peço nosso café da manhã, bebo um copo de leite e saio para correr na praia. Meu corpo está muito acelerado, eu me conheço muito bem, tenho que gastar energia antes de fazer algo que me arrependa depois.

Assim que entro no quarto, Nina sai do banheiro, de banho tomado, com um micro short e uma *porra* de um top de renda.

— Aonde você pensa que vai? — pergunto, furioso, e a impeço de sair, a obrigo a se sentar.

A diaba me olha de uma forma soberba, dona de si, como estivesse no comando.

— Sentei, senhor meu marido — me responde, fazendo aspas com os dedos quando diz marido. A olho, com fúria.

O que ela está pensando? Que não sou homem?

A coloco em seu lugar, pelo seu olhar, ela finalmente entendeu que não vai adiantar nenhum truque, que eu nunca mais serei dela novamente, que ela está presa a mim.



SETE

ENRICO

A adrenalina percorre meu sistema. A sentença de morte que por mim já foi decretada, faz meu corpo reagir em antecipação. O medo se faz presente, posso senti-lo no ar.

Tudo é negro.

Sombrio.

Mórbido.

Olho para o homem sangrando que está sob meu domínio e sorrio. O sangue escorre por todo seu corpo. Seus cortes e perfurações são uma verdadeira obra de arte.

Sinto prazer com o seu medo. Ele é pungitivo, contundente. O cheiro do seu medo me estimula, ele sabe quem sou e que não tem nenhuma chance. Anseio por mais, quero cortar cada parte do seu corpo, porém, tenho que me segurar, senão ele morre antes de me passar as informações que preciso.

— Para quem você trabalha? — pergunto, sem agressividade, como se estivesse falando com um bebê. Enquanto isso, afio minha espada. O homem, que já está sem uma das suas mãos e todo cortado, implora por sua vida.

Me regozijo com sua dor. O sangue escorrendo e seus gritos alimentam minha alma. Homens maus que pertencem à máfia,

como ele, me temem. Ninguém quer cair nas minhas garras. Cruel é o meu codinome, minhas ações correspondem a ele.

— Trabalho para os russos — o homem diz, em murmúrio. Sua vida está escapando. Agora que tenho a informação que almejava, pego minha espada e cravo em seu peito, dando-lhe o golpe final.

— Deixem tudo limpo — digo e vou ao encontro do Capitão, que é meu pai. Sandro Ferri.

Os russos nunca se envolveram com os Mancinni, sempre respeitaram nossa soberania. Quando morava em Nova Iorque, eles não se metiam em nossos negócios. Algo aconteceu para que a posição deles mudassem.

Depois de um dia intenso de trabalho, sigo para casa. Entro e ela está silenciosa, nenhum dos meus soldados me avisou que Nina não estava em casa. Ela tem permissão de sair somente sob vigilância.

Caminho até o seu quarto e ela não está, desço rapidamente e a procuro no meu escritório e na biblioteca. Ela não está. Ligo para Costa, que é seu segurança, ele me diz que eles estão no shopping, que Nina quis fazer compras. Pergunto por que ele não me avisou, mas ele diz que me ligou por diversas vezes. Verifico no meu celular, realmente há várias ligações.

Não ouvi, pois, está no silencioso. Quando estou arrancando informações do inimigo, o único som que quero ouvir é de dor, de angústia, de medo.

Muito estranho Nina ir ao shopping, de repente. Desde que nos casamos, ela não faz nada a não ser chorar e tentar me convencer de que não me traiu. Evito ao máximo de entrar em contato com ela, seu choramingo é insuportável. Não acredito em uma só palavra que sai da sua boca. Essa diaba não tem mais domínio sobre mim.

Retorno ao seu quarto e procuro alguma pista de algo que ela possa estar aprontando. Não encontro nada. A diaba com cara de anjo é esperta, mas eu sou muito mais. Tenho quase certeza que essa saída repentina tem a ver com a surpreendente visita da Perla. Ontem ela apareceu sem avisar em nossa casa. Ficou por horas conversando com a Nina. Perla é uma mulher sábia e astuta, mas não me preocupo, se por acaso, Nina contou para ela como vivemos e ela informou ao Lorenzo. Ele nada pode fazer, Nina agora é uma Ferri.

A porta se abre, ela entra seguida de dois seguranças com as mãos repletas de sacolas. A estudo, ela está feliz, e isso não me agrada. A diaba me deseja boa noite e sobe as escadas com os seguranças à sua cola. Os sigo, eles colocam as sacolas sobre sua cama e saem.

— Está precisando de alguma coisa, Enrico? — ela pergunta.

A olho por uns instantes, seu corpo está coberto por uma calça jeans que modela sua curva, um encaixe perfeito em seu bumbum. Ela usa uma blusa de seda branca sobre sua pele macia. Seus seios fazem volume no tecido. Reprimos o desejo que sinto por seu corpo, gemo e saio antes que meu pau me denuncie. A

odeio e a desejo na mesma proporção. Não como antes, quero apenas seu corpo, mas não me atrevo a tocá-la, nunca mais vou cair em suas armadilhas. Entro em meu quarto e bato a porta, odeio o poder que aquela diaba tem sobre meu corpo, nenhuma mulher me faz me sentir assim. Entro no box e ligo o chuveiro, mesmo que eu não queira, é inevitável não imaginar seu corpo sob o meu. Esses pensamentos se intensificaram depois que passamos a viver juntos.

Em nossa primeira noite, sem que ela soubesse que nunca a tocaria, Nina se preparou como uma mulher se prepara para sua noite de núpcias. Foi um inferno sentir suas mãos sobre meu corpo, e vê-la naquela camisola transparente, ela estava *sexy pra caralho*. Praticamente fugi do quarto, a *porra* do meu pau me traiu, assim que suas mãos delicadas deslizaram pelo meu corpo. Faltou muito pouco para que eu colocasse tudo a perder.

Movimento meu pau para cima e para baixo. Penso no seu monte escondido atrás do tecido, das suas curvas e da forma arredondada de sua bunda. Seu corpo agora é de mulher, o imagino nu. Se ela não tivesse me usado, me traído, tudo seria diferente. Acelero os movimentos, até que meu gozo espirra na porta de vidro do box, e o restante fica sobre minha mão.

Às vezes penso que estar casado com a Nina é ruim não só para ela, como para mim também. De certa forma, estar preso a ela, tem sido o meu inferno particular. A cada dia que passa perco ainda mais o interesse em estar fodendo outras mulheres. Já me

peguei fodendo algumas prostitutas do clube e, na minha liberação, chamar seu nome. Não sei que *porra* de poder é esse que essa mulher tem sobre mim. A odeio, porém, não consigo desejar outra pessoa que não seja ela.

Quando fui claro com ela em nossa lua de mel, Nina foi para a praia e ficou por lá por um bom tempo, quando retornou para o quarto, foi direto para o banheiro e não disse nada. A comuniquei que iríamos embora. Ela respondeu debochadamente: “Sim, senhor meu marido”, e começou a arrumar sua bagagem. Naquele momento, percebi que não seria tão fácil quanto eu imaginava.

Quando chegamos à minha casa, que passou a ser nossa, Nina ficou uns dois dias sem falar comigo, apenas respondia caso eu a perguntasse alguma coisa. Antes do casamento, havia mandado preparar um quarto para ela. Nina ficou surpresa quando descobriu que não compartilharíamos o mesmo quarto, mas não reclamou, permaneceu muda.

Fico o máximo possível do tempo na rua, e quando estou em casa, me tranco no meu escritório. Assim, evito de ficar em contato com ela, estou me protegendo de mim mesmo.



OITO

NINA

Exatamente há três meses, me casei com um lobo mau e selvagem, que fica à espreita, observando todos os meus movimentos. Mesmo não estando presente, seus olhos me observam através de seus homens. Como uma fera faminta, aguarda o momento do ataque. Um passo errado, apenas um ato falho, ele me ataca com suas garras afiadas.

Seus dias são dedicados à máfia e fazer com que sua promessa se cumpra. Que eu viva só, sem amor, sem sexo e que nunca seja tocada por ele.

Quando Enrico está em casa, se tranca no escritório, muitas vezes, sai de lá tarde da noite, bêbado. Ouço seus resmungos no corredor que dá acesso ao nosso quarto. Sua fala enrolada e a dificuldade de abrir a porta do quarto chamam minha atenção, pois só consigo dormir depois que ele entra em seu quarto.

Muitas vezes, me comporto como uma espiã, saio do meu quarto descalça, piso na ponta do pé. Vou ao seu quarto e coloco o ouvido atrás da porta.

Uma vez, a porta estava aberta, ele estava jogado de bruços na cama, me aproximei e o ouvi me chamando de diaba: “*Nina, você é uma diaba*”.

Sabe aquele ditado que diz: falem mal, mas falem de mim? Foi exatamente o que pensei. Bêbado, me xingando, sinal de que ele pensa em mim, não do jeito que eu queria, mas é alguma coisa. O engraçado nessa história é que ele mata, tortura, e eu que sou diaba. Vai entender.



Apesar de ser o monstro cruel que todos conhecem, Enrico nunca me levantou a mão, nem mesmo nos primeiros dias em que reconheço ter dito coisas horríveis para ele, de ter o ofendido e, muitas vezes, agredido. Ele apenas segurava meu pulso, como fez na nossa lua sem mel.

O que mais me dói nisso tudo é o seu desprezo, e todas as vezes que ele chega com cheiro de perfume barato. Sempre que Enrico chega tarde, pela manhã quando ele sai para trabalhar, entro em seu quarto e cheiro suas roupas. Me comporto como uma louca.



Ontem pela manhã fui surpreendida pela visita da Perla, a última vez que nos vimos foi no meu casamento. Minha cunhada chegou sem avisar, e isso me deixou ao mesmo tempo feliz e desconfortável. Enrico estava em casa, em seu escritório, com dois dos seus homens. Tenho certeza de que ele não gostou da novidade, pois quando ela foi embora, me perguntou se foi eu quem a convidei.

Meu "marido" gosta dela, sua preocupação é que a família saiba do nosso acordo, quer dizer, acordo que ele propôs. A levei para meu quarto, onde os soldados não têm permissão de entrar, para conversar mais à vontade com minha cunhada.

— *Como vão as coisas, Nina? Você está tão magra. Quando eu te disse para recuperar o tempo perdido, não quis dizer para você exagerar — ela diz, brincando. Sorrio, sem muita vontade, pois nada disso é verdade.*

— *Normal, eu acho. Enrico fica muitas horas fora de casa por causa dos seus compromissos, de vez em quando faz viagens curtas. — Termino de falar e Perla não diz nada, fica um bom tempo me observando.*

— *Isso não é conversa de mulher recém-casada, Nina. O que está acontecendo? Não me venha com mentira, quero saber a verdade.*

Fico pensativa, eu preciso desabafar, mas ao mesmo tempo tenho o receio de que Perla conte ao meu irmão e ele mande acabar com o Enrico. Devido ao meu silêncio, Perla se pronuncia:

— *Nina, pode se abrir comigo, o que você me contar, ficará entre nós duas, a não ser que seu marido tenha levantado a mão para você, se for isso, ele vai se ver comigo e com a fúria dos Mancinni. Mesmo sendo uma Ferri, você ainda é uma Mancinni.*

— *Enrico nunca me bateu, ele pode ser agressivo de vez em quando, mas só com palavras. Pra te falar a verdade, eu que o agredi, mais de uma vez.*

— Por que, Nina? Não se levanta a mão para um homem desse. Ele te traiu, é isso? — Perla me olha, em expectativa, resolvo me abrir com ela. Não aguento mais guardar essa angústia dentro do meu peito.

Conto tudo a ela, desde a fatídica lua de mel. Perla ouve atentamente, em completo silêncio. Ela não reage como pensava, minha cunhada não diz nenhum palavrão, não demonstra raiva. Ao terminar de relatar como tem sido minha vida até o dia de hoje, ela diz:

— Então, Enrico preparou tudo isso — ela aponta com o dedo ao redor do quarto, como estivesse falando da casa —, casamento, uma bela de uma mansão, e se condena a viver a vida toda ao seu lado, porque te odeia? Ah, esqueci de mencionar o fato de que ele nunca te tocou.

Perla fala como se conversasse consigo mesma, gesticulando com as mãos, caminhando pelo quarto. Fico a observando, sei que quando ela age assim, é porque está pensando.

— Ok, Nina. — Ela se senta na minha cama, cruzando as pernas, me encosto na cabeceira e aguardo suas sábias palavras. — Seu marido é louco.

— Também acho, Perla.

— Fica quieta, Nina, deixe-me terminar. Enrico é um louco, sim, mas um louco apaixonado. Esse maluco sempre te amou, por isso, considera que você o traiu, porque depois de tanto tempo juntos, na hora que ele mais precisou, você não se dispôs a ficar com ele.

— Eu não podia, tinha apenas dezoito anos e seu pai tinha sido acusado de traição.

— Isso não é desculpa, Nina. Enrico e sua família receberam um golpe muito grande, eles precisavam de pessoas que acreditassem neles. Pelo que fiquei sabendo, só Lorenzo que não acreditou que eles traíram a família. Você teve a opção de ir atrás dele depois que tudo ficou esclarecido, mas em vez disso, foi para o Brasil. — Minhas lágrimas, que até então segurei, começaram a cair

— Eu fiquei esperando, pensei que ele viria me buscar.

— Te buscar, Nina? Você consegue ouvir o que está dizendo? Você não deu nenhum indício de que acreditava nele, não aproveitou a oportunidade para dizer que estavam juntos. Talvez as coisas seriam diferentes, se você não tivesse agido como uma covarde.

Nunca vi por esse lado. Tive razões para não aceitar fugir com ele naquele momento, mas e depois? Por que não o procurei? Minha família queria que eu me envolvesse com algum dos homens da famiglia, em vez de dizer que eu era do Enrico, fugi para o Brasil com a desculpa que iria estudar.

Perla está certa, fui covarde, ainda mais porque eu tinha como obrigar a minha família a aceitar nosso relacionamento. Uma semana depois que eu estava no Brasil, descobri que estava grávida. Estava esperando um filho do Enrico. Esse é um segredo que guardo para mim, a única pessoa que sabe sobre

meu filho, que infelizmente morreu depois do parto, é a Carla, que ficou o tempo todo ao meu lado.

— Você está certa. Agi como uma garotinha medrosa, fui covarde. E agora, o que faço? Enrico me odeia. — Ela sorri

— Ele pode ser cruel, malvado, seja o que for, mas ele te ama. Um homem como ele, se não a amasse, se vingaria de outras formas e, com certeza, se casar com você e não te tocar não seria uma delas.

— Não entendo.

— Senta — ela diz, não me lembro de ter levantado. Me sento outra vez na cama, mas desta vez não encosto.

— Enrico não te toca, porque sabe que no momento que fizer isso, vai esquecer essa merda de vingança e se entregar ao que sente por você.

— Não sei o que fazer, Perla. Enrico quando está no seu modo cruel, me dá medo. Só agora entendo que ele tem razão de se sentir assim. Fui egoísta, pensei só em mim, nunca me coloquei em seu lugar.

— Fui casada com um monstro, Nina, e senti na pele o quanto eles podem ser cruéis. Cabe a você conquistar seu marido, fazer com que ele confie em você. Depois fazer com que a deseje a um tal ponto que ele não possa resistir. Para conquistar Salvatore, deixei de agir como uma garota medrosa, triste e chorona, por mais que por dentro era tudo o que eu era. Faça seu papel de esposa, o acompanhe nos eventos, faça com que todos a admire e respeite. No dia a dia se faça presente, não fique se

escondendo. Você não imagina o quanto foi difícil fingir que amava o Salvatore. Com você vai ser mais fácil, porque você não vai precisar fingir.

Perla ficou um bom tempo conversando comigo, me deu dicas preciosas para conquistar meu marido, por isso, fui ao shopping, resolvi mudar todo meu guarda-roupa, e ainda encomendei alguns vestidos com a estilista dela de Nova York.

Enrico Ferri vai ser meu, afinal de contas, sou uma Mancinni Ferri, duplamente persistente.



NOVE

ENRICO

Há duas coisas nesta vida que anseio desesperadamente, uma é me vingar da Nina, a outra é provar que Francesco foi o cabeça da armação contra meu pai. Finalmente este dia chegou, o dia em que os Mancinni não terão mais nenhum resquício de dúvida a respeito da fidelidade dos Ferri.

Com a faca cavando a garganta do soldado de merda do Francesco, pergunto: — Quem mandou seu irmão dizer na época ao Don Guiseppe, que o meu pai que tinha o traído, e por que o mandante nos queriam fora?

Depois de tantos anos, descobri que uns dos soldados que envolvido na armação contra minha família era irmão desse maledetto que trabalha para Francesco. Até hoje nunca engoli a história que foi tudo armado pelos soldados, ainda mais depois do assassinato da senhora Mancinni.

Com a morte da senhora Mancinni, Don Guiseppe, nem os rapazes não se ligaram aos fatos, sempre tive a certeza de que a armação que fizeram contra minha família e a sua morte faziam parte de um só plano. Infiltrei alguns homens na equipe do Francesco e através deles cheguei a esse soldado que é seu braço

direito, segundo meus informantes, ele é irmão do homem que entregou meu pai, o mesmo que Lorenzo executou, depois de descobrir toda a armação.

A dor e a tristeza dos Mancinni fizeram com eles executassem todos os homens que participaram diretamente do assassinato da senhora Mancinni, uma mulher doce, que considerava minha tia. Eles não enxergaram a situação como um todo, até entendo, eles se sentiam traídos por duas pessoas que consideravam da família e, logo em seguida, perderam a coluna da família, era assim que tio Guiseppe dizia, minha tia era aquela que dava consolo, curava as feridas e trazia doçura à feiura do nosso mundo.

— Nós apenas obedecemos a ordem, senhor.

— Ordem de quem? — Empurro um pouco a lâmina em sua pele grossa, o sangue se esvai em pequenas gotas.

— Senhor Rossi.

— Figlio di puttana.

O maledetto Francesco Rossi estar envolvido não é novidade, o que me intriga é a motivação. A morte da senhora Mancinni não mudou em nada sua posição na hierarquia, ele continua sendo Capo, uma bosta de um Capo. Tomo distância do homem, pego uma cadeira e me sento à sua frente.

— Por quê? Por que disso tudo? A intenção era nos afastar para matar a senhora Mancinni? — rosno.

Minha presa arregala os olhos, mas não diz nada. É nítida sua surpresa em eu ter associado a armação com o assassinato. Pego

a arma que está nas minhas costas e atiro em sua perna. Ele grita e clama por sua vida.

— Está filmando isso? — pergunto ao Costa, homem de minha confiança. — Em breve os Mancinni terão um bom filme para ver, só não sei se eles são adeptos a filme de terror. Por quê?

— Não posso trair meu chefe, ele é o meu Capo — diz, gemendo de dor

— Seu chefe é um Capo de merda que traiu a famiglia, por causa dele minha tia morreu, eu e meu pai fomos expulsos, perdi o amor da minha vida. Tudo por causa do fodido traidor do seu chefe.

— Eu não... — Antes que ele conclua, pego um saco plástico e enfio em sua cabeça, ele se debate, buscando ar.

— Responde a minha pergunta, porra — digo, assim que retiro o saco plástico de sua cabeça, o homem busca ar desesperadamente em meio à tosse.

— Foi tudo por ciúme, amor e dinheiro. O senhor Rossi sempre teve inveja da amizade do senhor Guiseppe com seu pai e era apaixonado pela senhora Mancinni. Não sei como Salvatore descobriu isso, então, ele conseguiu convencer ao senhor Rossi a fazer o senhor Guiseppe sofrer, por preferir seu pai a ele e por ter tirado a senhora Mancinni dele. Segundo ele, o senhor Guiseppe e ele a conheceram na mesma época e ele a roubou dele. Essa parte nunca entendi, porque ela era casada com Vincenzo, antes de se casar com o senhor Guiseppe. Salvatore deu uma boa quantia de dinheiro e pediu que ele se livrasse do seu

pai, que só assim seria mais fácil de ele sequestrar a senhora Mancinni, no acordo ele a entregaria ao Rossi e ele fugiria com ela, mas o que ele não sabia era que o intuito do Salvatore nunca foi esse e, sim, assassiná-la para vingar seu pai, como ele fez com tantos outros.

— CAZZO! Você e todos os homens que participaram disso são tão traidores quanto Francesco, vou eliminar um por um, começando por você.

Pego minha espada e dou vazão ao monstro que habita em mim. Não há um pedaço do seu corpo que minha espada não tenha perfurado. Por último, com seu corpo já sem vida, corto sua cabeça, a seguro pelo cabelo e mostro para a câmera. Esse é apenas o começo, de agora em diante cabe ao meu tio Guisepppe vingar a morte de sua esposa.

Meu coração segue aliviado, depois de tantos anos finalmente não resta dúvida nenhuma quanto a fidelidade da minha família para com a famiglia. Hoje mesmo essa filmagem estará nas mãos do Lorenzo, incumbi ao Costa de entregar pessoalmente, daqui a poucas horas ele estará em Roma, por sorte, Enzo e Pietro estão na cidade. Ao ligar para Lorenzo disse que eles devem assistir juntos.

Saio do clube, feliz pelo meu feito, tudo está se encaminhando perfeitamente bem, a primeira etapa da minha vingança está concluída, agora tenho que lidar com a diaba que coloquei dentro de casa. Essa vai ser a parte mais difícil. Antes, quando tive essa ideia absurda de me casar com ela, pensei que não seria difícil,

mas conviver com ela todos os dias está longe de ser fácil, mas Nina não me engana mais, ela está condenada a viver dentro dos meus termos, minha prisioneira tem algumas regalias, não é ruim de tudo. Sua corrente é longa, mas como todo prisioneiro, tem limite, e o dela é viver presa a mim, sem amor e sem sexo. Ela vai pagar por tudo que me fez.



DEZ

NINA

Minha cunhada é uma mulher muito sábia e esperta. Nunca imaginei o quanto eu estava errada em relação ao Enrico e, pior, agindo feito uma idiota, me escondendo nesta casa.

Cadê a Nina alegre, espontânea?

Sinceramente, a Nina que sempre fui deixou de existir depois da decepção que se tornou meu casamento, e como um déjà vu, em vez de enfrentar meus problemas, me mantenho à distância. Me escondo, sou craque nisso.

As palavras da Perla foram um verdadeiro banho de realidade, como se esse tempo todo eu estivesse em um lugar à parte da vida real, da vida como realmente ela é. Depois que Enrico foi trabalhar, fui às compras, transformei todo meu guarda-roupa. Abandonei meus vestidos sem graça de garotinha do papai, por vestidos sensuais.

As mudanças não param por aí, conforme Perla me orientou, vou mudar completamente minha rotina. Não vou mais ficar me escondendo feito uma criminosa, a partir de hoje irei me fazer presente, ele queira ou não.

Levanto-me após uma noite de sono tranquila, fazia tempo que não dormia tão bem. Perla fez com que minha esperança fosse renovada.

Depois do banho, coloco um short curto e uma regata de algodão, minha primeira missão é tomar café da manhã com Enrico. Quero surpreendê-lo com minha presença, desde que viemos morar nesta casa, faço minhas refeições no quarto ou na cozinha, quando ele não está presente.

— Bom dia — digo, assim que chego à sala de jantar onde Enrico está sentado, tomando seu café. Ele me direciona um olhar surpreso, maneia a cabeça sem dizer uma palavra. Me sento.

— Buongiorno, signora Nina — Georgia, minha cozinheira, diz, com alegria.

— Que bom que a senhora acordou a tempo de tomar seu café com seu marido. Fiz um pane casereccio, está quentinho, do jeito que a senhora gosta.

— Obrigada Georgia, se você continuar me mimando desse jeito, vou acabar ficando gorda e feia. — Ela sorri e retorna para a cozinha, volta com os pães no cesto. Enrico fica observando.

Saboreio o pão, tomo um copo de suco e penso no que dizer ao meu marido com cara de zangado. Uma ideia surge, espero que dê certo.

— Enrico, preciso que me faça um favor. — Ele apoia seu queixo em suas mãos que estão unidas e aguarda que eu continue. — Eu poderia pedir ao meu pai ou ao meu irmão, mas como você deixou bem claro, agora sou uma Ferri. — Ele levanta sua sobrancelha esquerda, está impaciente. Meu marido mesmo com

raiva é lindo. — Preciso de um emprego na minha área. Estudei durante anos para me formar, antes de me casar estava estagiando, estou há muito tempo sem fazer nada e isso está me incomodando.

Enrico me estuda, está pensativo. Continuo saboreando as delícias que estão na mesa. Como uma maçã, um croissant acompanhado de um delicioso suco de abacaxi com hortelã, e volto a olhar para ele, que está em silêncio, me observando.

— Se você não puder me fazer esse favor, me avisa, para que eu possa conseguir de outra forma. — Termino de falar, peço licença e me levanto. Quando me afasto, ele me chama.

— Nina. — Paro e viro meu corpo em sua direção. — É de minha responsabilidade tudo o que se refere a você. — Ele para de falar por um momento e depois continua: — Temos uma empresa de fachada onde gerenciamos nossa organização, fica em um prédio de três andares, parecido com o que seu pai tem em Roma, se você quiser, pode trabalhar por lá. Vejo uma sala para você, precisamos de alguém da famiglia para cuidar de pequenos casos, como eventuais prisões.

— Obrigada. Me aguarde que vou me trocar para ir com você, isso é, se fosse estiver indo para a "empresa". — Sua expressão mostra perfeitamente que ele está surpreso, aos poucos estou conhecendo meu marido.

Ele não diz nada, saio da sala rebolando um pouco para chamar sua atenção, sinto seus olhos em minhas costas. Estou muito feliz por ele não ter implicado por eu querer trabalhar, ter usado minha

família facilitou, nunca que ele iria querer passar o recibo de homem que não cuida bem da mulher. Meu pai e meus irmãos se orgulham por serem homens que tratam bem suas esposas.

Coloco uma saia lápis preta e uma blusa de seda azul clara. Organizo minha bolsa, me olho no espelho, faço uma maquiagem bem leve que está perfeita. Respiro fundo e desço para ir de encontro ao meu marido. Um dos soldados me diz que Enrico está no escritório, caminho até o escritório e o encontro no percurso, ele aponta para que eu retorne, faço com gosto, mexo meu quadril, nada exagerado, o ouço resmungar algo em italiano. Por ter morado muito tempo em Nova York, ele conversa em inglês, mas quando está agitado, fala em italiano.

No carro, meu marido não sai do celular, mal ele desliga, toca de novo. Quando saímos do carro, ele me conduz com a mão em minhas costas, caminho até o elevador, dois soldados entram conosco. As portas se abrem no terceiro andar, onde há uma mulher muito bonita em uma mesa. Enrico a cumprimenta com um bom dia e caminha até uma porta que está à frente da mesa da moça, que deve ter uns vinte e cinco anos. Ele a abre e aguarda até que eu entre.

Olho para sua mesa e me imagino deitada sobre ela com ele dentro de mim, sorrio com esse pensamento, e farei de tudo para realizá-lo. Saio do meu devaneio quando o ouço falando ao telefone que está em sua mesa. Ele pede para Sandra, que deve ser sua secretária, vir até sua sala. Sento-me na cadeira na frente da sua mesa e aguardo suas instruções.

Sandra entra com alguns papéis nas mãos que ele examina rapidamente.

— Providencie uma sala vaga.

— É para essa senhora? Ela pode usar a sala do senhor Ferri, ele só retorna amanhã. — Meu marido grunhe. Ele parece que não sabe mais falar, custa explicar para a pobre coitada, que está morrendo de medo, o que ele realmente quer?

— Sandra seu nome, certo? — Ela mania a cabeça. Estava com ciúme dessa garota, mas agora estou com pena. — Eu sou a senhora Ferri, a partir de hoje vou trabalhar aqui na empresa, por isso, preciso de uma sala, tem como você providenciar para mim?

— Sim, senhora, aguarde um momento, por favor.

— Obrigada, vai no seu tempo.

Assim que Sandra se retira, olho para Enrico que me observa, virou moda ele ficar me analisando.

— Custava explicar para ela? As pessoas não são adivinhas. Me diga uma coisa, porque estou curiosa. Geralmente, você se comunica ou só age assim quando estou presente? — Cruzo minhas pernas e aguardo sua resposta.

— Não importa — ele diz.

Penso em responder, mas Sandra bate na porta e me diz que conseguiu uma sala no segundo andar. No caminho, ela me diz que as salas do andar do Enrico estão ocupadas, uma é do meu sogro e a outra do meu irmão, que ele usa quando vem a Verona.

Pego o elevador para ir ao meu novo local de trabalho. Estou radiante, até agora meu plano de conquistar meu marido está encaminhando perfeitamente. O mais importante nisso tudo é que voltei a ser a mulher que sempre fui. A única coisa que vou deixar enterrada no passado é a minha covardia.



ONZE

NINA

Durante todo o dia reviso documentos e mais documentos, para me inteirar sobre os negócios da família. Apesar de ter feito Direito criminal, durante o curso aprendemos um pouco sobre as outras áreas, basicamente tudo se trata da lei. Na hora do almoço fico esperando Enrico me ligar, porém, ele não entra em contato. Ligo para Sandra, que diz que ele já saiu para almoçar, pergunto onde e ela prontamente me informa.

Vou ao banheiro, retoco minha maquiagem, solto meu cabelo que estava preso em um coque e vou ao seu encontro. Na porta do prédio da empresa o soldado Costa está me aguardando, coisas do meu malvado favorito, apesar de não querer me dar bola, me protege.

No restaurante vejo seus dois soldados a postos, observo todo o local e não encontro meu marido. Um homem elegante se aproxima e pergunta se alguém está me aguardando, me apresento como senhora Ferri, imediatamente o belo rapaz me leva até meu esposo, que está em um ambiente separado dos demais, nele há mais dois soldados na entrada.

Na mesa estão Enrico e um homem, que aparenta ter a sua idade, o cara é um gato, muito bonito. Peço licença e me aproximo, os

dois se levantam, por um momento Enrico parece surpreso, mas rapidamente retorna a sua expressão fria.

— Desculpe o atraso, é que fiquei enrolada no trabalho. — Me aproximo e encosto minha boca na dele, em um leve e rápido beijo.

— Enrico não me disse que teríamos essa belíssima companhia — diz o homem. Ouço meu maridinho resmungar. Este almoço vai ser interessante.

— Perdoe meu marido, senhor...

— Alessandro — ele se apresenta.

— Na verdade, não confirmei que viria almoçar com ele, mas se atrapalho, é só dizer que vou para outra mesa.

— Uma bela mulher como você nunca atrapalha. — Enrico faz um som nada bom, será que ele está com ciúme? Estou adorando isso. Meu marido puxa a cadeira próxima a dele, sorrio e me sento.

— Obrigada — digo.

O garçom entrega seus pratos, aproveito e peço o meu.

No almoço eles falam sobre negócios, pelo o que entendi Alessandro é o vereador da cidade, descobriu que sua mulher está o traindo com seu assessor e quer que meu marido dê cabo dos dois. Segundo ele, se tudo vier a público, pode perder as eleições para deputado, meu malvado parece não concordar.

— Desculpe-me. — Os dois homens olham para mim. Coloco meus talheres no prato que já está vazio e prossigo: — Graças a Deus não sou surda, dito isso, ouvi tudo o que o senhor disse.

— Pode me chamar de você, bela morena.

Ouçõ o som da faca no prato do Enrico, meu marido não está gostando nada dos galanteios do bonito vereador, apesar de ele estar me ajudando sem perceber, ele é um pouco abusado, sabe que sou casada. Tenho que mostrar para meu marido que não fico dando confiança por aí.

— Prefiro o chamar de senhor e espero que me trate como senhora, senhora Ferri, pois sou casada e não uma qualquer que o senhor joga seu charme.

— Desculpe-me. É, amigo, você está de parabéns. — Ele dá um tapinha no braço do Enrico. Vislumbro um leve levantar no canto de sua boca, lógico que meu malvado não vai demonstrar que ficou satisfeito. — Prossiga, senhora Ferri

— O senhor disse que vai concorrer para deputado e tem medo que esse escândalo possa afetar sua carreira. Para mim, ele pode ajudar, é só o senhor o usar a seu favor, nem sempre violência resolve tudo. Se por acaso, sua mulher e o amante forem executados, por mais que tudo seja feito, sem deixar rastros, sempre uma ponta fica solta. Se alguém descobrir que eles eram amantes, o senhor vai ser o primeiro suspeito da polícia, mesmo que nada fique provado, sua carreira será manchada, pois uma dúvida será plantada.

Os dois homens à minha frente prestam atenção atentamente às minhas palavras, quando termino, o galante vereador diz:

— O que você está querendo dizer é que, em vez de supostamente ser acusado como assassino, eu assumo perante a

todos que sou corno. O que você não entende, senhora Ferri, é que se não fosse minha posição e as eleições, os dois já estariam mortos.

— Entendo perfeitamente, vereador, não aja com impulso. Melhor assumir que foi traído e posar de vítima, do que perder as eleições e manchar sua carreira. Depois das eleições, faça como bem achar melhor, se quiser executá-los, execute.

O homem fecha os olhos por um momento, meu marido me observa e quando nossos olhos se encontram, ele balança levemente sua cabeça.

— Certo. Sua esposa está certa. Aliás, os dois estão certos, pois você me disse o mesmo com outras palavras. Vocês dois formam uma bela dupla.



Depois do almoço, Enrico não voltou para a empresa, o ouvi conversando com alguém no celular, ele mencionou que iria para o clube. Sei que faz parte do seu trabalho, mas toda vez que ele vai para lá, fico com ciúme, por causa das prostitutas, a maioria delas, se não for todas, já desfrutaram do corpo do meu marido, um corpo que não posso nem tocar.

Na empresa, organizo o arquivo, não sei como eles conseguiam encontrar algum documento nesta desorganização. Ao finalizar, pego minha bolsa e vou embora para casa. No caminho cumprimento algumas pessoas que me tratam como se eu mordesse. Provavelmente, é por causa do meu malvado.

Ao chegar em casa vou direto para a cozinha, Georgia prepara o jantar. Ela pergunta como foi meu dia, conversamos um pouco e vou para meu quarto tomar um banho. Preparo a banheira, e depois de cheia, entro e encosto minha cabeça na borda. Penso no meu dia e em qual será o meu próximo passo. Tenho medo de exagerar e Enrico perder a cabeça, ao mesmo tempo, não posso permitir mais viver como temos vivido desde que nos casamos.

Penso, penso e penso, em várias possibilidades, até que uma brilhante ideia surge em minha mente. Saio do banheiro e entro, determinada, no meu closet. Pego minha mala e começo a colocar meus pertences, minha ideia é me mudar para o quarto do Enrico, afinal de contas, ele é meu marido, temos que dormir no mesmo quarto. Pego um punhado de roupas no cabide e caminho para o quarto dele, quando chego à porta desisto, o medo de estar agindo por impulso me trava, ou será covardia?

Ouçõ sua voz e como criança saio correndo para meu quarto. Entro, ofegante, as roupas ficaram todas amarrotadas, levo-as para meu closet e as coloco sobre o móvel branco que fica no canto esquerdo do quarto.

Me jogo literalmente na poltrona e fecho meus olhos, faltou pouco para que meu malvado me desse um flagrante. Alguns minutos se passam e sinto seu cheiro, o cheiro de sua loção misturada com seu próprio cheiro.

— Está pensando em ir a algum lugar, Nina? — pergunta, de uma forma nada agradável.

Abro os olhos e o vejo olhando para minha mala. Enrico anda pelo quarto, observando tudo. Olha as roupas em cima do móvel e revira as coisas que coloquei na mala.

— Não, Enrico — digo, me levantando. — Estou organizando algumas coisas.

— Você não fez isso há alguns dias?

Ele levanta a sobrancelha. Esqueci completamente de que troquei praticamente todo meu guarda-roupa, até doeie algumas coisas para a neta da Georgia. Caminho até as roupas, pego-as e as levo para o closet.

— Estou vendo o que serve e o que não serve para trabalhar. Vai ficar tomando conta das minhas roupas agora? Tenho certeza de que você não veio aqui para isso — digo, enquanto penduro as roupas. Ele resmunga, está irritado.

— O Don Lorenzo vai vir para Verona a negócios, e ficará dois dias em nossa casa.

Não acredito. Ainda bem que estou de costas, senão Enrico veria o quanto essa notícia me deixou feliz. Quem disse que Deus não existe, está muito enganado, Ele existe e é bom. Chegou com a provisão na hora certa. Contenho minha euforia e me viro para encarar meu malvado.

— Quando ele virá?

— Amanhã.

— Você não acha que ele vai estranhar o fato de nós dormirmos em quartos separados?

Enrico fica pensativo, seus olhos não me abandonam, mas posso ver as engrenagens de sua mente funcionando. Antes que ele diga algo que eu não queira, me adianto.

— Vamos fazer assim, levo alguns pertences para seu quarto, conhecendo meu irmão, ele vai querer conversar comigo em particular, nós sempre conversamos deitados na cama. Lorenzo é muito observador, se ele notar que o quarto não tem minha cara e nada meu, vai questionar, e aí você já viu, não vai prestar, porque não consigo mentir para meu irmão

— Certo. — Quase pulo de alegria quando ele concorda. Não disse que Deus existe?

— Tudo bem para você, se amanhã eu ficar em casa para organizar as coisas?

— Certo. — Certo, você só sabe falar isso.

— Vamos jantar, estou com fome.

Passo por ele e saio do quarto. Meu malvado me irrita com essa mania de usar poucas palavras comigo. Quero ver quando ele estiver gemendo em cima de mim, se vai ficar mudo. Sorrio, porque quando isso acontecer, as únicas palavras que vou querer ouvir vão ser aquelas bem sujas.



DOZE

NINA

Assim que meu malvado sai para trabalhar, começo a operação: conquistar Enrico. Em vez de levar alguns pertences para seu quarto, levo tudo. Com a ajuda do Costa e de outro soldado, faço uma mudança completa. Meu maridinho não sabe, mas daquele quarto não saio mais.

Lorenzo me ligou e disse que está na empresa com Enrico, que os dois virão almoçar em casa. Peço para Georgia fazer a comida e a sobremesa preferida do meu irmão. Sinto tanta falta dele e de nossas conversas, pena que não posso me abrir com ele em relação ao Enrico, meu irmão é um ótimo conselheiro.

Ouçó o barulho da porta se abrindo, corro feito criança em direção a ela, para encontrar meu amado irmão. Lorenzo quando me vê, abre seus braços e um grande sorriso, corro para seus braços e me perco em seu cheiro tão familiar, que tanto amo. As lágrimas escorrem pelo meu rosto, só percebo quando Lorenzo as captura, enxugando-as.

— Isso tudo é saudade ou está acontecendo alguma coisa que eu ainda não sei?

Minha vontade é de me abrir com meu irmão, mas não posso, para o bem do meu casamento, tenho que manter em sigilo o fracasso que é.

— Não posso nem sentir saudade do meu irmão?

Lorenzo sorri e bagunça meus cabelos, ele faz isso desde que erámos criança.



ENRICO

Fiquei muito puto com a *porra* daquele vereador de merda. Me segurei para não socar a cara dele, enquanto ele cantava na maior cara de pau a minha mulher, mas minha diaba o colocou em seu lugar, e isso me deixou orgulhoso, sorri por dentro com a cara de idiota que o filho da puta ficou.

Meu instinto me diz que minha diaba está aprontando alguma coisa. Primeiro, sua mudança repentina de comportamento. Mal nos encontrávamos pela casa, agora ela faz questão de fazer as refeições comigo. Depois, pediu para que eu arrumasse um emprego para ela.

À noite, quando cheguei em casa, ela estava em seu quarto com uma mala aberta com alguns pertences, cheguei a pensar que ela estava se preparando para fugir. Se ela um dia cogitar fugir de mim, a caço até no inferno, se for preciso.

Essa nossa aproximação está fodendo meu juízo. Antes quase não a via, agora a diaba está em todos lugares, não só em meus

pensamentos. Para piorar, ela vai dormir dois dias comigo, no mesmo quarto, no meu quarto. Isso vai ser foda.

Lorenzo pousou em Verona e foi direto para a empresa, pelo menos, de dois em dois meses ele visita todos que estão sob seu comando. Faz tempo que ele não vem a Verona, pois confia em mim e no meu pai no comando, porém, foi necessária sua vinda, pois descobrimos que alguns russos estão na cidade, ao que me parece, a cordialidade entre as duas máfias está prestes a acabar.

Nina convidou o irmão para almoçar em nossa casa, confesso que estou nervoso com esse encontro, pois como minha diaba disse, meu cunhado é muito observador, espero realmente que nosso teatro funcione, pois Lorenzo não é só um irmão que a vida me deu, ele é o meu Don, o Don da famiglia, e a porra do irmão da minha mulher.

Tão logo abro a porta, ouço o ruído dos seus passos apressados na escada. Nina corre em direção ao irmão, que a recebe de braços abertos e sorriso nos lábios. Nina sempre foi mais agarrada ao Lorenzo, ele sempre foi seu confidente.

As lágrimas rolam por seu rosto, por mais que a odeie, penso no quanto deve ser difícil para ela nossa situação, mesmo que mereça, ela deve estar sofrendo com isso tanto quanto eu. Pode não parecer, mas para mim, não é nada fácil.

Gelo quando Lorenzo questiona o motivo de suas lágrimas, Nina diz que é apenas saudade. Ela se afasta do seu irmão e se aproxima de mim, sem que eu espere ela me dá um beijo de língua, no início não cedo, mas lembro-me de Lorenzo. A porra

do beijo me deixa de pau duro, a diaba me beija por um bom tempo, até que seu irmão nos interrompe.

— Vejo que vocês estão bem — ele diz. — Acho muito bom, Enrico — fala em tom de ameaça.

Depois do almoço, Lorenzo e eu vamos para o clube, Nina fica em casa, provavelmente em sua missão de foder com minha vida, vai ser um inferno nós dois, juntos, a noite toda, a porra do meu pau não me obedece quando se trata dela.

Fazemos uma reunião com os homens de minha confiança, traçamos estratégias para eliminar a invasão russa em nosso território. A máfia italiana e algumas espalhadas pelo mundo pertencem ao poderio dos Mancinni.



Ando de um lado para o outro em meu escritório, estou ansioso porque Nina e Lorenzo estão em meu quarto, conversando. Meu medo é que Nina se abra com seu irmão, não temo por minha vida e, sim, pela amizade que temos e a união das nossas famílias.

Ouçó alguém bater na porta do escritório, e peço que entre. Meu Don entra, sorrindo, me sinto aliviado.

— Minha irmã continua bagunceira, quando cheguei no quarto, bati, ela não atendeu, quando abri a porta, estava deitada sobre a cama, dormindo em cima de algumas roupas que estavam espalhadas.

Sorrio, minha diaba deve ter se sentido cansada com a mudança, só não entendo por que, pois, ela teria que transportar poucas coisas.

Lorenzo e eu conversamos um pouco e depois seguimos para nossos quartos, me surpreendo quando ele entra no quarto que, até hoje, era da Nina, pode dar problema, se ele encontrar seus pertences.

Entro no meu quarto e, puta que pariu, Nina está nua.



TREZE

NINA

Saio do banheiro, vestida com meu roupão e paro de frente ao grande espelho de corpo inteiro que coloquei no canto do quarto, para pentear meus cabelos. Ouço os passos do Enrico e rapidamente retiro meu roupão, fico nua. Pelo espelho, vejo meu marido abrir e fechar a porta atrás de si. Assim que me vê nua, resmunga algo. Enrico fica estático com os olhos fixos em mim. Permaneço o observando, penteando lentamente meu cabelo.

Posso ver seu volume, sua glândula está empurrando sua calça de tecido, isso me deixa excitada.

Ele não se move.

Sua respiração está mais forte, mas ele não faz nada. Tomo coragem e encaro seus olhos através do espelho, ficamos por um bom tempo presos por nossos olhares. Minha vontade é de ir até ele, mas não faço. Enrico vai ter que dar o primeiro passo, vejo o quanto ele me deseja, seu corpo me diz isso, porém, não quero só seu corpo, quero seu coração.

Quero-o todo. Quero tudo dele.

Por maior que seja o meu desejo, minha vontade de ser tocada por ele, não vou ceder tão fácil. Não quero ser apenas usada para sexo, quero que antes de ele me foder, faça amor comigo, que

diga que me ama, que sempre me amou, que sou a mulher da sua vida.

Esses pensamentos são o que minha mente quer, o difícil vai ser convencer meu corpo. O jeito que ele está me olhando e seu volume, estão me tirando de mim, sinto a necessidade de esfregar minhas pernas, esfregar uma na outra para fazer atrito no meu sexo. Minha necessidade vai além disso, o desejo que estou sentindo está tirando minha razão. Quero me tocar, me masturbar, enquanto ele me olha, acariciar meus seios e deslizar minhas mãos sobre meu sexo, subindo e descendo, aumentando ainda mais minha excitação, até que eu me desfaça. Quero que ele veja o quanto o desejo, o quanto o amo, o quanto o quero.

Enrico continua inerte. Seus olhos sobem e descem pelo meu corpo, por mais que eu queira, ainda não é o momento, essa é a minha primeira noite com ele. Tenho que aproveitar a presença do meu irmão para o seduzir. Se eu for dele hoje, ele pode se arrepender depois e, assim que Lorenzo for embora, me expulsar do seu quarto. Minha intenção é fazer com que ele queira que eu fique, sem que eu tenha que impor isso.

— Desculpa — digo e pego meu roupão, em seguida visto-o. — Estou acostumada a ficar sozinha, mas não vejo problema, somos casados.

Ele não diz nada, vou até o closet e visto uma camisola transparente, continuo sem lingerie. Saio do closet e ele ainda está próximo a porta.

— Boa noite — digo, vou para cama e me sento. — Você tem preferência de lado?

Ele não responde e eu faço sinal para a cama, finalmente ele fala:

— Não.

Me deito e ele vai para o banheiro.

Meia hora depois, meu malvado sai do banheiro com a toalha presa em sua cintura, observo seus passos pelo espelho. Ele vai para o closet e volta apenas de cueca. Isso é pura maldade, estou quase subindo pelas paredes. Suas pernas grossas, seu sexo preso na cueca branca e seu tórax, me fazem babar. Apago a luz do abajur para não fazer besteira, estou quase pulando em cima dele.



Acordo pela manhã sentindo um peso sobre mim. Abro meus olhos e vejo que meu malvado está com seu braço na minha cintura, não sei quando aconteceu isso, mas dormimos de conchinha. Sua respiração quente no meu pescoço desperta minha intimidade, que está piscando, querendo seu presente antecipado de natal.

Como minha cunhada Perla disse, não a nada melhor do que um pau. Por isso, vai ser difícil me segurar, só tive o prazer de ser fodida por um homem. Esse homem, apenas uma vez, e eu quero mais, muito mais.

Sem fazer movimentos bruscos, encosto minha bunda em seu pau, me mexo um pouco, como estivesse me ajustando e o sinto duro.

Meu coração dispara, meu sexo bate palmas.

Faço tudo com os olhos fechados, se ele acordar tem que pensar que estou dormindo. Meu malvado grunhe, está acordado.

— Cazzo! — ele xinga.

Retira seu braço que está sobre mim, bem devagar, levanta o edredom e me deixa só e excitada. Ele não vai ceder tão fácil. Me atrevo a abrir um pouco os olhos e o vejo sentado na beirada da cama, com os braços sobre as pernas e as mãos no rosto. Meu malvado deve estar em conflito, fodo ou não fodo.

Brincadeiras à parte, sei que para ele deve estar sendo muito difícil, passou anos querendo se vingar de mim. Pensou que conseguiria se manter distante, mas essa punição acaba sendo para nós dois. Enrico se levanta, fica parado por um momento, observo sua bunda deliciosa. Ele vai para o banheiro, demora tanto que pego no sono.



ENRICO

Não sei onde eu estava com a cabeça quando concordei com a Nina, essa diaba no meu quarto vai me deixar maluco. A ver nua foi um golpe, me deixou vulnerável. Meu corpo reagiu instantaneamente, fui aprisionado por sua perfeição. Nina sempre reclamou da sua magreza, sempre dizia que queria ser

mais encorpada, como a maioria das italianas, mas, para mim, ela sempre foi linda, ela é perfeita.

Faltou pouco para que eu a tomasse, minha mente e meu corpo travaram uma batalha, meu corpo queria que eu a pegasse, a jogasse na cama e tomasse tudo dela. Minha mente dizia que era uma artimanha da diaba, que eu deveria ser forte. Até que ela se vestiu e foi se deitar. Porém a noite estava apenas começando. Deitar-me ao seu lado com a imagem recente da sua natureza foi difícil. A Nina que eu tinha na mente era aquela garota de dezoito anos, ainda mais magra, não esse mulherão, que mesmo sendo magra, tem curvas.

Foi muito difícil pegar no sono com seu cheiro suave e seu corpo quente ao meu lado. Acordei com sua bunda esfregando no meu pau, que ficou duro. Minha vontade foi de levantar o tecido fino da sua camisola, colocar meu pau em seu sexo e a foder, com força.

Retiro meu braço que está sobre ela e saio bem devagar, para não a acordar. Sento-me na beira da cama, minha mente está uma confusão. Inconscientemente a abracei e acordar com ela em meus braços foi muito bom. Cazzo, que merda que estou pensando? Ficar mais um dia com ela no meu quarto vai foder meu juízo.

Tomo banho e pego minha roupa, em vez de me vestir no closet, como sempre faço, vou para o quarto e me arrumo em frente ao espelho que a Nina trouxe. Seu relógio desperta e ela acorda, se espreguiçando.

— Bom dia, malvado.

Viro-me em sua direção e a olho em questionamento, ela sorri, fica linda quando acorda, seu cabelo todo bagunçado

— Por que está me olhando desse jeito? Custa me desejar um bom dia?

— Bom dia — eu digo.

— Meu irmão costuma acordar cedo, por isso, coloquei o celular para despertar, apesar de que você madrugou hoje. Vou tomar banho e já desço para tomarmos café e irmos para a empresa.

Ela se levanta e vai para o banheiro, olho para qualquer lugar, menos para ela, meu pau iria me denunciar se eu a olhasse vestida naquela camisola transparente. Termino de me arrumar e desço, preciso de um pouco de distância dessa diaba.



QUATORZE

Enrico

Lorenzo marcou uma reunião no clube com o Capo Dimitri, ele é da máfia russa, que ultimamente tem interferido em nossos negócios. Saímos da empresa e seguimos para o clube. Como parte da farsa, ligo para Nina e aviso que não vamos almoçar em casa, o pior é que me sinto bem fazendo isso.

Dimitri chega com dois homens, ambos entram e se sentam na sala de reuniões do clube. Observo Dimitri, que aparentemente está calmo.

— Até agora não entendo o motivo pelo qual vocês solicitaram esta reunião. Estou em seu país por questão pessoal.

Olho para Lorenzo, que observa com atenção, ele faz sinal para que eu conduza a reunião.

— Vou ser direto, Dimitri. Há um mês pegamos um maledetto interferindo nos nossos negócios. No interrogatório, ele disse que trabalhava para os russos.

Dimitri parece surpreso, não sei dizer se é encenação.

— Sinceramente, não sei o que dizer, nossas organizações sempre se respeitaram. As três vezes que vim ao seu país, não tinha nada a ver com os negócios, é um assunto estritamente particular.

— Dimitri, há um impasse nessa situação, pois um homem prestes a morrer não mente. Para que eu acredite em suas palavras, preciso saber o real motivo da sua vinda em nosso país. Pelas informações que obtive, você esteve em Roma, antes de vir a Verona.

Dimitri respira fundo, passa as mãos em seus cabelos. Parece indeciso. Sei quando um homem mente, ele me parece ser sincero, mas ainda assim, preciso saber o motivo da sua vinda. Algo me diz que, de alguma forma, está ligado àquele maledetto que estava infiltrado, investigando sobre os negócios da famiglia. Lorenzo não interfere na conversa, mas observa atento a cada palavra pronunciada. Dimitri demonstra respeito por nós dois, até agora não foi necessário agressão verbal, se trata de uma conversa de esclarecimento.

Ele nos conta que conheceu uma mulher em suas férias no Brasil, que se apaixonou. Que essa mulher se mudou para Roma e depois para Verona. Ele tem tentado a levar para Rússia, pretende se casar com ela. Ele não entende o motivo pelo qual ela não quer sair de Verona, que ficou surpreso quando veio para nosso país. Segundo ele, ela é uma excelente companheira, pois o aceita com a máfia e todas as complicações que envolvem esse mundo. O único problema é o fato de que ela não quer morar na Rússia. Lorenzo diz algumas palavras, depois nos despedimos.

— O que você acha, chefe? — pergunto a Lorenzo.

— Ele foi sincero. Um homem apaixonado toma atitudes como essa, de fazer coisas pouco sensatas. Investigue essa mulher,

precisamos descobrir quem é ela e por que decidiu vir para Itália. O que fez no período em que esteve em Roma e o que faz aqui, em Verona.

— Você acha que ela está envolvida?

— É apenas um palpite. Convide Dimitri e sua acompanhante para jantarem conosco amanhã, em sua casa.

— Você não iria embora hoje?

— Diante à situação, vou passar mais tempo, até que tudo se resolva. Vou ligar para Perla e pedir para ela vir, senão ela vai pirar, se ficar mais de uma semana longe de mim, e eu também não quero, pois não há motivos. A gravidez está a deixando maluca e eu junto. Sorri.

O ruim nessa história é ter que ficar mais dias com a Nina em meu quarto, isso não vai prestar.

— Algum problema de ficarmos em sua casa?

— Claro que não Lorenzo, você é meu irmão, a casa é sua.

Realmente gosto da companhia do Lorenzo e admiro sua esposa, o problema é a diaba, vai ser muito complicado dormir tantos dias com ela.

Antes de ir embora, vamos ao bar do clube e duas de nossas prostitutas se aproximam com seu jogo de sedução. Lorenzo imediatamente diz que não estamos à procura de sexo, aponta para sua aliança e a minha, mas uma delas que eu já fodi, diz que para mim isso não é problema. As duas são novatas, começaram a trabalhar há uma semana e ainda não sabem quem é Lorenzo. O barman, quando se dá conta do atrevimento das duas, as

chama. Apesar do olhar furioso do Lorenzo, permaneço sério, como se não tivesse acontecido nada, a filha da puta sem querer me entregou para meu cunhado.

— Que porra é essa, Enrico? Você ainda continua fodendo prostitutas, está traindo minha irmã?

— Ela está certa, Lorenzo, se algum homem casado vier ao clube e quiser os serviços delas, estou pouco me fodendo, o importante é que pague. Essas duas mulheres são novatas no clube, por isso, se aproximaram de nós, ainda não sabem a merda que fizeram.

Não menti, apenas não respondi sua pergunta, disse o que realmente acontece, como as coisas funcionam.



Lorenzo e eu chegamos em casa na hora do jantar. Meu pai ligou dizendo que estará de volta pela manhã, faz dois meses que ele está viajando a negócios e minha mãe está o acompanhando. Perla também chegará pela manhã, Nina vai ficar em casa para recebê-la. Depois do jantar, Lorenzo pede para Nina ir ao seu quarto, sei que tem a ver com as prostitutas, meu Don é muito observador. Nina e eu precisamos caprichar no teatro.

Tomo meu banho e fico deitado na cama, ansioso, aguardando-a, que demorou mais de duas horas conversando com seu irmão.

— Ainda acordado? — ela pergunta, assim que entra no quarto, se aproxima de mim e me dá um beijo, ultimamente ela tem agido assim, o pior é que eu gosto.

— Estava te esperando. O que Lorenzo queria?

A diaba vai até a poltrona e se senta, enquanto fala, retira a roupa.

— Ele queria saber como estamos, na nossa relação íntima. Se têm motivos para você me trair, se eu desconfiava de alguma coisa.

— Porra, tudo por causa daquela vagabunda do clube.

Nina fica só de lingerie, se levanta da poltrona e segue para o closet, de lá me faz uma pergunta.

— Por acaso, essa vagabunda é umas das que você anda fodendo?

Me levanto e vou até ao closet, seguro seus braços e a prendo na parede.

— O que você quer, Nina? Sou homem, porra. Não posso ficar sem sexo.

— Você não tem sexo porque não quer, Enrico, sou sua mulher, mas essa babaquice de vingança o impede de me tocar.

— Você me traiu, porra.

— Sei que errei, até pouco tempo não sabia disso, agi como uma egoísta. Me perdoe, o que preciso fazer para você me perdoar?

Solto seus braços e me afasto. Ela continua falando:

— Amo você, Enrico, por isso me casei, quero construir uma vida com você, não tem como a gente viver assim. Me diz uma coisa, realmente não sente nada por mim?

Com os braços sobre o móvel do closet e a cabeça encostada nele, não respondo. Sinto que ela está atrás de mim.

— Enrico, sei que as mulheres que você costuma sair tem mais corpo do que eu, sempre fui magra. Quando você conheceu meu

corpo, na nossa primeira noite, eu era ainda mais magra, mas você disse que me amava, que me achava bonita.

Me viro na sua direção.

— Você é bonita pra caralho, Nina, para mim você não perde para nenhuma mulher. — A encosto no closet e prendo seus braços acima da sua cabeça. — O que você quer, Nina? — pergunto, com meus olhos presos nos dela e uma porra de uma ereção.

— Eu quero você, quero ser sua mulher. Depois de você, nenhum homem me tocou. Quero senti-lo outra vez, quero fazer amor com você.

Coloco minha mão livre debaixo da sua camisola e cubro sua boceta com ela. Nina está úmida, a penetro com dois dedos, com o polegar esfrego seu clitóris. Ela geme.

— É isso que você quer, Nina?

Ela não responde, apoia sua cabeça em meu peito e aumenta seus gemidos. Solto seus braços, pego um monte de seus cabelos e a faço me olhar. Ela fica linda excitada. Tomo sua boca, enquanto a fodo com meus dedos, em pouco tempo ela goza, firmo seu corpo nas prateleiras para ela não cair. Desfaço nosso beijo, estamos ofegantes. Encosto minha testa na dela, ficamos assim por um minuto, até que me afasto. Pego uma calça de moletom no closet, uma camisa de algodão e saio do quarto, vou para meu escritório.

O que eu mais temia aconteceu, estou de novo nas mãos dessa diaba.



QUINZE

ENRICO

Como ela pode pensar que não é atraente?

Que não desejo seu corpo? Nina é linda e não tem a mínima noção disso. Quando mais jovem, ela me dizia que queria ser como a maioria das italianas, ter um corpo mais robusto, mas eu sempre gostei do seu corpo magro, aparentemente frágil. Para mim, ela é uma perfeição, fiquei fora de mim, quando ela levantou essa questão. Nina não tem ideia de quanto eu a desejo. Não me lembrava o quanto ela fica linda quando goza. Ter seu gozo em meus dedos foi uma porra. Fiz tanto esforço para nada. Não adiantou nada todos os anos que tentei sufocar meus sentimentos por ela.

Foi a primeira vez que ela admitiu ter errado. Desde que nos casamos, nas poucas vezes que ela abordou o assunto, se colocava como vítima. Precisei deixá-la sozinha para colocar minha cabeça no lugar. Depois do seu orgasmo, vim para o meu escritório, entre uma dose e outra de uísque, refleti sobre nossa situação.

No que eu estava pensando quando criei esse plano idiota?

Desde que a vi entrando de noiva no dia do nosso casamento, sabia que mais dia menos dia, meu plano iria por água abaixo. E

aqui estou, com uma porra de uma ereção e com o coração acelerado, como fosse adolescente. Louco para reivindicá-la como minha.

Meu celular toca, pelo visor vejo que é meu pai, é quase meia-noite, deve ser algo importante.

— Capitão — digo.

— Filho, como está?

— Bem. Algum problema?

— Acabei de pousar, estou no aeroporto.

— Se o senhor tivesse me avisado que chegaria hoje, teria mandado algum soldado te buscar. Está sem segurança?

— Não se preocupe, quando consegui as passagens para hoje, avisei meus homens, eles estavam aqui quando cheguei. Como está minha nora, eu a acordei? — Fico alguns segundos mudo.

— Nina está bem, ela está no quarto.

— Que porra, Enrico. Não vai me dizer que você está levando a ideia absurda de vingança a sério? Para de ser cabeça dura, caralho, você é apaixonado por ela, sempre foi. Esquece essa merda e se acerta com sua mulher. Não quero problemas com nossa família, por causa das suas idiotices.

Não digo nada, solto a respiração que prendi, assim que ele começou a falar, quer dizer, brigar. Meu pai é um homem tão duro quanto eu, e é apaixonado pela Nina. Tanto ele quanto o senhor Guiseppe sempre quiseram a nossa união.

— O Lorenzo desconfiou de alguma coisa?

— Sim, mas Nina deu um jeito.

— Você sabe muito bem que ele é igual ao velho Guisepppe, você pode ter certeza que a sua permanência em Verona não é só por causa dos russos, ele sabe muito bem que você daria conta disso sozinho.

Meu pai está certo, achei estranho quando Lorenzo disse que ficaria mais uma semana. É bem provável que a vinda da poderosa chefona tenha a ver com isso.

— Está tudo bem, senhor Ferri. Nina e eu vamos ficar bem.

Desligo o celular, tomo o restante do uísque que está no meu copo e vou para meu quarto. Subo a escada de dois em dois degraus.

Foda-se vingança.

Foda-se passado.

Nina é minha, sempre foi minha. Minha mulher.

Entro no quarto, Nina não está na cama, vou até o closet e ela não está, a procuro no banheiro e ela também não está. Pego meu celular e ligo para o Costa, ele diz que Nina não saiu da casa, que ela está na cozinha. Sorrio. Nina sempre teve o hábito de atacar a geladeira durante a noite, decido tomar um banho, aguardo seu retorno.

Saio do banheiro e ela ainda não retornou. Visto uma calça, uma camisa e vou ao seu encontro. Não a encontro na cozinha, a procuro por toda a área interna e ela não está. Vou para a área externa e a vejo deitada em umas das cadeiras que ficam próximas à piscina. Me aproximo e me sento na cadeira ao lado.

Nina está vestida com uma das minhas camisas, nela está parecendo um vestido.

Fico excitado em vê-la assim, mas me contenho, precisamos conversar.

— Você tem razão, não podemos continuar desse jeito.

— Então, o que vai ser, Enrico? Finalmente vai assumir seu papel de homem casado, agir como meu marido? — ela grita.

— Porra, Nina, estou tentando.

— Tentando o que, Enrico? Você me beija, me faz gozar, depois vira as costas, como não tivesse acontecido nada. — Ela se levanta e vai em direção à porta de vidro que leva para a sala. A alcanço antes de ela se aproximar da porta, a prendo pelas costas. Nina tenta se soltar, ela luta, mas é em vão.

— Para com isso, Nina. — Ela começa a chorar.

— Me deixe ir embora, Enrico. Embora desta casa, da sua vida

— Não, porra! Você é minha.

— Sua o que, Enrico? Estou tão cansada, não sei mais o que fazer para que você me perdoe, para que a gente tenha um casamento de verdade. — A solto e ela abre a porta e sai, a sigo. Ela vai para a biblioteca, entro e fecho a porta.

— Será que dá para você parar de agir como uma garota e conversar comigo?

— Engraçado, logo você querer conversar. Se não me falha a memória, ontem foi uma das poucas vezes que você não foi monossílabo.

Me aproximo dela, Nina está encostada na mesa, fico a alguns centímetros de distância.

— Me diz o que você quer que eu faça... — Ela se aproxima e bate seguidas vezes com as mãos fechadas, não responde, o animal dentro de mim acorda. Seguro seus braços. — Você quer luta, Nina?

Com a mão livre empurro os livros que estão sobre a mesa para o chão. A coloco sentada, ela me chuta.

— Para, porra. — A deito na mesa e tomo sua boca, ela me morde. — Ficou maluca, caralho? — Quanto mais ela luta, mais duro fico.

— Agora eu que te pergunto, Enrico, o que você quer? Vai me fazer gozar e depois virar as costas?

Rasgo minha camisa que está em seu corpo e tomo seus seios, ela tenta me impedir, mas não consegue, sou bem mais forte do que ela. Fico entre as suas pernas, ela não consegue me chutar. Prendo suas mãos acima da sua cabeça, enquanto chupo com força seus mamilos e a masturbo. Seus protestos se tornam gemidos. Solto seus braços e abaixo minhas calças, meu pau solta duro como pedra. A olho e ela está entregue, abro suas pernas e deslizo dentro de sua boceta úmida.

— É isso que você quer, Nina, que eu te foda?

— Você também quer isso, tanto quanto eu.

— Amo você, Nina. Amo você, diaba do caralho.

— Te amo, te amo, meu malvado, sempre te amei. — Solto um grunhido, seguro seus seios e acelero minhas estocadas.

Nossos gemidos são audíveis, essa mulher me leva à loucura. Nina prende suas pernas nas minhas costas, a levanto e vou em direção à cadeira, com um pouco de dificuldade, por causa da minha calça que está entre minhas pernas, tento tirá-la, mas não consigo, não quero me retirar dela, de dentro do meu lugar. Me sento na cadeira, tiro o resto do tecido da camisa, Nina se movimenta subindo e descendo, gostosa *pra caralho*.

Me perco na luxúria do momento, minha língua transita entre sua boca, pescoço e mamilos. Seus movimentos se tornam rápidos, seguro seus cabelos e a faço olhar para mim. Nos conectamos um no prazer do outro. Minha mão vai até seu clitóris, seus movimentos fazem com que ele esfregue em minha mão.

Ela mia como uma gata selvagem, seu orgasmo está à beira, posso ver isso. Ela faz movimentos de vai e vem, para frente e para trás, também estou à beira, segurei antes, mas agora não dá. Enfio meus dedos em sua boca, ela chupa e os deixa úmido, com uma mão aperto seu pescoço e com os dedos úmidos esfrego seu clitóris.

Ela grita.

Ela goza.

A visão dela se derramando de prazer é a coisa mais linda do mundo. Seu líquido umedece meu pau, não consigo mais, tenho que gozar. Seguro sua cintura, a movimento para cima e para baixo e jorro meu sêmen dentro dela, dentro da minha mulher.

Exausta, Nina se deita em meu ombro, seus cabelos espalhados. Por mim, ficaria para sempre assim. Pego minha mulher e a

coloco no sofá, dou-lhe um beijo e vou até a área da piscina pegar um roupão para vesti-la. Nina veste o roupão, a coloco em meu colo e a levo para nosso quarto. Sinto-me como tivéssemos casado hoje.

Deito-a sobre a cama e quando vou me levantar, ela segura meu braço.

— Enrico, quero você.

Ficamos nos olhando por alguns segundos, até nossas bocas se encontrarem, passamos uma boa parte da noite nos amando.



DEZESSEIS

NINA

Quando entro no quarto, Enrico está me esperando. Tinha ido conversar com Lorenzo, nossa farsa não está convencendo meu irmão, ele quis saber como está nossa vida íntima. Provavelmente, tem alguma coisa a ver com o clube. Minha situação com Enrico está me deixando cansada, não sei como Perla aguentou por tanto tempo fingir que amava o Salvatore. Como ela aguentou ficar tanto tempo longe do Lorenzo.

Nossa situação é bem diferente, de uma forma ou de outra, ela ficaria com meu irmão. Já eu, meu futuro é incerto. Tenho feito tudo o que Perla me aconselhou, mas meu malvado não está facilitando em nada.

Sento-me na poltrona e retiro minha roupa, fico de lingerie e sigo para o closet. Fico com raiva quando Enrico diz algo sobre alguma vagabunda do clube. Creio que meu irmão deve ter se deparado com alguma mulher com quem ele anda fodendo.

— Por acaso, essa vagabunda é umas das que você anda fodendo? — pergunto.

Enrico vem atrás de mim no closet, e iniciamos uma discussão que deveria ter acontecido há muito tempo. Ele coloca para fora

o que realmente está sentindo, me diz coisas que estavam guardadas em seu peito, ambos fizemos isso.

Enrico invade meu espaço. Minha mente traiçoeira traz imagens dele com outras mulheres.

Me sinto humilhada. Traída.

Quando menos espero, ele me encurrala no closet, com uma mão prende meus braços acima da minha cabeça e toma minha boca. Sua mão invade minha intimidade, me dá prazer, me faz gozar. Gozo com nossos olhos fixos e vejo luxúria através dos dele.

Meu corpo necessita do corpo dele sobre o meu, dentro de mim. Ao invés disso, ele vai embora, me deixa só.

Fico decepcionada.

Triste.

Chateada.

Me fazer gozar foi um prêmio de consolação.

Pego uma de suas camisas de algodão, tomo banho e saio do quarto. Meu primeiro pensamento é ir ao seu escritório, confrontá-lo, mas decido ir até a cozinha comer algo, sempre que estou ansiosa, nervosa ou com decisões a serem tomadas fico com fome. Na verdade, sou uma comilona, se eu não atacar a geladeira à noite, não sou eu. Muitas vezes, Enrico me encontrava na cozinha da mansão Mancinni de madrugada, quando ele chegava com meus irmãos de suas andanças noturnas.

Pego um pedaço de bolo e um copo de suco, saio da cozinha e caminho para a área externa da casa. Sento-me em uma das

cadeiras próximas à piscina. Meus pensamentos estão me deixando com raiva, meu marido me quer, mas seu fodido cérebro o afasta de mim. Depois do que aconteceu, não sei se vale a pena continuar tentando seduzi-lo. Há uma barreira entre nós, enquanto ele não me perdoar nunca seremos um do outro. Não sei se estou disposta a esperar, pois enquanto espero, ele se deita com outras mulheres.

A porta de vidro se abre e fecha, sei que é ele. Enrico senta-se próximo a mim e diz que precisamos conversar. Entramos em uma nova discussão, estou tão cansada de tudo, que o peço para deixar-me ir embora. Percebo o quanto alterei minha voz, o quarto do meu irmão dá para a área da piscina, então, saio e vou para a biblioteca, com Enrico no meu encalço.

Assim que chegamos, desfiro socos em seu tórax musculoso. Sou sua mulher. Seu sexo, seu prazer teria que pertencer a mim, somente a mim. A escuridão invade seus olhos, sei que neste momento eu estou em um terreno perigoso.

Os sons que ele faz e seu semblante perverso, me dão medo e, ao mesmo tempo, me excitava. O ciúme é o motivo da minha luta, uma luta que perdi antes de começar. Ele é mais forte. Vence sem o menor esforço.

Meus livros que estavam sobre a mesa são jogados no chão e, como se eu não pesasse nada, apenas com uma mão ele me coloca sobre a mesa, a outra prende meus braços. Como um animal, ele toma minha boca, o mordo, ele se irrita, daí em diante

esqueço por qual motivo estava resistindo. Como uma presa, me entrego ao meu malvado e cruel marido.

Rasga minha camisa, toma meus seios, cobre e masturba minha boceta com sua mão.

Se rende ao prazer.

Se rende a mim.

Ao sexo.

À nossa necessidade.

Sou fodida. Fodo.

Ainda é pouco, eu quero mais, muito mais. Foram anos esperando este momento.

Em nosso quarto, não há luta, nos amamos. Enrico reivindica todo meu corpo com sua boca e mãos. Sua língua na minha intimidade me faz ficar fora de órbita, nesse ato ele sente não só o meu gosto, mas o seu também, pois gozou dentro de mim.

A combinação dos seus dedos com sua língua faz jorrar gritos do fundo da minha garganta. Sentada sobre seu rosto, movimento meu quadril freneticamente, enquanto seus lábios e sua língua fazem todo o trabalho de me deixar louca.

Louca de tanto tesão.

Meu orgasmo é tão intenso que desabo sobre ele. Meu rosto encontra seu sexo ereto. Ainda com a respiração acelerada, o seguro e início movimentos lentos.

Ouço-o gemer. Quero colocá-lo em minha boca, mas nunca fiz isso, em nossa primeira vez, Enrico fez todo o trabalho. Coloco-o em minha boca, meu marido me tira de cima dele.

— Não precisa — ele diz.

— Mas eu quero, me ensina.

Ele geme e fica de joelhos na cama. Coloco seu pau na boca e começo meu trabalho. Olho para ele, sua expressão e seus grunhidos me dizem que estou no caminho certo.

— Cuidado com os dentes, Nina, usa somente sua língua.

Ouçó sua orientação e sigo dando o meu melhor. Seus olhos se fecham, sua mão vai para minha cabeça, acelero os movimentos, sinto-o inchar na minha boca, sua respiração é audível, quando penso que ele vai gozar, ele me faz parar.

— Caralho, que porra de boca gostosa.

Fico de joelhos, de costas para ele, conforme sua orientação. Sua boca vai para meu pescoço, uma mão no meu seio e a outra na minha boceta. Ele me penetra e eu grito, em pouco tempo estou de quatro e ele tomando tudo de mim.

Gozamos praticamente juntos.

Após um merecido descanso, meu marido enche a banheira, e fazemos amor.

Olho no olho, boca com boca, movimentos lentos e prazerosos.

Sem dúvida nenhuma, essa foi a melhor noite da minha vida.



DEZESSETE

NINA

— NÃO!

Acordo assustada. Sento-me na cama, ofegante. Meu coração está acelerado. Faz muito tempo que não tenho esse sonho que me persegue desde que perdi meu filho. São imagens dele sendo levado por uma mulher, em seguida, seu pequeno e frágil corpo sem vida em um caixão. Encosto-me na cabeceira da cama, tento aplacar minha dor. Um pedaço de mim se foi, a parte mais importante.

Alguém bate na porta, me cubro com o lençol, pois estou nua, digo para entrar. É Georgia, ela entra com uma bandeja de café da manhã. Desde que me casei é a primeira vez que recebo café da manhã no quarto.

— Bom dia, senhora Ferri — ela diz, sorridente.

— Bom dia, Georgia — respondo, empurrando para longe as imagens perturbadoras do meu sonho.

— O senhor Ferri pediu para que eu trouxesse seu café da manhã. — Sorrio com a gentileza do meu malvado.

— Ele e meu irmão estão tomando café?

— Não, senhora, os dois saíram bem cedo.

Olho para o relógio no criado-mudo e vejo que passam das dez.

— Dio mio, dormi mais do que a cama. Minha cunhada deve estar chegando. Dou um salto da cama, esqueço que estou nua, só noto quando vejo Georgia rindo com as mãos nos olhos. Vou correndo para o banheiro. Abro o chuveiro e acalmo minha agitação debaixo da água morna. Meu sexo e as partes internas estão doloridas, mal consigo ensaboar. Enrico foi o único homem com quem transei, não me lembrava o quão grande ele é. Estou sentindo tanto amor e tesão que a dor é o que menos importa, eu quero ser dele, ser tomada por ele, ser amada e fodida por ele.

Neste momento, me bate uma insegurança. Será que estamos bem? Será que Enrico vai agir como não tivesse acontecido nada? Se Enrico agir como um babaca, eu juro que vou desistir dele, mesmo que me doa, que nossas famílias briguem.

Saio do banheiro e meu celular está tocando, olho em volta e não o vejo, faço uma bagunça na cama, o procurando, e nada. Vou seguindo o som de seu toque e o acho caído no chão do meu lado da cama. Me lembro dele ter tocado, enquanto Enrico me chupava e eu o joguei no chão. Atendo, sem ver quem é.

— Nina. — É meu malvado

— Bom dia, Enrico.

— Você está bem?

— O que posso te dizer, é que você me deixou toda dolorida, não me lembrava do quão grande você é. De resto, está tudo perfeito, depois de tantos orgasmos, não teria como eu não estar bem. —

Ele ri alto, faz anos que não ouço o som da sua risada. — Enrico — digo, insegura.

— Diga-me. — Ele para de rir.

— Estamos bem? — Ele fica em silêncio.

— Estamos, Nina.

— Amo você, Enrico. — Ouço sua respiração.

— Também amo você, Nina.



Perla chega próximo a hora do almoço, assim que entra, lhe dou um abraço e beijo sua barriga, que está um pouco saliente. Ela me conta que Lorenzo perguntou se ela não notou nada de estranho quando veio me visitar, que ele estava desconfiado que Enrico e eu não estávamos bem.

— Confesso que fiquei preocupada, você conhece muito bem seu irmão e sabe que não minto para ele. Disse que vocês estavam se adaptando, pois ficaram muito tempo distantes, mas agora estou mais tranquila, pois você está radiante e sei que isso tem a ver com seu marido.

Conto a ela tudo o que aconteceu, enquanto damos início aos preparativos do jantar.

Uma hora antes do jantar, nossos maridos adentram as portas, rindo, minha cunhada e eu ficamos observando, eles parecem dois jovens rindo de alguma bobagem.

— Posso saber de que vocês tanto riem? — pergunta Perla, ela se aproxima de Lorenzo e lhe dá um beijo saudoso e apaixonado.

Fico sem saber como agir, mas meu malvado se aproxima de mim e envolve minha cintura com suas mãos.

— Passou bem o dia? — ele sussurra.

Sorrio e digo que sim. Sua boca vai de encontro a minha em um beijo quente, sua mão segura minha nuca, aprofundando o beijo. Me perco naquele momento, esqueço que temos companhia, até que minha cunhada se pronuncia.

— Acho melhor vocês irem para o quarto, antes que eu seja obrigada a ver o que não quero, sou uma mulher muito pura. — Perla bate os cílios e nós rimos da sua cara de pau. Ela segura a mão do meu irmão.

— Vamos, amor, para seu quarto, ainda temos cinquenta minutos para matarmos a saudade, antes dos convidados chegarem. — Ela pisca para mim e sorri.

Ainda rindo, Enrico me pega no colo e sobe comigo as escadas rapidamente, abandonando-os. Esse é o meu Enrico, o Enrico que sempre amei.

Meu malvado abre a porta do quarto e a fecha com o próprio corpo. Assim que ela se fecha, me joga na cama, grito feito uma garotinha. Meu marido tira meu short junto com a calcinha, espalha minhas pernas e se perde entre elas.

Após tomar meu orgasmo com sua boca, ele se levanta e tira sua roupa e eu, minha camisa.

— Não temos tempo, precisamos nos arrumar — ele diz, com a voz rouca, me colocando de quatro. — Vou te foder bem rápido, mais tarde prometo te compensar.

Ele mete rápido e fundo, em poucos minutos jorra seu sêmen dentro de mim.



A campainha toca e Perla vai atender a porta, corro para a cozinha para colocar um pouco de gelo no balde. Quando retorno, o coloco sobre o bar e Enrico vem ao meu encontro.

— Vamos, amor, os convidados chegaram.

Meu sorriso se alarga ao ouvi-lo me chamar de amor. Ele me pega pela cintura e beija minha cabeça.

Na sala estão: Perla, Lorenzo e um homem alto e forte, com os cabelos ruivos. Ele se levanta assim que nos vê, cumprimenta meu marido, que me apresenta a ele. Dimitri é seu nome, ele pega minha mão e beija.

— Os homens dessa família são sortudos.

Enrico aperta minha cintura, sei que ele está sendo apenas gentil, meu corpo magro não chega aos pés do corpo da minha cunhada.

— Não seja modesto, sua namorada é igualmente bonita — diz Lorenzo, Perla o belisca discretamente, sorrio, minha cunhada morre de ciúme do meu irmão.

— Onde está sua namorada? — Enrico pergunta a Dimitri.

— Estou aqui, desculpe precisei usar seu banheiro. Muito prazer, sou Carla Dias.

Enrico fica rígido, e eu, surpresa. Como é que Carla conheceu Dimitri? Será que ela sabia que esta é minha casa? Preciso de respostas.



DEZOITO

ENRICO

Lorenzo e eu passamos o dia fazendo reuniões, tanto na empresa, como no clube. Descobrimos que o maledetto que estava fazendo perguntas sobre meus negócios, trabalhava só e pelo o que apuramos, ele recebia ordens de uma pessoa, a qual não sabemos quem é. Descartamos Dimitri, acreditamos em sua palavra, mas antes de que desse fim a vida do maledetto espião, ele disse que trabalhava para os russos e isso não está ajudando em nada. Durante o jantar Lorenzo e eu teremos outra conversa com o Dimitri.

Depois da última reunião, vamos para casa, estou morrendo de saudade da Nina, nos falamos pela manhã, ela estava insegura, queria ter certeza de que estamos bem. Chegando em casa, a beijo, com sofreguidão, esquecendo-me de que temos companhia. Levo-a para o quarto e a fodo com pressa, pois falta pouco para que os convidados cheguem.

A companhia toca e Nina sai correndo para a cozinha, deixo que Perla e Lorenzo recebam nossos convidados e vou atrás dela, a encontro retornando com o balde de gelo. Abraço-a pela cintura e caminhamos para a sala. A apresento ao Dimitri e, assim que sua namorada, surge fico inerte, a namorada dele é a filha da puta

que namorou a Nina quando ela morou no Brasil. A observo e vejo que Nina também está sem ação, mas logo se recompõe.

— Carla. — Ela beija sua bochecha e elas se abraçam.

— Vocês se conhecem? — Dimitri questiona.

— Sim, há alguns anos conheci Nina no Brasil — diz, toda sorridente a vagabunda.

Lorenzo observa, é óbvio que ele percebeu a drástica mudança no meu comportamento. Dimitri fica feliz com a coincidência. Perla as chama para irem até a sala de estar, antes de ir Nina, ela me beija, sussurra em meu ouvido que me ama. Fico desconfortável de ver Nina com essa mulher, não sei se ela ainda sente algo por ela.

Lorenzo e Dimitri conversam, mal abro minha boca, minha cabeça está na outra sala, peço licença e vou ao encontro delas, quando chego na sala, a filha da puta está dizendo que Nina está ainda mais bonita, a pego pela cintura.

— Realmente minha mulher é muito bonita — digo e a beijo.

Nina as convida para irmos à sala de jantar, seguro bem forte em sua cintura, Carla vai na frente, Perla ao nosso lado. Ela cochicha para Nina, mas eu ouço.

— O que foi isso?

Nina não responde, balança a cabeça em negativa. Dimitri e Lorenzo se juntam a nós. Durante o restante da noite falo pouco, digo algo somente quando é necessário. Observo os olhares de Carla para Nina e não gosto nenhum pouco. Nina interage mais com a Perla do que com a brasileira, suas tentativas de trazer

assuntos do passado são frustrados a todo momento por Perla. Nina deve ter dito a ela sobre Carla, enquanto elas foram à cozinha pegar a sobremesa.

Assim que Dimitri e a porra da sua companheira vão embora, me reúno com Lorenzo no escritório.

— O que aconteceu, Enrico? Não venha me dizer que não aconteceu nada, porque você mudou drasticamente. — Respiro fundo e passo as mãos pelo meu cabelo.

— Essa mulher, a namorada do Dimitri. Ela foi a pessoa que a Nina namorou no Brasil, depois de me... — dou uma pausa, é muito ruim me ouvir dizendo isso —... você sabe.

— Caralho, Enrico.

— Quando minha família foi expulsa e sua irmã não quis ir comigo, fiquei transtornado. A escuridão em minha alma me levou a um buraco negro. Era tanta dor, tanta tristeza, que só me sentia bem quando tirava a vida de alguém. Sempre ouvi meu pai me dizer que um Ferri não chora, mas a falta que eu sentia da Nina e a decepção dela ter virado as costas para mim, me fizeram prantear por dias, na escuridão do meu quarto.

— Eu sinto muito, Enrico

— Eu sei, se não fosse por você, o nome da minha família teria ficado para sempre manchado. Passei alguns dias perdido, até que soube que sua irmã tinha ido para Bahia, vi ali uma oportunidade de conversar com ela. Na ocasião, eu não poderia ir, pois estávamos nos adaptando aos novos negócios, foi quando contratei um detetive particular. Nina começou uma amizade

com essa mulher, no início, achei bom, até quando me dei conta elas estavam namorando.

— Porra, irmão, que merda. — Lorenzo se levanta da cadeira e vai até o bar, coloca duas doses de uísque em dois copos, me entrega um. — Agora, tudo faz sentido, ela morou por um tempo em Roma e depois veio para Verona, nem Dimitri sabe dizer o porquê dessa mudança repentina.

— Está mais do que claro, pensando friamente vejo que ela está seguindo os passos da Nina. O mês que ela veio para Verona, coincide com o mês que nos casamos, essa vagabunda armou tudo isso para se aproximar da Nina.

— Só não entendo por qual motivo, e porque Dimitri. Você vai contar para Nina?

— Não. Temos que mantê-la por perto. — Me levanto e fico de costas para ele.

— Enrico, não coloca merda na sua cabeça, minha irmã te ama, eu estava preocupado com o casamento de vocês, mas agora sei que estão bem. — Viro-me para ele. — Não permita que essa vagabunda fique entre vocês.

Saio do escritório e vou para meu quarto, Nina está, como de costume, se penteando em frente ao espelho. Ela veste uma camisola azul clara que não esconde seu corpo. Nina sorrindo para aquela vagabunda não sai da porra do meu cérebro. A imagem delas, anos atrás, se beijando estão martelando em minha cabeça.

Ela me observa através do espelho, enquanto se penteia, está pensativa. Tiro minha roupa, sem tirar os olhos dela. Raiva, amor, ciúme, é o que sinto agora. — Vem aqui — digo, com o tom nada agradável, não consigo evitar, a escuridão em minha alma muitas vezes me ganha, mesmo quando não quero. Ela não hesita, põe a escova sobre a poltrona e caminha até parar na minha frente. Rasgo ao meio sua camisola, a diaba geme, não sente nenhum pouco de medo de mim.

— De joelhos.

Como uma submissa, ela se ajoelha.

— Abra a boca. — Pego meu pau que está ereto e coloco em sua boca, ela leva sua mão até ele e segura. — Tire sua mão — digo e ela põe sobre o seu joelho, começo a foder sua boca. — Aquela filha da puta pode te dar isso, Nina? — Tiro meu pau da sua boca, para que ela responda.

— Não, Enrico — diz, ofegante.

Pego sua cabeça e empurro até que meu pau esteja no fundo de sua garganta, seus olhos lacrimejam, ela se engasga, sinto prazer nisso.

— Seu corpo é meu, você é minha.

Fodo sua boca com força, ela segura em minhas pernas, prestes a gozar, retiro meu pau de sua boca, distribuo meu sêmen no seu rosto, pescoço e seios.

A marco como minha. Vagabunda nenhuma vai tirar minha mulher de mim.



DEZENOVE

NINA

Meu coração quase parou quando vi Carla, não por mim, mas, sim, por causa do Enrico. Me lembro como se fosse hoje, após uma discussão, vi o quanto ele ficou magoado por eu ter me relacionado com mulher. Depois que me recolhi, ele foi até meu quarto, jogou um envelope em cima de mim e saiu, sem dizer nada. Nele continham fotos e mais fotos minhas com a Carla, e isso me fez me sentir péssima. Eu gostava da Carla, mas nunca fui apaixonada, ainda pensava no Enrico, por conta desse sentimento que eu não conseguia esconder, nos desentendemos por diversas vezes. Carla queria muito mais do que eu poderia dar.

Quando nos conhecemos, eu estava triste, carente e sozinha. Descobri que estava grávida e não podia contar à minha família, foi muito difícil me esconder do meu pai, principalmente do Lorenzo, que esteve duas vezes no Brasil. Estava prestes a ligar para o Enrico e contar que ele seria pai, mas Carla me convenceu que seria um erro, hoje vejo que se ele soubesse que eu estava grávida, tudo seria diferente.

Enrico ficou rígido ao meu lado, a tensão era palpável. No primeiro momento fiquei sem ação, depois tentei agir o mais

naturalmente possível. contei rapidamente a Perla quem Carla era e isso muito me ajudou. Não sei dizer se intencionalmente, ela tentou várias vezes falar sobre nós duas, minha cunhada sempre a cortava, o que me deixou aliviada.

Meu malvado ficou praticamente mudo, poucas vezes se pronunciava, me senti mal de fazê-lo passar por isso, logo agora que estamos bem. Sei que não tenho culpa, mas foi muito ruim ver o Enrico desconfortável em nossa própria casa.

Quando os convidados foram embora, Perla e eu nos recolhemos em nossos quartos, nossos esposos foram para o escritório. Confesso que fiquei preocupada de como Enrico iria agir perante a essa situação. Seu jeito sério e duro deixou bem claro que ele não estava gostando nenhum pouco da presença dela em nossa casa, em nossas vidas.

A porta se abre e meu malvado entra e a fecha atrás de si. Estou no meu ritual pós-banho, que é de pentear os cabelos em frente ao espelho. Quando pequena, via minha mãe fazer isso todos os dias, antes de o meu pai chegar e me levar para meu quarto para dormir. Dos quatro anos até os dez anos, ficava ao seu lado, penteando meus cabelos. Depois disso, minha mãe colocou um espelho igual ao dela no meu quarto, e tenho mantido esse hábito. No dia seguinte que me casei com Enrico, pedi que comprasse um, não conseguiria viver sem esse ritual que faz minha mãe presente.

Meu malvado me olha, bem sério, minhas mãos ficam trêmulas, aprendi a reconhecer quando seu lado escuro está presente. No momento não sei dizer se ele está ou não a meu favor.

— Vem aqui — ele diz, com dureza na voz.

A velha Nina sempre gostou de romantismo, delicadeza, palavras doces. Essa Nina que mal reconheço, gosta do lado escuro do seu marido, gosta da luta, fica excitada com o jeito duro que ele fala e me olha. Como um cordeiro pronto para o abate, seja de que natureza for, caminho em sua direção. Paro à sua frente. Aguardo suas ordens.

Em um só movimento rasga minha camisola. Pode ser loucura, mas eu gemo.

— Fica de joelhos. — É sua nova ordem. Faço, sem hesitar, tudo o que eu quero é seu castigo, merecendo ou não. Seu pau penetra minha boca, ele executa poucos movimentos e pergunta: — Aquela filha da puta pode te dar isso, Nina? Retira seu pau da minha boca, respondo ofegante que não. Ele vai fundo, lágrimas escorrem no canto dos meus olhos.

Eu gosto disso. Me sinto sexy.

— Seu corpo é meu, você é minha.

Sua raiva e o jeito que ele fode minha boca me deixa excitada.

Meu malvado fode minha boca com força, seguro em suas pernas grossas para não cair, ele urra e retira seu pau da minha boca, me marca com seu sêmen. Essa é sua aliança, seu jeito de dizer que sou dele, e que nada nem ninguém pode mudar isso.



CARLA

Homens são tão ingênuos e previsíveis.

Dimitri com seu amor ridículo e grudento, faz tudo que eu quero. Enrico ficou igual uma águia cercando sua presa. Todo possessivo. Se sentindo proprietário daquilo que me pertence. Não sei de onde ele me conhece, mas assim que me viu, sua postura mudou, foi nítido que ele sabia perfeitamente quem sou. A única pessoa que sempre amou a Nina de verdade.

Quando a conheci, ela estava quebrada por causa dele. Enrico nunca a procurou, depois que foi expulso pelos Mancinni. Foi eu quem segurou suas lágrimas. Eu que a consolei todos os dias que ela chorou, por estar gerando um filho longe da sua família e do pai da criança.

Esperei com paciência para tê-la, para que ela aceitasse o amor que eu a oferecia. Fomos felizes, ela se apaixonou por mim e se entregou ao nosso relacionamento. Nosso filho crescia cada vez mais, sua barriga estava enorme. Aos sete meses de sua gestação tivemos nossa primeira briga, Nina escolheu o nome do filho da puta do Enrico para seu filho, e isso me deixou muito puta. Percebi que teria que fazer algo para afastar de vez Enrico da vida dela. Apagar as lembranças dele física como fotos e cartas, não foi o suficiente.

Três meses depois que seu filho se foi, Nina arrumou as malas e voltou para a Roma. Não se importou com meus sentimentos, de quanto eu sofreria. Em nenhum momento, me convidou para ir com ela, ela sabia que eu não tinha condições financeiras de ir atrás dela. Quando a conheci, vivia do sexo, dormia com alguns turistas do hotel em troca de uma boa grana, e uma boa vida no período da sua estadia. Foi assim que a conheci, foi assim que conheci Dimitri.

Dimitri tem me sido útil, depois que descobri que ele pertence à máfia, vi um mundo de possibilidades à minha frente. O tolo nem imagina que é apenas uma peça no meu tabuleiro. Um homem tão poderoso como ele, Capo da máfia russa, não se dá conta que eu o uso para minhas necessidades financeiras e do coração.

Conhecê-lo foi uma sorte, nunca imaginei que um dia teria a oportunidade de me aproximar outra vez da Nina.

O idiota do Dimitri caiu em um sono profundo depois do uísque que dei para ele, com umas gotas de sonífero. Quando esse homem vem me visitar é um verdadeiro tormento, ele não desgruda um minuto sequer, nem parece um mafioso tão poderoso. Não vejo a hora de me libertar dele, mas por ora, ele ainda me é útil.

E o Enrico, todo possessivo, preocupado com a concorrência. O maledetto, como dizem os italianos, pensa que Nina é dele, que o jogo está ganho. Mal sabe que ela é minha, que tudo que vivemos e sentimos uma pela outra ainda está vivo dentro de nós. Nina voltou para a Itália porque seu pai e seu irmão estava

prestes a colocar a máfia inteira atrás dela, foi muito difícil escondê-la durante a gravidez, ela conversava com sua família via web, focando apenas em seu rosto. Sua desculpa era que não estava pronta para voltar para casa, por causa da perda da sua mãe.

Os dias do casal Mancinni e Ferri estão contados, mas antes de acabar com o casamento deles, vou destruir Enrico.



VINTE

NINA

Depois de me reivindicar como sua, Enrico não permitiu que eu me limpasse, adormeci com seu sêmen sobre mim. Pela manhã, sou acordada por ele, que me pega em seus braços e me leva para o banheiro, a banheira está cheia e com bastante espuma. Meu malvado me coloca dentro dela, retira sua cueca e entra. Sem dizer uma sequer palavra, me lava, suas mãos grandes limpam todo meu corpo.

Em cada movimento, ele me estuda, e o que vê é uma mulher apaixonada e excitada. Ele sai da banheira, ainda em silêncio, me ajuda a levantar e sair. Coloca o roupão sobre meu corpo, fico frustrada. Quero ser tomada por ele. Caminho até a pia e escovo meus dentes, meu malvado fica atrás de mim, me observando pelo espelho. Quando termino, abro meu roupão e levo minha mão para meu sexo, na confiança de que ele não esteja me castigando, que ele queira transar comigo.

Olho para sua glândula, está ereta, apontando na minha direção. Passo a língua em meus lábios e gemo. Enrico se aproxima, aperta meu pescoço, não acredito que isso me deixa ainda mais excitada.

Sua mão vai ao meu sexo, é inevitável o movimentar do meu quadril. Sem aviso, ele une seu sexo ao meu, não vejo escuridão em seu reflexo no espelho.

Luxúria, tesão, dominação, é o que vejo.

Meu corpo é conduzido para curvar-se a ele, apoio meus braços sobre a bancada de granito da pia. A mão que estava em meu pescoço segura meu cabelo. Ele o puxa, faz com que eu continue o olhando.

Grito. Gemo alto. Estou quase lá.

Seus dedos movimentam-se em um ritmo rápido em meu clitóris. Em segundo me desfazo. Seu nome sai do fundo da minha garganta, ecoa no banheiro.

— Enrico.

Ele urra, dá uma, duas estocadas forte e goza. Sua glândula pulsa dentro de mim.

Meu malvado me pega e me coloca sentada na bancada. Sua boca captura a minha, me rendo de bom grado ao meu captor. Ele me leva para o box, tomamos banho e nos arrumamos para o trabalho.

Seguimos com Lorenzo para a empresa, Perla fica dormindo, a gravidez a deixa sonolenta, meu irmão disse que ela passa o dia dormindo. Fico mais tranquila, pois ela não se sentirá sozinha.

— Nina — diz Lorenzo, assim que entro em seu escritório, meu sogro e Enrico também estão lá, ambos solicitaram minha presença.

— Pela cara de vocês, o assunto é sério.

— É sobre a Carla. O Enrico está um pouco relutante com o que vamos te pedir, vai depender de você, aceitar ou não.

— Fala logo, Lorenzo, para de enrolar, deixa que com o meu malvado, eu me acerto depois. — Lorenzo e meu sogro começam a rir, Enrico cruza os braços e levanta a sobrancelha, enfio meu braço no dele. — Relaxa, amor.

— Bom — diz meu sogro, ainda rindo —, queremos que você não se afaste da Carla, tudo indica que ela que está por trás de alguns pequenos eventos que tem acontecido e que foram atribuídos aos russos, conforme as informações que recebi do seu malvado — sorrio e Enrico encara seu pai — e do Lorenzo, Dimitri não está envolvido, o que nos leva a crer que há grande possibilidade dessa mulher ser a mentora.

— O que vocês querem que eu faça, que eu seja sua amiguinha, e o que mais?

— O intuito é descobrir o que ela quer de fato, por que tem seguido seus passos, e por que contratou um homem para bisbilhotar nossos negócios — meu irmão explica.

Fico de boca aberta, Carla tem me seguido. O que será que ela pretende? Não entendo. Agora, eu que quero descobrir.

— Perfeito, chefe. Estou me sentindo uma agente do CSI, nunca me envolvi com a máfia e agora sou uma agente especial da famiglia, será que tem esse cargo? — Eles riem, menos meu malvado, é claro.

— Isso não é brincadeira, Nina, essa mulher pode ser muito perigosa — meu marido diz, bem sério.

— Relaxa, malvadinho, vai dar tudo certo. Quem é que tem um irmão gostosão como Don, um sogro Capitão e o marido o homem mais cruel da face da terra? Euzinha — aponto para mim. Eles me olham, sorridentes, é a primeira vez que Enrico sorri. — Agora, preciso ir, o soldado Pontes foi preso, tenho que ir à delegacia. E, outra coisa, senão trabalhar, não recebo. Preciso de dinheiro, sou uma mulher muito cara. — Pisco para eles, meu sogro sorri.

— Você sabe que não precisa trabalhar, Nina, concordei com isso porque você pediu. Sou seu marido e posso muito bem te dar o que você quiser.

— Você tem dinheiro o suficiente, Nina — meu irmão diz, ao me puxar para seus braços. — O que é da famiglia é seu, você é uma Mancinni. — Enrico grunhe.

— Ferri — ele diz e me tira dos braços do Lorenzo.

Meu sogro interfere.

— Alguma coisa a ver com a máfia? Se for, ligo para o delegado.

— Ele espancou um vizinho, daqui a pouco será solto, é só pagar a fiança. Vocês dois, parem com essa briga de ego, sou uma Mancinni e uma Ferri, nós somos uma só família. Para deixar bem claro, o dinheiro de ambos é muito bem-vindo, como disse, sou muito cara. — Jogo meus cabelos, os dois bobões sorriem. Beijo meu irmão, meu sogro e saio acompanhada da sala pelo meu malvado, que me leva até o elevador.

— Nina, cuidado. Se aquela mulher tocar em você... — Coloco dois dedos sobre seus lábios.

— Não se preocupe, amor, vou ser cautelosa. Nunca esqueça que amo você. Beijo sua boca e entro no elevador.

O que eles me disseram não sai da minha cabeça, que Carla tem seguido meus passos. O que ela quer comigo, será que essa louca pensa que podemos ter alguma coisa?

Quando fui para o Brasil, estava completamente quebrada, havia perdido minha mãe e o amor da minha vida. Enrico, diferente da minha mãe, estava vivo, mas para mim, era como não estivesse, como se a palavra nunca fosse definitiva ao que se refere a nós dois.

Conheci Carla no hotel que eu estava hospedada, ela estava com um namorado americano. No segundo dia em que eu estava no hotel, acordei com muita fome, no dia anterior não havia comido nada. Desci para tomar café, preparei minha bandeja e me sentei do lado de fora, próximo à piscina.

A fome era tanta que comi desesperadamente, em poucos minutos me senti mal. No momento, pensei que era porque tinha exagerado, um mês depois descobri que estava grávida, com dois meses de gestação. No banheiro, enquanto eu colocava tudo para fora, Carla me ofereceu ajuda, daí em diante nos aproximamos.

Uma semana depois, seu namorado americano voltou para seu país, ela ficou muito triste e eu a consolei. Ela me disse que teria que sair do hotel, pois não tinha condições de se manter, foi

quando dei a ideia de alugar uma casa e ela poderia morar comigo.

A tristeza e a gravidez fizeram com que eu me envolvesse com ela, mesmo nutrindo amor pelo Enrico, acho que inconscientemente me envolver com mulheres foi um escape, uma forma de amenizar minha dor, de esquecê-lo.

Percebo o quanto fui tola, Carla nunca trabalhou, viveu sempre à minha custa, provavelmente aquele americano era um cliente, e eu fui a trouxa da vez. Dio mio, ela aproveitou da minha fragilidade e eu caí em sua rede.

Se ela pensa que ainda sou aquela garotinha, está muito enganada. Conviver com a Perla me tornou forte, ela é um exemplo para mim, com ela aprendi que posso ser o que eu quiser.

Até outro dia, meu marido não queria saber de mim, mas hoje sou dele, fui reivindicada e marcada por ele. Se ela quer jogar, perfeito. Que comecem os jogos. Mal sabe ela que um Mancinni nunca perde, ainda mais uma Mancinni Ferri como eu.



VINTE UM

NINA

Quando estou prestes a sair da delegacia, Costas me avisa que Enrico ligou, pedindo que eu vá ao clube, desde que vim morar em Verona essa será a primeira vez que vou àquele lugar, não sei se vou gostar do que irei encontrar.

Assim que Pontes é liberado, Costas me leva para o clube, fico surpresa ao ver sua estrutura, para quem não sabe do que se trata, imagina ser uma fábrica abandonada. Costas caminha na frente, sigo seus passos. Ele toca o interfone e o velho portão de ferro é aberto. Do lado de dentro há um homem bem vestido e armado, ele aperta a mão do Costa e faz um pequeno gesto com a cabeça para mim.

Não consigo observar direito a decoração, porque meu segurança me leva para um corredor bem longo, no final dele à direita paramos em frente um grande e antigo elevador, sua porta é pantográfica, fazem ruídos ao abrir e fechar. Em vez de subir, o elevador desce, sinto-me estranha, só meu malvado para escolher um local como este.

Paramos em um andar onde há quatro portas, uma bem distante da outra. O corredor é bem extenso. Costas abre uma porta, entro

e encontro Enrico sentado atrás de uma mesa de madeira escura. Ele se levanta e me abraça.

— Como foi na delegacia? — Puxa a cadeira de frente à sua mesa para que eu sente e retorna para o seu lugar.

— Sem problemas, paguei a fiança, ele foi solto. Não foi para isso que você me chamou.

— Tenho algumas funcionárias que estão ilegalmente em nosso país, não quero mais me preocupar com essa porra, já perdemos algumas meninas por conta disso. O advogado responsável pela documentação desapareceu do mapa, junto com uma das garotas.

— Você sabe que minha área é criminal, mas nada me impede de resolver isso para você. Preciso conversar com elas, pegar mais alguns detalhes.

— Certo. Vou te levar ao clube.

— Não precisa, vou com o Costa, enquanto isso, finaliza seu trabalho para irmos juntos para casa. — Enrico liga para Costa, que surge na porta. — Onde está Lorenzo? — pergunto.

— Na sala de reunião, com meu pai.

O clube é exatamente como esperava, igual ao de Roma, um pouco maior, eu acho. Sua decoração preta e vermelha dão um ar de promiscuidade. Sento-me no banco alto do bar e peço uma água com gás, o dia está quente.

O barman entrega minha água, bebo de uma só vez. Duas garotas aparentando ter minha idade se aproximam.

— Tudo bem? Meu nome é Lara e o dela é Micaela. Costas pediu para que vir falar com você. É a nova advogada, certo?

Ela está falando igual ao Enrico, será que ele a fodeu? Ou fodeu as duas?

— Meu nome é Nina, serei a advogada responsável por seus vistos. Quando venceu o visto de vocês? — Não me apresento como uma Ferri, para que elas se sintam à vontade.

— Vai vencer este mês, estamos há pouco mais de dois meses trabalhando neste clube.

— Engraçado, seu nome não é estranho — diz a Lara, um pouco pensativa. Faço anotações de algumas coisas, elas me entregam seus documentos. Antes de ir embora, atendo mais três garotas. De onde será que Lara ouviu sobre mim?

Resolvo dar uma volta no local e ouço um burburinho, caminho em direção às risadas e ouço-as falando sobre o Enrico e o Lorenzo.

— Nossos chefes são gostosos pra caralho — uma negra muito bonita diz.

— Já pensou fazer uma DP com eles? — Porra, vou matar essa ruiva.

Saio de lá antes de fazer besteira, preciso vir mais vezes a este clube, essas piranhas têm que saber que Enrico tem dona, hoje não, pois estou a trabalho, mas não faltará oportunidade.

Chegamos em casa e nos deparamos com Giovanni, que é Capo e irmão que a vida deu para Perla, um amigo querido, que faz parte da nossa família.

— Aconteceu alguma coisa? — meu irmão pergunta, preocupado. Abraça Giovanni, depois coloca sua mão sobre a barriga da minha cunhada e beija sua cabeça. Giovanni faz sinal com a cabeça para Perla, ficamos a olhando.

— O que foi? Estou com desejo de comer uma Bistecca alla fiorentina. — Sorrio, me aproximo dela e a abraço.

— Era só dizer, sua maluquinha, que eu pediria a Georgia para fazer.

— Eu poderia te levar para comer no melhor restaurante da cidade, amor — meu irmão diz, todo carinhoso, os dois juntos são lindos. Perla se afasta e vai até Giovanni, segura em seu braço

— Nenhuma bisteca no mundo é igual à do Giovanni, meu irmão, amigo e compadre faz uma de dar água na boca. — Nós rimos.

Essa gravidez da Perla vai deixar meu irmão maluco, e nós também. Giovanni que o diga. Giovanni diz que vai embora, Enrico o convida para jantar e passar a noite, mas ele diz que havia prometido à sua esposa que dormiria em casa. Lorenzo e eu nos despedimos dele com um forte e demorado abraço. Giovanni é uma pessoa que aprendemos a amar. Perla o acompanha até a porta e nós seguimos para a sala de jantar onde a mesa está posta.

— Você não se incomoda com a afinidade que Perla tem com Giovanni? — Enrico questiona Lorenzo. Olho para ele, não acreditando em sua pergunta.

— O que foi, Nina? Se fosse eu, não gostaria, já achei o abraço que você deu nele muito demorado.

— Está com ciúme, malvadinho? Giovanni se tornou da família, o amo como irmão, ele conquistou a todos com sua lealdade e carinho. Nosso sobrinho Dominic é apaixonado por ele. Perla nos contou que sua filha Donna o amava mais do que o maledetto do pai.

— No início, eu sentia muito ciúme do Giovanni, cheguei até a pensar que ele era apaixonado pela Perla, mas se não fosse por ele, não teria a conhecido. Ele quem proporcionou nossos encontros, enquanto ela era casada. A afinidade que ele tem com ela é algo que nunca terei e não me sinto mal por isso, ou invejo. Giovanni presenciou os piores momentos da minha mulher. Foi ele que, mesmo sem permissão, cuidava dela depois de cada surra, ele que a alimentava quando ela ficava presa, por dias, em um quarto úmido e escuro. Ele que a levou para ver sua filha dar o último suspiro, arriscando a própria vida. E quando Perla decidiu mudar o jogo, foi ele que a ajudou a acabar com aquele maledetto. Eu tenho uma dívida eterna a esse homem, como marido e como Don dos Mancinni.

Ficamos em silêncio, meditando nas palavras do Lorenzo. Ficamos tristes só de imaginar tudo que ela sofreu.

— O que houve que vocês? Estão tão sérios — Perla pergunta.

— Nada, amor, senta aqui e vamos comer essa maravilha de bisteca.

— Você acha que eu não comi? Comi duas vezes, só não comi mais porque o chato do meu amigo não deixou, disse que eu passaria mal.

— Ele fez muito bem, sua gulosa.

— Vou comer só mais um pedacinho.

“Hum, que delícia”, Perla repete isso em cada garfada. Ela tem razão, está delicioso.

Enrico ficou tocado com as palavras do Lorenzo, acho que ele não tinha se dado conta do quanto Perla sofreu nas mãos do Salvatore, imaginar que uma mulher passa por isso ou coisas piores nas mãos do próprio marido, é insano.



VINTE DOIS

NINA

Estou no meu escritório, na empresa, quando meu celular toca, atendo sem saber de quem se trata, pois o número é desconhecido.

— Alô — digo.

— Olá, Nina, sou eu, Carla. — Em segundos, penso como ela conseguiu meu número, mas para quem descobriu onde eu moro, isso deve ser fácil.

— Bom dia, Carla, tudo bem?

— Tudo. Desculpa estar te ligando no horário de trabalho. — Nossa ela sabe tudo sobre minha vida, estou em total desvantagem. — Quero te convidar para almoçar comigo, estou bem perto, por isso, resolvi ligar.

— Vou sair daqui a uma hora, tudo bem para você?

— Perfeito. Te aguardo no La Griglia.

Desligo o celular, pego o telefone e aviso ao meu malvado, que não gosta nada. Abro minha bolsa e pego meu batom vermelho, Carla sempre disse que eu ficava bem de vermelho. Ajeito meu cabelo e vou ao encontro dela.

Que comecem os jogos.

Além do Costa, mais dois homens me acompanham até o restaurante, proteção do meu malvado. Estou a pé, pois o restaurante fica a uma quadra da empresa. Assim que entro, avisto Carla em uma mesa que fica ao lado da janela, ao me aproximar ela se levanta, está muito arrumada para alguém que estava de passagem. Seus olhos vão para meus lábios e permanecem nele por alguns segundos. Bom, ela passou no primeiro teste, só não gostei do resultado, significa que ela ainda nutre sentimentos por mim.

— Que bom que você veio. — Ela beija minhas bochechas.

— Eu disse que viria, cumprio minhas promessas.

Sento-me e ela também. A princípio deixo-a falar, ela fala um pouco sobre a cidade, de como acha bonita, diz coisas aleatórias. A observo e noto algo que não me dei conta antes, o quanto ela é dissimulada. Ela esconde o seu real motivo, o porquê deste almoço, com essa conversa tola e sem sentido. Como era esperado, ela pensa que está lidando com aquela garota mimada que conheceu no passado. A interrompo.

— Não foi para ficar falando da cidade que você me chamou aqui, Carla, vamos direto ao ponto.

— Não posso chamar uma velha amiga para almoçar?

— Se não me falha a memória, depois que terminei o nosso relacionamento e disse que voltaria para casa, você disse que nunca mais queria me ver, nem saber de mim. Quer dizer, primeiro você me pediu para te pagar pelo tempo que você ficou

ao meu lado, que eu pensava que era porque você gostava de mim, e não por causa do meu dinheiro.

— Nina — ela segura em minha mão, permito, quero ver se a máscara cai —, eu te amava, aquilo foi em um momento de raiva. Você estava me deixando, porra, depois de tudo que fiz por você. Você não imagina o que fui capaz de fazer para ter você só para mim. Quando pensei que finalmente seríamos nós duas, sem o fantasma do Enrico nos rodeando, você disse que iria embora, e o pior, sem me levar.

— Desculpa. — Aliso sua mão. — Na época, eu era muito imatura, depois que meu filho morreu, nada mais fazia sentido, não queria ficar naquele lugar que me lembrava dele.

— Era só a gente ter mudado de casa, cidade, país, sei lá.

— Eu precisava da minha família, entende?

— Mas você nunca contou para eles, ou contou?

— Não contei, mas precisava ficar perto deles.

— O Enrico sabe que vocês tiveram um filho?

— Sim — minto, porque ela pode fazer algo com essa informação, ele tem que saber por mim. Sinto que o cerco está se fechando e eu preciso contar antes que seja tarde. Merda, logo agora que estamos bem. — Tudo bem, Carla, vamos colocar uma pedra sobre isso, é passado, estou casada e você prestes a casar. Nossas vidas são diferentes agora.

— Não entendo — ela diz e balança a cabeça.

— O quê?

— Como você pôde se casar com ele, com ele, porra! Com o homem que fodeu a sua vida, te engravidou e nem quis saber do filho.

Carla está distorcendo tudo, ela sabe tanto quanto eu, que Enrico nem suspeitava que eu estava grávida. Eu mesma descobri quando estava com dois meses de gestação. Enrico não fodeu comigo, a minha covardia que fodeu conosco. Éramos para estarmos casados, há anos, talvez meu filho estaria vivo.

— Na minha história com Enrico, ambos erramos. Esquece isso tudo, quero minha amiga de volta. — Sorrio para ela, que prende seus olhos em minha boca, se recompõe e diz:

— Tudo bem, vamos fazer nossos pedidos.

Durante o almoço, conversamos coisas banais, algumas vezes a pego me olhando de forma estranha, chego a ficar arrepiada, mas não demonstro meu receio. Ao nos despedir, Carla me convida para ir ao seu apartamento no sábado à tarde, mas prefiro marcar em um lugar neutro, a convido para dar uma volta pela cidade, ela concorda. Sinto que meu marido tem razão, estou me metendo em um terreno muito perigoso.



ENRICO

Ligo algumas vezes para Nina que não atende minhas ligações, Lorenzo e eu retornamos do almoço e nada dela chegar. Ligo

para o Costa, que diz que está tudo bem, mas eu quero ouvir isso dela, meu instinto nunca falha, essa mulher não é uma pessoa de bem, um monstro como eu reconhece um igual, ela não pode ser tão cruel como eu, mas não está longe disso. Duas horas depois de ter saído para almoçar, Nina entra em minha sala. Senta-se em meu colo e me dá um beijo. Acaricio seus cabelos.

— Como foi? — pergunto.

— A princípio, uma conversa difícil, mas nada que eu não pudesse contornar.

— Você parece triste, o que essa vaca te disse para te deixar assim?

Ela não responde, encosta sua boca na minha em um beijo rápido e se levanta.

— Amor, vou para casa, estou um pouco cansada, mais tarde a gente se fala.

— Nina — a chamo, antes de ela sair da minha sala.

— Estou bem, Enrico, está tudo bem, só estou cansada.

Ela vai embora, tenho certeza de que alguma coisa aconteceu neste almoço, por ora vou dar espaço a ela, mas quando chegar em casa, ela vai ter que me contar cada detalhe da conversa que teve com aquela mulher.



VINTE TRÊS

ENRICO

Olho para meu relógio de ouro em meu pulso e vejo que já são oito horas. Depois que a Nina foi embora, vim para o clube, como faço todos os dias na parte da tarde. Pego minha carteira, chave, coloco uma arma no coldre e outra em minhas costas, visto meu paletó e sigo para casa. Estaciono meu carro e vejo só o da Nina, abro a porta e não vejo ninguém. Subo as escadas para meu quarto e encontro Nina sentada na poltrona. Ela me olha de uma forma que não consigo decifrar, meu instinto me diz que não vou gostar nenhum pouco do que está por vir.

Retiro meu paletó, afrouxo minha gravata, pego minhas armas e coloco no criado-mudo. Nina continua em silêncio, a observo, com cautela. Ela se levanta e vem em minha direção, se aproxima e me abraça. A abraço de volta, posso sentir seu coração acelerado.

— O que foi, amor? — pergunto, passando as mãos levemente em suas costas.

— Precisamos conversar, Enrico, vai ser uma conversa difícil.

— Diz, amor, prometemos resolver seja o que for, juntos.

— Antes quero que você me prometa que não vai esquecer que o amo, e que quando você foi embora, fui covarde e agi como

uma tola, eu era muito... — Não a deixo terminar, pego em seus braços e a faço me olhar.

— Chega, Nina, combinamos de deixar nossos erros do passado para trás e seguir em frente, o que importa é o que temos agora.

— Tem algo que você precisa saber, para que nada fique entre nós dois, e é seu direito saber o que vou te contar. — Ela se afasta de mim e volta para a poltrona.

— Sente-se, por favor.

Sento-me na cama, minhas frequências cardíacas aumentam, este suspense está me matando.

— Nós tivemos um filho — ela diz, de uma vez, não consigo assimilar direito suas palavras, ou não quero. A voz não sai, fico paralisado. — Um mês depois que eu estava na Bahia, descobri que estava grávida, fiquei com medo da reação da minha família. Minha cabeça estava uma bagunça. A morte da minha mãe, você distante e a gravidez, muita coisa para assimilar.

Será que ela abortou?

Será que ela matou nosso filho?

Não, porra, o que estou pensando, ela disse que tivemos um filho. Por que não consigo dizer nada?

— Eu já tinha conhecido a Carla, ela ficou comigo durante toda a gravidez.

Porra, aquela vagabunda acompanhou o desenvolvimento do meu filho, enquanto eu nem sabia da sua existência. Só falto arrancar os cabelos da minha cabeça, meu cérebro parece que vai entrar em curto-circuito. Volto meus olhos para ela, as lágrimas

caem como cascata em seu rosto. Levanto-me e seguro em seus braços.

— Cadê meu filho, porra? Ela não responde. Sacudo seu corpo, estou desesperado. — Cadê ele, caralho?

— Morreu. Nosso filho morreu. — A solto e ando pelo quarto. — Ele nasceu lindo, perfeito, os cabelos loirinhos como os seus, nosso filho era lindo. — Ela cai de joelhos no chão. — Ele era a sua cara, meu menino, meu bebê. Doze horas depois dele ter nascido, o levaram para o berçário e ele não voltou mais, disseram que foi insuficiência respiratória.

Pego minhas armas e meu paletó e saio do quarto, sem saber direito aonde vou, uma parte de mim quer abraçar a Nina, a outra quer distância dela, distância da mulher que me escondeu meu filho.

Meu filho está morto. Morto. Desço as escadas correndo e vou para a porta que dá acesso à rua, antes que eu possa abrir, Lorenzo e Perla entram, ouço a voz da Nina me chamando, olha e a vejo no topo da escada.

— Enrico, por favor, me perdoa.

Viro-me e saio de casa, sem rumo. Pego meu carro e sigo, sem destino.



NINA

Enrico vai embora, sento-me na escada e choro. Com a visão turva pelas lágrimas, vejo meu irmão.

— Que porra que está acontecendo? — ele pergunta.

— Vai atrás dele Lorenzo — grito. — Por favor, irmão, tenho medo do que ele pode fazer.

Lorenzo sai correndo, enquanto isso Perla me ajuda levantar e me leva para o quarto. Ela me ajuda a deitar, estou me sentindo sem forças, mexer no passado, relembrar uns dos dias mais triste da minha vida, não é nada fácil. A porta se abre e Lorenzo está de volta.

— Cadê o Enrico?

— Quando cheguei lá fora, ele já tinha saído, seus seguranças o seguiram, quando ele chegar ao seu destino, eles vão me avisar. Eu quero saber o que está acontecendo, Nina. Perla me disse que você pediu para que saímos por duas horas, porque você queria ficar sozinha com Enrico, aí a gente chega encontra vocês desse jeito.

— Senta-se, Lorenzo. — Ele vai até minha poltrona e Perla senta ao meu lado, na cama.

Conto tudo, sem faltar nenhum detalhe, desde que conheci a Carla, até depois da morte do meu filho, que Carla pensa que fui direto embora, quando saí da casa que morava com ela, na verdade, fui para um hotel e fiquei mais alguns meses, eu não queria ir embora e deixar meu filho enterrado sozinho, todos os dias visitava seu túmulo, até o dia que tive que deixá-lo.

Perla chora, me abraça e chora ainda mais, sinto muito fazê-la passar por isso, ela está grávida, não é justo. Lorenzo está de pé, desde que falei da gravidez.

— Você tem noção da merda que você fez, porra? Um filho, Nina, onde você estava com a cabeça de esconder isso da sua família, de mim, caralho?

Meu irmão nunca falou assim comigo, mas ele tem toda razão de se sentir assim, não agi bem apenas com Enrico e, sim, com toda minha família.

— Você enganou todo mundo. Namorou Enrico escondido, não foi capaz de assumir no momento que ele mais precisou de você, fugiu com a porra da mentira que ia estudar, descobriu que estava grávida, escondeu do pai e da família.

— Calma, Lorenzo, não adianta ficar apontando os erros do passado, Enrico a perdoou e os dois estão bem.

— Estão bem, Perla? Você acha que depois de descobrir que ele teve um filho, que este morreu e ele nem pôde se despedir, vai ficar tudo bem? Você teria ficado bem, se não tivesse se despedido da Donna? — Perla balança a cabeça. — Vou te dizer uma coisa, Nina, se Enrico não quiser mais continuar com esse casamento, vou apoiá-lo.

— Lorenzo, por favor, me ajude, eu o amo.

— Por que você contou só agora?

— Tive medo de ele saber por outra pessoa que não fosse eu.

— Agora entendi. Sua amante.

— Lorenzo, você está indo longe demais — Perla diz, alterada, ele a olha e sai do quarto, batendo a porta atrás de si.

Deito-me e Perla deita-se ao meu lado. Está tudo acabado. Meu marido, meu irmão, não irão me perdoar. Quando meu pai e meus irmãos souberem, vai ser meu fim.

— Enrico, me perdoa.

Adormeço chamando por meu marido.



VINTE QUATRO

LORENZO

Porra, que merda! Odeio brigar com minha irmã, odeio a ver sofrer. Peguei pesado com ela, tenho noção disso. Nina fez o que mais odeio na vida, mentiu. Viajou para Bahia, em um período muito conturbado, em que precisei lidar com muita merda. O problema com a família do Enrico e o assassinato da minha mãe, trouxeram uma carga muito grande para a família, um verdadeiro caos.

Meu pai era apenas uma sombra de um homem, perder minha mãe praticamente ao mesmo tempo que ele achava que tinha perdido o amigo, o tirou de si, ele estava longe de ser o Don Guiseppe que todos conheciam. Com isso, minhas responsabilidades triplicaram. Quando Nina disse que iria para Bahia, estudar, achei ideal que ela ficasse longe de toda confusão, longe de todo banho de sangue. Para mim, ela estaria protegida. Me sinto culpado por não ter percebido seu sofrimento, por não estar em Roma quando acusaram os Ferri. Por ter permitido que ela ficasse tanto tempo longe. Por não ter desconfiado que ela mentia todas as vezes que eu ligava para ela. Por não ter percebido que ela estava grávida quando nos falávamos através das chamadas de vídeo. Estaciono meu carro

no clube e entro. No corredor que dá acesso aos quartos, encontro dois seguranças do Enrico e meu irmão, Pietro.

— Pietro, o que houve, o que faz aqui? — pergunto, tudo de uma vez.

— Faz meia hora que cheguei, ia dormir aqui no clube e amanhã ir para casa da nossa irmã.

— Por que vocês estão praticamente correndo?

— Um dos seguranças viu Enrico com a arma na cabeça.

— Porra!

Subo as escadas de dois em dois degraus.

— O que está acontecendo?

— Depois te conto, irmão, vamos salvar nosso irmão e cunhado.



ENRICO

Sinto-me como se tivesse formado um enorme buraco debaixo dos meus pés. Diferente do buraco negro em que vive minha alma, esse buraco sugou o melhor de mim. Meu sangue, minha descendência. Meu filho era o meu melhor. Pensei que o único fio de luz que tinha na minha escuridão, era o amor que sinto pela Nina, mas descobrir que fui pai, muda completamente a história. Sou pai, pai. Pai de um filho que nem conheci, que não o peguei no colo na sua breve vida.

"Ele nasceu lindo, perfeito, os cabelos loirinhos como os seus, nosso filho era lindo. Ele era a sua cara." Essas palavras martelam em minha cabeça. "Ele era a sua cara."

Estou em um quarto no clube, abrindo a segunda garrafa de uísque, ou seja, tentando abrir, pois meus movimentos estão desordenados. Coloco a garrafa ao meu lado, perto da minha cabeça. Neste momento pareço um monte de lixo, jogado no chão deste quarto. Camisa aberta, sapato jogado pelo quarto.

Pego minha arma que está na beira da cama, aponto-a para minha cabeça. Por que tenho que viver, por que um homem como eu tem o direito de viver? Por que Dio não me levou, em vez de levar meu filho? Que sentido tem isso tudo, casar-se com a mulher que sempre amei, para depois descobrir que sou pai de um filho morto? Dizem que quando morremos, encontramos quem amamos.

Será que é verdade?

Será que seu apertar esse gatilho, vou encontrar meu filho?

Como vou saber quem ele é?

Burro, burro, burro. Ele é sua cara, ela disse. Vai ser fácil de o encontrar.

Quantos anos ele teria, se tivesse vivo? Seis anos, certo?

Sento-me e encosto-me na cama, aponto a arma para o lugar que está sendo rasgado pela dor, meu peito. O quarto não para de girar, acho que bebi muito, uma garrafa e meia para ser exato. Preciso de mais. Pego a garrafa que não consegui abrir e, com muito custo, retiro seu lacre. Agora está perfeito, a arma em uma

mão e o uísque na outra. A porta se abre, meu segurança se assusta com a cena à sua frente.

— Chefe, por favor, me entregue essa arma.

— Sai daqui, porra — grito com ele, com a arma apontada na sua direção, ele dá passos para trás e some da minha vista, não posso nem morrer em paz. Em paz, chega ser engraçado.

Será que depois de morto terei paz?

Será que meu filho vai gostar de mim?

Será que alguém na vida um dia gostou de mim?

Minha diaba diz que me ama, sorrio. Ela me ama, posso sentir isso no seu toque, no seu olhar e em todas as vezes que a possuo.

Vamos fazer as contas, dou mais uma golada no uísque e coloco a garrafa no chão. Levanto minha mão e começo minha contagem. Vamos ver, a diaba, meu pai, minha mãe. Será que mais alguém me ama? Lorenzo, esse sim, tenho certeza que me ama. E o restante dos Mancinni, será que eles me amam? "Te amo como se você fosse meu filho", disse Guiseppe no dia do meu casamento, e em outras ocasiões. Mais um para conta. "Você é nosso irmão, nós te amamos". Pietro e Enzo também me amam, quase completei duas mãos.

Será que eles vão sentir minha falta?

Filho, espera só mais um pouco, papai está quase chegando.

"Você realmente acha que vai encontrar seu filho?" Uma voz do caralho diz dentro da minha cabeça. "Seu filho virou anjo e você..." a voz ri. Bato com a arma em minha cabeça.

Sou um fodido mesmo. A voz está certa, o inferno é meu lugar. Com as mãos tremulas miro a arma na minha testa. Nem depois de morto poderei conhecer meu filho.

Mal consigo manter a arma fixa em minha testa, minhas mãos tremem, meu corpo todo treme. Várias pernas surgem na minha frente.

— Saíam, saíam daqui, deixem-me encontrar meu filho — choro.

— Enrico, me dê sua arma. — Os joelhos se dobram na minha frente, é Lorenzo.

— Não posso, irmão, quero conhecer meu filho. A voz disse que ele está no céu e eu vou para o inferno, mas quem sabe, de repente, ele pode ir me resgatar.

Lorenzo segura minha mão que está com a arma.

— Não há nada que possamos fazer, Enrico, mas você e a Nina têm uma vida pela frente, vocês podem ter outros filhos.

Ele pega a arma e dá para um homem que está ajoelhado ao meu lado, esse entrega a outro homem que está em pé, ele sai da sala, junto com outro homem.

— Que merda você estava pensando em fazer, irmão? Diz o homem que está ao meu lado, é Pietro.

— Meu filho morreu. Seu sobrinho está morto.

Choro feito criança, meus irmãos me tiram do chão e me colocam sobre a cama. Antes que tudo se apague, digo:

— Filho, estou a caminho, papai está chegando.



VINTE CINCO

LORENZO

Ver o Enrico querendo tirar a própria vida, foi um soco no meu estômago. Sua dor, seu sofrimento partiu meu coração. Testemunhar um homem como ele daquele jeito, foi muito difícil. O pior é que a causadora de tudo isso é a minha irmã, minha garotinha, que cuidei como filha.

Enrico apagou, foram muitas doses de uísque. Meu amigo estava tentando aplacar sua dor através da bebida. A vinda do Pietro para Verona foi em boa hora, ele vai ficar fazendo companhia ao Enrico e eu vou para casa, preciso ver minha mulher. Essa merda toda foi muito intensa, estou preocupado com ela e com o bebê. Também preciso ver como Nina está.

Chego à mansão Ferri ela está silenciosa, subo e vou direto para o quarto que estou hospedado e minha Perla não está, sigo para o quarto da Nina e encontro as duas dormindo. Sento-me na beira da cama, minha esposa amada acorda. Beijo-a na boca e em sua barriga.

— Amor. Enrico veio junto contigo? — ela pergunta, praticamente sussurrando.

— Não, amor, ele ficou no clube com Pietro — digo, em tom baixo.

— Pietro?

— Sim. Meu irmão estava no clube. Enrico bebeu muito e apagou.

— Ainda bem que você o encontrou, do jeito que ele saiu, fiquei preocupada.

— Ele está bem, só um pouco alcoolizado. — Sorrio para ela. Perla não pode descobrir o que aconteceu, ao menos, por enquanto. — Vou tomar um banho, amor, isso tudo me deixou muito cansado. Você vem?

— Se você não se importa, vou fazer companhia à Nina, não quero deixá-la sozinha.

— Tudo bem. Amo você. — Lhe dou outro beijo e vou para o quarto.

Acho melhor não contar o que realmente aconteceu, Perla ficaria muito preocupada e isso pode fazer sentir-se mal.

Minha mente volta a todo momento na triste cena que presenciei, as palavras do Enrico martelam na minha cabeça. Não queria estar em seu lugar, não sei como reagiria, com certeza iria pirar.

Pela manhã, a primeira coisa que faço quando acordo é ligar para meu pai, peço que ele e Enzo venham para Verona, marquei uma reunião de família no início da tarde, também liguei para os pais do Enrico. Aprendi com meu pai, uma família para permanecer forte não pode haver segredos e mentiras, mesmo que cause muita dor, tudo tem que ser colocado em pratos limpos.



NINA

Abro meus olhos, as lembranças da noite surgem em minha mente.

Enrico.

Sento-me, Perla está dormindo ao meu lado. Sinto muito por ela estar no meio de toda essa tensão. Minha cunhada, grávida, tendo que assimilar toda essa merda. Levanto-me devagar, preciso ter notícias do Enrico, não sei se ele dormiu em casa, não tenho notícias desde ontem, desde o momento que ele saiu.

Espero que ele me perdoe, me perdoe por ter omitido sobre nosso filho.

O espelho reflete minha imagem, estou um lixo, não só por fora. Me sinto indigna do amor do meu marido. Do amor da minha família.

Lorenzo sempre foi meu amigo e confidente e, agora, meu irmão deixou bem claro que não confia mais em mim.

Quem confiaria?

Depois de tudo que fiz, mereço seu desprezo e sua desconfiança. Na nossa família sempre demos valor à verdade, meu pai nos ensinou que entre nós, independente do que acontecesse, seríamos sinceros um com o outro. Quebrei minha promessa, faltei com a palavra, não agi como uma Mancinni. Meu pai e meus irmãos nunca irão me perdoar. Ajoelho-me em frente ao

espelho, meus cabelos que estão engrenhados caem sobre meu rosto. Com a cabeça baixa, observo as gotas de minhas lágrimas caírem no piso. Cada gota representa meus sentimentos.

Tristeza.

Arrependimento.

Saudade.

Saudade do meu filho. Saudade do que não vivi. Saudade de quando eu era aquela garotinha mimada por todos e que suspirava pelo garoto mais velho do que ela.

Saudade.

Saudade de um tempo que não volta mais. Saudade de uma vida que não vivi.

Enrico. Eu. E nosso filho.

— Hei, Nina. — Perla me abraça, levanto meu rosto e a olho pelo espelho, minhas lágrimas se misturam aos meus cabelos que estão grudados em meu rosto. — O passado não pode ser mais mudado. Sinto muito por você ter passado pelo pior momento da vida de uma mãe, sozinha, longe da família, mesmo que tenha sido por sua opção. Use o que aconteceu como experiência e siga em frente, não vou te dizer que vai ser fácil, o que você fez foi muito grave, mas quem nunca errou? Seu marido e sua família te amam, de um tempo para que eles possam processar tudo, com o tempo tudo vai ficar bem, o amor supera todas essas coisas.

Não digo nada, viro-me e abraço-a. Ficamos alguns minutos abraçadas em silêncio. Perla retira os cabelos que estão grudados em meu rosto.

— Vamos. — Ela faz com que eu me levante.

Sem dizer nada, me leva para o banheiro, retira minha roupa e me coloca no box. Ela liga o chuveiro, a água cai sobre mim. Perla fica do lado de fora, me observando. Peço a Dio que a água leve tudo de errado que fiz, e que Ele possa me perdoar, já que não terei o perdão da minha família.

— Nina, vou tomar um banho e ver se seu irmão acordou.

— Lorenzo está em casa?

— Sim, ele chegou bem tarde.

— E o Enrico, Lorenzo o encontrou, ele veio com ele? — pergunto, com medo da sua resposta

— Não. Enrico ficou no clube, ele bebeu muito e acabou dormindo. Pietro ficou com ele.

— Pietro está aqui, em Verona? — Ela balança a cabeça, confirmando. — Ai, Dio mio, o que estava ruim ficou pior, não sei como encarar Pietro. Lorenzo já é demais para mim.

— Você vai ter que lidar com as consequências, melhor que seja logo.

Penso no que Perla disse, não sei como vai ser minha vida nos próximos dias, mas não vou desistir de tentar conseguir o perdão da minha família, o perdão daqueles que amo.



ENRICO

Acordo e percebo que não estou em casa, a noite anterior vem como uma avalanche em minha mente.

Meu filho.

Minha cabeça pesa uma tonelada, lateja, sinto muita dor, mas nada se compara a dor que sinto em meu peito. Tento inutilmente me levantar, estico meu braço e pego o meu relógio sobre a mesinha que está ao lado da cabeceira da cama. São mais de onze horas, faz muito tempo que não durmo tanto assim.

A porta se abre e Pietro surge, em suas mãos há uma bagagem. Ele parece preocupado, com certeza sou o causador de sua preocupação. Pensei estar delirando quando o vi ontem à noite.

— Pensei que a donzela não iria mais acordar.

— Não fode, Pietro. Porra, não posso nem falar que minha cabeça dói.

— Isso é para você aprender a não me xingar — ele diz, com seu jeito sério e me ajuda a levantar.

— Lorenzo passou aqui bem cedo para ver como você estava, ele pediu para você ligar para ele quando acordasse.

Pietro me leva para o banheiro, tomo banho e quando saio ele me entrega minha roupa, que Lorenzo trouxe quando esteve aqui, me visto e tomo um comprimido que ele me dá, junto com um copo com água. Pietro insiste para que eu tome café da manhã, mas não consigo comer nem beber nada, meio copo com água foi o suficiente, minha garganta está entalada, nada desce.

Sáímos do quarto e seguimos para o escritório, Pietro está atencioso e silencioso, seu jeito é muito parecido com o meu, ele

é só um pouco mais sério. Assim que entramos no meu escritório e nos sentamos, ele se pronuncia.

— Você pode me dizer que merda foi aquilo ontem? Que história é essa que meu sobrinho morreu?

Olho para ele e uma lágrima solitária escorre pelo meu rosto. Não estou me reconhecendo, saber do meu filho está acabando comigo. Se meu pai me vir assim, vai me recriminar. Na verdade, estou pouco me fodendo.

Um Ferri chora, sim. Meu filho, porra! Foi meu filho que morreu.

Não respondo sua pergunta, me recomponho, vou ter que aprender a conviver com isso.

— Perguntei ao Lorenzo, que disse que tudo ficará às claras, hoje, na reunião de família.

— Então, aguarde a reunião, sua irmã que tem que dizer o que aconteceu. — Ele me observa, por mais que tento me manter forte, não consigo. Outra lágrima escapa. — Perdoe-me, Pietro, mas se eu tiver que falar mais uma vez sobre esse assunto... — abaixo minha cabeça sobre a mesa —... não dá, não dá, porra, está doendo pra caralho. Aqui — bato com a mão fechada em meu peito. Pietro se levanta e me abraça.

— Calma, irmão.

Meu celular toca, pego-o em meu bolso do paletó, no visor vejo que é a Nina, tem dez chamadas dela e quatro do Lorenzo. Entrego ao Pietro, que atende. Ele diz que estou bem e que em breve estaremos em casa. Ainda não estou pronto para enfrentá-la, não sei como será minha reação, mas não sou homem de fugir

dos meus problemas, esse é mais um que terei que enfrentar na minha fodida vida.



VINTE SEIS

ENRICO

Chego em casa, acompanhado de Pietro, a família está reunida na sala de visitas. Eles conversam como se não tivesse acontecido nada, Nina não está presente. Meus pais, meu tio Guiseppe e Enzo se aproximam de mim.

— Filho, você está tão abatido — minha mãe diz.

As marcas negras em meus olhos são evidentes. Diferente das outras vezes, Enzo não diz nenhuma das suas habituais piadas, ele me abraça, percebo que ele suspeita que a situação seja grave. Lorenzo segura meu rosto e diz que vamos superar, juntos. Tento evitar expor minha fragilidade, mas é inútil, a porra da lágrima teima em cair.

— Que porra é essa, Enrico? — meu pai diz, me advertindo.

Olho para ele, bem sério, não digo nada, viro-me para Perla e pergunto sobre a Nina. Perla diz que ela está no quarto. Ela está triste. Todos estamos tristes. Ao subir as escadas, escuto meu pai perguntando ao Lorenzo o que está acontecendo, ele diz para esperar a Nina e eu descer. Entro no quarto e vejo minha mulher andando de um lado para o outro, quando me vê, ela para.

— Enrico

— Sente-se — digo.

Ela senta-se na poltrona e eu na cama, a mesma configuração de ontem. Retiro meu paletó, minha gravata e dobro a manga da minha camisa.

— Enrico, a gente tem que conversar, sinto muito que... — Não a deixo terminar

— Estou puto pra caralho, Nina, mais do que puto, estou sofrendo como um inferno. Ao que se refere a nós dois, conversamos depois. Agora, vamos descer, a nossa família está esperando.

— Não estou com coragem de enfrentá-los.

— Você foi capaz de fazer tantas coisas, Nina. Assuma seu erro e agunte as consequências — digo, bem devagar e com a voz mansa. — Estou tão cansado. Seja o que for, estarei ao seu lado. Isso não significa que te perdoei, mas sou seu marido, mesmo odiando tudo que você fez, vou te apoiar. Agora, vamos.

Levanto, abro a porta e espero que ela saia. Nina está tão acabada quanto eu, imagino que trazer à tona a lembrança do falecimento do nosso filho está sendo muito difícil. Pena que ela optou por sofrer sozinha. Nossa sala de visitas tem dois sofás enormes e quatro poltronas, Nina a redecorou depois que nos casamos, só agora vejo a necessidade de tantos lugares para se sentar. Sento-me em uma das poltronas que está vazia, Nina se senta ao lado da Perla.

— Agora que estamos todos reunidos, vamos esclarecer algumas coisas. Alguém do passado da Nina voltou e, consigo, tem trazido alguns problemas que tem interferido não só em sua vida

peçoal, mas também nos nossos negócios. Ainda não temos clareza do que realmente ela quer, mas tem a ver com a Nina. — Mal Lorenzo termina de falar, todos fazem perguntas.

Guiseppe pede para esperarem Lorenzo concluir. Ele conta da viagem da Nina para Bahia e que ela se relacionou com Carla. Ouvir isso tudo me deixa doente.

— Nina escondeu de toda a família e, principalmente, de Enrico, o verdadeiro motivo pelo qual ela ficou tanto tempo longe de casa, e cabe a ela contar a vocês o que realmente aconteceu. Todos olham para Nina, inclusive eu. Não sei se vou aguentar ouvir essa história outra vez. Levanto-me.

— Aonde você vai, filho? — minha mãe pergunta.

— Para o meu escritório, quando Nina terminar de contar, eu volto.

Pietro se levanta e vem atrás de mim, Lorenzo o impede e diz para ele ficar, para que saiba o que está acontecendo e me acompanha.



NINA

Os olhos curiosos sobre mim demonstram que hoje é dia do meu julgamento, o dia em que, pela primeira vez, estarei no banco dos réus. Como advogada, sei que não tenho defesa e que meus

argumentos são fracos. Enrico disse que estaria ao meu lado, simplesmente saiu.

O que eu queria também, que ele me desse a mão ou que me colocasse em seu colo?

Perla passa a mão em minhas costas, preciso começar a falar, acabar com isso de uma vez. Começo dizendo sobre minha covardia no dia em que Enrico e sua família foram embora. Que só me dei conta que estava errada depois que nos casamos. Digo que, até pouco tempo, nós dois vivíamos como dois estranhos nesta casa.

— Como assim? — meu pai pergunta.

— Enrico estava com a ideia fixa de se vingar de Nina, quando ele a pediu em casamento, pensei que ele tinha desistido, mas quando voltei de viagem, soube que eles não estavam bem — conta meu sogro.

— Por que você não impediu esse casamento? — meu pai diz, furioso.

— Porque eu sabia que ele a amava, com a convivência, ele se daria conta disso.

— Continua, minha filha, eu sei que tem mais, do jeito que meu filho está, aconteceu algo mais grave — a mãe do Enrico diz, com seu jeito carinhoso.

— Graças aos conselhos da Perla, lutei para conquistar meu marido e nós temos vivido bem, até ontem, quando eu contei para ele sobre nosso filho.

— Porra, agora as coisas estão começando a fazer sentido — Pietro fala, como se estivesse se lembrando de alguma coisa

— Filho, Nina, que filho? Eu tenho um neto? Onde ele está, filha?

— Ele morreu, pai. — Começo a chorar.

— Como assim? A gente teve um neto Ferri e ele morreu. Não estou entendendo nada.

Com muito custo, conto tudo que aconteceu, o olhar de desaprovação e decepção é unânime. Me afundo na minha vergonha e tristeza, de repente, sou erguida pelos braços.

— Você é uma mentirosa do caralho — Pietro grita.

— Agora entendo por que Enrico tentou tirar a própria vida. — Arregalo meus olhos. Meu pai tenta fazer com que ele me solte, mas não consegue.

— Me ajuda aqui, Enzo.

— Ela tem sorte do Pietro não enfiar uma bala na cabeça dela, Nina fez todo mundo de otário.

— Se não fosse um dos soldados, Enrico estaria morto. — Desabo em lágrimas, Pietro me joga no sofá. Perla me abraça.

— O que foi isso, Pietro? Desde quando você não respeita seu pai?

— Desculpe, pai, mas não consigo tirar a imagem do Enrico com a arma apontada para si. Ele dizia que ia encontrar seu filho, para mim, ele estava assim por causa da bebida, mas agora vejo que quase perdi um irmão por causa dessa...

— Não complete, Pietro.

Todos começam a apontar meus erros, meu pai apenas ouve, parece não querer acreditar em tudo que ouviu, Perla e minha sogra, Micaela, tentam me defender, inutilmente. Os debates acusatórios continuam, até que a voz grossa e dura do meu marido interrompe.

— Alguém aqui já se colocou no meu lugar, no lugar da Nina? Ela tinha apenas dezoito anos. Vocês sempre a mimaram, nunca a prepararam para a vida. Na cabeça infantil dela, eu a tinha abandonado, quando o que eu mais queria era casar-me com ela. Nina errou, e muito, mas isso não impede que ela tenha sofrido e sofra até hoje com a perda do nosso filho. Vocês não imaginam a dor que estou sentindo, descobrir que sou pai de um filho morto, está fodendo com minha vida. Um filho que nem conheci. Me deem o direito do meu luto. Amanhã vou para Bahia com a Nina, conhecer o lugar que meu filho está enterrado e transferir para o jazido da nossa família. Foi meu filho que morreu, vocês entendem isso? Meu filho.

As lágrimas surgem nos olhos de todos, eles nunca viram Enrico assim, tão quebrado. Lorenzo e Pietro o levam para o nosso quarto, cada um o segura de um lado, subo logo em seguida, deixando todos para trás.

Como meu marido disse, temos direito ao nosso luto, meu segundo luto.



VINTE SETE

NINA

Antes de chegar ao topo da escada, Enrico desaba.

— Socorro! — grito.

Meus irmãos, que estavam apenas o apoiando, seguram antes que seu corpo vá ao chão, por pouco não rolamos as escadas. Enzo e meu pai sobem correndo, ajudam a levá-lo para o quarto. Meu sogro está nervoso, falando ao telefone, ele está chamando o médico da família.

Eles colocam Enrico na cama, meu corpo treme de tanto nervoso. Sento-me ao seu lado. Estou tão nervosa que grito, pedindo que eles façam alguma coisa. Seguro seu rosto e peço para ele acordar.

Enzo retira seus sapatos e meias, minha sogra e Perla se sentam do outro lado da cama, eles pedem para que me acalme, que o médico está vindo.

— Enrico não comeu nada o dia todo, acordou tarde, não quis tomar café nem almoçar. Ele só tomou o remédio que Lorenzo levou, com meio copo d'água.

— Ele também não jantou ontem — digo ao Pietro.

— São muitas horas sem comer, junto com o estresse, o corpo não aguentou.

O médico entra no quarto com meu sogro, todos saem, ficando apenas eu e os pais dele. Meu marido acorda.

— Hei, amor. — Ele dá um sorriso fraco.

— Graças a Deus — minha sogra diz e beija sua testa.

— O que houve?

— Você desmaiou, mas está tudo bem, o doutor Alessandro está cuidando de você. Agora ele vai colocar o soro, você está muito fraco.

Dou-lhe um beijo e me afasto para que o médico continue seu trabalho. Meu celular toca, pego-o em cima do criado-mudo, no visor vejo que é a Carla, disfarço e mostro para meu sogro, que faz sinal para sairmos do quarto. Desço as escadas, apressada. Me aproximo de Lorenzo e digo que é a Carla.

— Atende.

O celular para de tocar, mas logo começa de novo, insistente.

— Olá, Carla.

— Oi, Nina. Estou te ligando, porque desde o nosso almoço não nos falamos mais.

— Tenho andado ocupada. Carla, espera um pouco, vou colocar o celular no viva voz porque estou com as mãos sujas. — Pego o celular e coloco sobre a mesa de centro para que todos ouçam. — Pode falar.

— O que você está fazendo? — Perla move as mãos como estivesse mexendo um bolo.

— Estou fazendo uma massa de pão, mas qual o motivo da ligação?

— Uma amiga não pode ligar para outra? Na verdade, eu queria saber se está tudo bem?

— Por quê?

— É que fiquei sabendo que seu marido não dormiu em casa e que sua família e a dele estão na tua casa. — Como ela sabe disso?

— Meu marido dorme muitas vezes fora de casa, Carla, ele é Capo, tem muitos compromissos. Me diga uma coisa, como você ficou sabendo disso? Não vejo problema nenhum da minha família nos fazer uma visita.

— Acho que foi Dimitri, mas deixa para lá, só queria saber se você e o Enrico estão bem, ele te abandonou uma vez, fiquei ao seu lado, se isso acontecer de novo, sabe que pode contar comigo.

— Carla, Enrico nunca me abandonou, eu que o deixei, não se preocupe, porque estamos muito bem.

— Que tal sairmos juntas, amanhã?

— Não posso, meu marido e eu vamos viajar.

— Viajar, como assim? Para aonde vocês vão?

— Não sei dizer, ele disse que é surpresa. — Ela fica um tempo muda. — Carla, preciso desligar, minha massa está no ponto. — Encerro a ligação

— Meu Deus, como ela sabe disso tudo?

— Me dá o endereço dessa vagabunda, que vou lá enfiar uma bala na cabeça dela.

— Calma, Pietro, não podemos agir sem provas, senão a nossa relação com os russos pode ficar abalada, o que menos quero é uma guerra sem sentido.

— Lorenzo, como sempre, sensato. Para Pietro, tudo se resolve com uma arma.

— Seu irmão está certo, filho, ela deve ter um informante.

— Só pode ser alguém que trabalha na casa.

— Concordo. — Meu sogro se junta a nós.

— Essa vagabunda deve estar fodendo com algum soldado da mansão, para obter essas informações, porque eles não são doidos de trair o Cruel, sabem muito bem as consequências.

— Enzo tem razão, Carla sobrevive da sedução, com isso ela consegue o que quer. Ela fez o mesmo comigo.

— Ferri, convoque todos os funcionários da casa, peça para que eles se reúnam na área da piscina.

Meu sogro sai para cumprir a ordem do Don Lorenzo, do jeito que ele falou, não é apenas meu irmão. Meu pai me abraça bem apertado, sussurro bem baixinho pedindo perdão. Ele diz que Enrico está certo, que eu era muito nova para agir corretamente, embora tenha errado em não contar para a família.

Receber o perdão do meu pai é um alívio para meu coração. Enzo também me abraça, o pedi perdão, ele sorri e bagunça meu cabelo.

— Te amo — ele diz e eu digo que também o amo.

Pietro assiste toda a cena e não diz nada, meu irmão é tão duro quanto Enrico, acho que até pior. Pietro é casado, mas quase não vemos sua esposa, ela não participa das reuniões de família e ele

não comenta nada a respeito dela, no fundo, sei que meu irmão não é feliz em seu casamento.

Meu pai nos chama para irmos para a área externa, Lorenzo já está lá, e os funcionários chegam aos poucos, meu sogro convocou até os que estão de folga, até a Georgia e sua ajudante estão presentes.

— Tem vazado informações sobre a rotina da nossa família, elas estão saindo de dentro desta casa. Estou dando a oportunidade para que o traidor se entregue, antes que eu descubra quem é.

Meu irmão, quando está no seu modo Don, chega a dar medo, sua forma de falar e de se comportar são completamente diferentes do homem que convivemos no dia a dia. Lorenzo sempre teve esses extremos, doce e duro, quando necessário.

Todos ficam em silêncio, o medo é palpável. Pietro trava e destrava sua arma.

— Qual de vocês está fodendo com a vagabunda da Carla? — Enzo diz, impaciente, todos continuam em silêncio, menos Georgia.

— Eu já ouvi esse nome.

— Não foi pela Nina, Enrico ou por mim? — Lorenzo pergunta.

— Não, senhor. — Ela fica pensativa.

— Você a viu em algum lugar? — Perla pergunta, curiosa.

— Vocês têm alguma foto dela? — Pego meu celular e acesso sua rede social, escolho uma foto mais recente e mostro para ela. — Ela mesmo, outro dia estava chegando do mercado e ela estava no outro quarteirão, conversando com o Sandro, pensei

em oferecer uma carona para ele, mas do jeito que eles estavam, pensei se tratar de uma namoradinha.

— Tem certeza de que é ela, Georgia? — Lorenzo pergunta, os homens já estão segurando o Sandro.

— Sim, senhor. Costa e eu estávamos bem devagar, e uma mulher como ela é fácil identificar, ainda mais pela forma que ela se veste.

Não acredito que Carla tem nos vigiado esse tempo todo, usou seu jogo de sedução para obter informações, por isso que ela sabe que o Enrico não dormiu em casa.

— Obrigado, Georgia, pode se retirar.

— Sim, senhor.

Georgia e sua assistente se retiram, Sandro começa a se justificar, diz que não sabia quem Carla era, que ela o seduziu, diz que achou estranho ela fazer perguntas sobre a rotina da casa, mas ela disse que era só curiosidade.

O infeliz foi mais um a cair em sua artimanha. Ele não consegue implorar por muito tempo por sua vida, Pietro dispara um tiro em sua cabeça.

Lorenzo diz que esse é o fim de todo traidor, que a sorte do Sandro é que Enrico está indisposto, porque as consequências seriam piores.

Chego a ficar arrepiada, só de imaginar no que meu marido é capaz de fazer. Retorno para o quarto e deito-me ao lado do meu impaciente marido, que está querendo arrancar a agulha que está

em seu braço com o soro. Me aconchego em seu braço, o lugar que sempre quero estar.



VINTE OITO

CARLA

Estou com tanta raiva do maldito do Enrico.

Que ideia é essa de viagem surpresa?

Logo agora que estou me aproximando da Nina, o desgraçado quer levá-la para longe de mim. Tento por diversas vezes falar com o idiota do Sandro, seu celular só cai na caixa de mensagem, nem para carregar o celular ele presta.

Não sei como descobrir para aonde eles irão viajar. Não posso me arriscar em ir até a casa, já me arrisquei uma vez, quando Sandro não atendia minhas ligações. Neste momento é perigoso, pois sua família está toda lá.

Coloca a cabeça para funcionar, Carla — repito essa frase várias vezes para mim mesma, tenho que agir antes que Enrico leve minha Nina para longe de mim. Tenho certeza que longe daquele pedante, ela vai voltar a si, se lembrar do quanto somos boas juntas, o quanto nos amamos.

Que merda! Pensa, Carla.

NINA

Acordo nos braços do meu malvado, me levanto, fazendo o máximo possível para não o acordar. Vou até o banheiro e preparo a banheira para ele se banhar. Enrico transpirou muito durante a noite. Retorno para o quarto e ele está acordado, o médico está retirando seu soro que chegou ao fim.

— Bom dia — digo para o doutor.

Subo na cama e vou engatinhando bem devagar até meu maridinho, que ainda está um pouco sonolento. Dou um beijo suave em sua bochecha.

— Preparei seu banho, Enrico, vou te ajudar a levantar.

— Estou bem — diz, seco, e tenta se levantar.

— Enrico, neste momento posso ser a última pessoa que você gostaria de ver, mas sou sua esposa, querendo ou não, você tem a mim, a não ser que você queira que eu chame um dos meus irmãos para te dar banho. — Ele faz um som nada agradável.

— Posso tomar banho sozinho.

— Você não está conseguindo nem ficar em pé, deixa de ser teimoso.

Meu malvado resmunga.

Me despeço do doutor, ajudo-o se levantar, ele ainda está muito fraco e um pouco zozzo, foram mais de doze horas sem se alimentar. Com muito custo, consigo chegar ao banheiro e o colocar na banheira. Lavo seu corpo, sem pressa.

Quando passo a bucha em seu pau, ele fica me observando, não há nada de erótico nisso, só estou limpando, mas ele fica duro. Finjo não notar, não há clima e nem condições para fazer sexo.

Quando termino, seco seu corpo, meus olhos traçam suas tatuagens espalhadas pelo seu corpo bonito, sexy e grande.

Meu malvado é uma perdição, mesmo abatido ele continua lindo. Depois de vesti-lo, desço para preparar algo para ele comer. Com tudo que aconteceu ontem, não sei onde meus cunhados e meu sogro dormiram.

— Bom dia, Georgia. — Beijo sua bochecha.

Geo é muito doce, ela cuida de mim e do Enrico como fôssemos seus filhos. Ontem ela nos ajudou a descobrir quem era o traidor. É horrível saber que não estávamos seguros dentro da nossa casa.

— Preparei uma refeição bem leve para seu Enrico, ele tem que introduzir os alimentos aos poucos.

— Obrigada, Geo. Sabe da minha família? — Mordo uma maçã que peguei em cima da mesa.

— Seu pai foi dormir na casa do senhor Ferri, e seus irmãos estão nos quartos de hóspedes. — Fico aliviada que todos se ajeitaram.

Enrico reclama quando vê a vitamina, uma mistura doida que Georgia fez a mando da minha sogra. Ele olha para a bandeja e pergunta pelo bacon, não respondo, se Georgia não colocou é porque não faz bem. Entre uma careta e outra ele bebe toda a vitamina, come os ovos e a metade da panqueca. Normalmente, ele consome o dobro disso.

Os três mosqueteiros entram no quarto, parece que combinaram.

— Figlio di puttana, que susto você nos deu ontem. — Pietro abraça meu malvado, que sorri.

— Desmaiou igual a uma donzela. — Enrico dá o dedo do meio. — Teria sido pior se estivessem só ele e a Nina, nossa irmã iria ser massacrada por esse troglodita.

— Vai se foder, Enzo — meu malvado diz, sério.

— Só se você for contigo, seu gostoso. — Ele passa as mãos nas pernas do Enrico. Meus irmãos riem, enquanto meu marido dá seu olhar ameaçador para Enzo.

Aproveito a companhia dos meus irmãos e me retiro, pego uma roupa limpa no closet e vou tomar banho. A caminho do banheiro, ouço Lorenzo dizer para Enrico viajar quando estiver melhor, meu malvado diz que vamos amanhã, quanto antes terminar com isso, melhor. Meu irmão concorda.

Saio do quarto, deixando os quatro mosqueteiros conversando. Georgia, assim que me vê, diz que precisa ir ao supermercado, resolvo ir com ela, preciso pensar um pouco distante de todos, distante desta casa.

Costa e um soldado, que ficou no lugar do Sandro, entram primeiro no supermercado, quando eles nos liberam, entramos, ambos ficam na entrada, nos aguardando. Andando pelos corredores, penso em Carla, tento entender o porquê de suas ações, que até agora tem me prejudicado.

Meu celular toca, retiro da minha bolsa e vejo que é ela, estou com tanta raiva que minha vontade é de jogar o aparelho longe, mas atendo. Eu a que trouxe para minha vida e da minha família, então, eu que tenho que resolver.

— Nina.

— Oi, Carla — digo, sem ânimo.

— Nina, desculpe te ligar, nem sei se você já está viajando, mas eu preciso de você.

— O que houve?

— Dimitri.

— O que tem ele?

— Nós brigamos... — Ela para de falar. — Fugi de casa, estou com muito medo, Nina.

— Onde você está?

— Peguei minhas coisas e fugi para um hotel. Você vai me ajudar, Nina?

— Me envia o endereço, vou pedir ao Lorenzo para te auxiliar.

— Não, Nina, por favor. Seu irmão é amigo do Dimitri, se ele descobrir onde estou, vai me matar.

E agora, o que faço? Vou ao seu encontro ou não? Carla tem jogado comigo e fodido minha vida, mas não posso vê-la em perigo e não fazer nada. Recebo o endereço, sei onde ela está, é um hotel pequeno, uma construção antiga, sua arquitetura é muito bonita. Tem sacada que dá para a rua principal.

E se for mentira? Carla pode ter inventado isso porque disse que iria viajar, mas e se não for? Homens da máfia são implacáveis. Carla deve ter feito algo muito grave para ele querer tirar sua vida.

Decido ir ao seu encontro, se ela estiver mentindo, vou colocar um ponto final nessa história.

— Georgia, leve as compras para casa, diga ao Enrico que não vou almoçar em casa, vou resolver um problema do trabalho.

Tenho que despistar o Costa, se ele suspeitar que vou me encontrar com a Carla, vai contar para o Enrico e tentar me impedir. Paro uma funcionária do supermercado e pergunto se tem alguma saída nos fundos, ela me diz que no depósito tem um portão que dá acesso à rua de trás. Dou-lhe algumas notas para que ela me leve até lá.

Faço sinal para um táxi, entro e digo o endereço. Observo os arredores do hotel antes de entrar, não vejo nenhum soldado do Dimitri, nenhuma situação estranha. Dou dois toques na porta do quarto, Carla abre e me puxa para dentro, parece assustada.

— Tinha certeza que você viria, nunca duvidei do seu amor por mim. — Ela tranca a porta.



VINTE NOVE

NINA

— Meu amor por você, Carla? Sinceramente não te entendo. — Puxo uma cadeira e me sento, minha bolsa coloco sobre a pequena mesa. — Então, essa história sobre o Dimitri é mentira?

— Queria sua atenção, você tem rejeitado meus convites. — Bufo.

— Não sei mais o que fazer para você entender que minha vida mudou, que “você e eu” não existe mais, na verdade, nunca existiu. — Seus olhos escurecem

— Você aceita um pouco de água? — Faço que sim com a cabeça, sua voz doce não combina com seu olhar.

Observo seus movimentos, ela caminha até um pequeno móvel. Retiro o celular da minha bolsa e encaminho o endereço para o Enrico. Carla pega dois copos que estão sobre uma bandeja, depois a jarra.

Propositalmente seu corpo cobre minha visão, fico desconfiada, movimento bem devagar minha cabeça e pelo reflexo do vidro do quadro à sua frente a vejo abrir um pequeno frasco e despejar umas gotas em uns dos copos. Me ajeito na cadeira e a aguardo.

— Nina, Nina... — Ela me entrega o copo com água e se senta na outra cadeira. — Você está muito enganada, não sei que poder

é esse que o Enrico tem sobre você. — Ela segura minhas mãos. — Você tem que entender que aquele desgraçado não a ama, Nina.

Ela se levanta, caminha até a cama, rapidamente troco os copos.

— O que você quer, Nina? O que posso fazer para que você ficar comigo? Vou fazer a pergunta de outro jeito. — Ela volta e se senta de novo na cadeira. Absorve o líquido em seu copo todo de uma vez. — Você não está com sede, Nina? — Levanto o copo e bebo um pouco da água. — Se você pudesse escolher entre seu filho e seu marido, qual seria sua escolha?

— Meu filho está morto — grito.

— Pode ser que sim, pode ser que não. — Seguro em sua blusa.

— O que você está querendo dizer com isso, Carla? — grito em seu rosto.

— Se você deixar seu marido e for morar comigo, te dou informações sobre seu filho, de brinde, não mato o bastardo.

A solto, vou até a sacada, tento respirar. Isso não pode ser verdade, deve ser mais uma das suas artimanhas.

— Nina, o que você fez? — Olho para o quarto e Carla está cambaleando, ela se rasteja na cama.

— Carla, Carla... Você pensou mesmo que iria me dopar, e sei lá, quais eram seus planos? Me levar para outro país, o Brasil, talvez? Ingenuidade sua, querida, sou uma Mancinni e minha família é dona da porra toda.

— Sua maldita... — Sua voz sai fraca e ela apaga.



ENRICO

Depois do almoço, me senti bem mais disposto, os três patetas à minha frente escolheram este dia para ficar me sacaneando, principalmente o pateta chefe, o Enzo. Sei que eles estão tentando distrair minha mente do meu sofrimento e agradeço muito por isso.

Consigo convencê-los de que estou bem e preciso ir à empresa, para Nina não ter voltado, ocorreu algum problema judicial. Subo e vou ao meu quarto pegar meu celular, procuro e o encontro na mesa, ele está descarregado. Abro a gaveta do criado-mudo e pego uma bateria, troco pela descarregada e saio do quarto, enquanto ligo o celular. Tem uma mensagem da Nina, nela consta um endereço, vejo que foi encaminhada. Ligo para ela, que não atende, fico preocupado.

— O que foi, Enrico?

— Não sei, Lorenzo. Nina me enviou um endereço e não atende as minhas ligações.

Ligo para o Costa, meus cunhados estão tentando falar com a Nina. O telefone chama e ela não atende.

— Porra!

Costa surge em nossa frente, pergunto, já nervoso, pela Nina. Ele conta que ela dispensou Georgia e saiu pelos fundos do supermercado, segundo o que disse uma funcionária. Ele

mandou Georgia voltar de táxi com o soldado e ficou com o carro para procurá-la, estava fazendo isso até agora.

— O que nossa irmã tem na porra da cabeça, andar por aí, sozinha, sem segurança?

— Pietro, isso tem o dedo daquela vagabunda.

Verifico o endereço e é de um hotel que estive com a Nina, há dois meses. Nós estávamos na cidade almoçando, a diaba me atentou o almoço todo, esfregava sua perna em mim, colocou seu pé no meu pau, disse palavras obscenas. Saí do restaurante e entrei no primeiro hotel que vi, do jeito que eu estava, não daria tempo de chegar em casa.

— Sei onde fica o hotel, vamos.

— Não quero saber de porra de Dimitri, vou enfiar uma bala na cabeça da vagabunda.

Pietro tem razão, Carla passou dos limites.

No hotel, vamos direto para o quarto, chegando lá, enfio o pé na porta, para minha surpresa, Nina está sentada em uma cadeira de frente para a cadeira que Carla está sentada e amarrada. A vagabunda está apagada. Assim que me vê, Nina se pendura em meus braços. Essa diaba não sabe o susto que me deu, pensei o pior.

— Nosso filho, Enrico, ela disse que tem informações sobre nosso filho — Nina diz essas palavras com lágrimas nos olhos, olho para ela sem entender o que significa.

Lorenzo percebe que fiquei estático, pega a Nina e a coloca sentada na cama.

— Respira, Nina, nos conte tudo que aconteceu aqui.

— Já posso matar essa vagabunda?

— Não — Nina grita para Pietro. — Antes de apagar, ela disse que nosso filho pode estar vivo.

Ouvir isso foi como levar um soco, não sei se Carla estava tentando foder com a mente da Nina ou se disse a verdade. Nina conta tudo, que Carla ligou para ela e disse que havia brigado com Dimitri e estava com medo de ele tirar sua vida. Quando chegou viu que era mentira, e que Carla a mandou escolher entre mim e nosso filho. Antes de apagar, deu a ideia que talvez nosso filho esteja vivo.

Minha diaba foi muito esperta em trocar os copos, se ela não tivesse feito isso, não quero nem pensar no que essa vaca faria. Dentro do armário, ela encontrou as cordas que usou para amarrar Carla.

— Porra, Nina, essa vaca armou para você. Onde você estava com a cabeça, de se encontrar com ela, sozinha?

— Foi eu que trouxe esse problema para nossa família, Enzo, tinha que resolver, sozinha

— Não existe isso de seu problema, é nosso, da nossa família. — Lorenzo faz carinho em seu rosto.

Saio do meu estupor e tomo as rédeas da situação. Ligo para Costa que ficou na entrada do hotel e peço para ele subir com mais dos homens, Carla vai se arrepender de ter nascido.



TRINTA

ENRICO

Meus homens levam a vagabunda para o clube, tenho um lugar especial para lidar com esse tipo de gente. Enquanto Carla desfruta seu último sono, me reúno com a família na sala de reuniões.

— Antes de tomar qualquer atitude, vou falar com Dimitri, ele tem que saber o tipo de mulher que ele se envolveu.

— Você está certo, filho, temos que fazer o possível para não perder o bom relacionamento que temos com os russos.

Lorenzo liga para Dimitri, que diz estar chegando à cidade e virá direto para o clube. Isso confirma que Carla mentiu quando ligou para Nina.

Nina faz questão de ir conosco interrogar Carla, ela está no porão com dois de nossos soldados de plantão. Entramos no porão e minha diaba fica do lado de fora, acho estranho, mas não digo nada.

— Quanta honra. Mancinni e Ferri. Essa reunião familiar é por minha causa?

— Você não acha que está faltando a minha presença nesta reunião, Carla?

— Nina entra no porão. Os olhos da Carla

pousam sobre minha mulher, que para ao meu lado, ela se enfurece.

— Você me traiu, Nina, tudo por causa desse filho da puta. — Quando menos espero, meu pai dá um tapa em seu rosto.

— Você é doente, Carla.

— Você nunca me amou, Nina, fiz tudo por você. Se você está sem o seu filho, a culpa é dele, toda dele.

A louca aponta para mim, estou me segurando por causa do meu filho, minha vontade é arrancar sua língua. Não vejo a hora de cortar cada parte do seu corpo e dar para os cachorros.

— Você nunca o esqueceu, por mais que me dedicasse a você, não adiantava. No dia que você escolheu o nome dele para o nosso filho, me dei conta que tinha que agir para não te perder.

— Meu filho, porra! Meu e da Nina — grito.

— Ele nunca foi seu, eu que estive com ele, enquanto se desenvolvia no ventre. Nina até queria te contar, mas não deixei, você não merecia.

Aponto a arma para sua cabeça, mas Lorenzo me impede de atirar, ele está certo, não posso dar cabo de sua vida, enquanto ela não nos informar sobre meu filho. Ter que ficar olhando para essa prostituta, sem poder fazer nada, está me tirando do sério.

— Continua sua historinha, Carla. — Nina está calma, suas palavras são moderadas.

— Eu até tinha te esquecido, Nina, mas nunca aceitei o fato de você ter virado as costas para mim. Você me deixou sem dinheiro. A única opção foi voltar para o hotel, voltar a me

prostituir e, quem sabe, conseguir um otário para me bancar. Os dias e meses foram passando... — ela para de falar e passa a mão no rosto. — Esse velho, filho da puta, me machucou, ficou ofendido de eu ter chamado sua mulher de puta. — Antes que meu pai bata nela outra vez, o seguro, teremos nossa vez. Ela ri.

— Saiam, por favor, Enrico e eu resolveremos — minha esposa pede.

— Tem certeza? — meu sogro pergunta. Balanço a cabeça, confirmando

— Quando for a hora de meter uma bala na cabeça dessa puta, me chama. — Pietro não vê a hora de matá-la.

— Gostei, Nina, quem te viu e quem te vê, baixou o espírito da Poderosa Chefona em você.

Lorenzo ri e dá um tapa em sua cabeça, Enzo não consegue levar as coisas a sério. Perla ficou em casa, Lorenzo não quis acordá-la pois ela anda muito agitada, tem acontecido muita merda. A conhecendo bem, ele sabe que ela gostaria de estar aqui, preferiu poupar a ela e o bebê. Todos se retiram. Carla debocha:

— Enfim, sós.

— Continuando, Carla, o que a fez mudar de ideia e vir atrás de mim? — Nina fala, como fosse uma conversa, não interfiro, ela está conseguindo fazer com que a vaca fale.

— Dimitri. Ele se hospedou no hotel, vivia cercado de seguranças. Para mim, ele era um homem muito rico, então vi ali uma oportunidade de me dar bem. Conforme fomos nos envolvendo, descobri que ele é da máfia russa. Uma conversa

aqui e outra ali, descobri que ele é ligado à sua família, foi quando comecei a traçar um plano para me aproximar de você.

— Se sua intenção era se aproximar de mim, por que interferir nos negócios?

— Eu queria acabar com o Enrico, fazer com que ele e Dimitri se desentendessem.

— Maldita — grito.

— O que aconteceu com meu filho?

— Até ele nascer, tinha dúvida do que fazer, então, quando ele nasceu, com a cara desse aí, resolvi dar um fim nele.

Dio sabe o quanto está sendo difícil me segurar, muitos homens foram esquartejados por muito menos do que isso.

A segurança e tranquilidade da Nina está me impressionando, minha mulher se mantém fria, seus sentimentos não se manifestam ao ouvir palavras tão cruéis.

— O que você fez, Carla, com meu bebê? — Sua voz embarga.

— Paguei uma enfermeira para sumir com ele, ela me disse que conhecia um casal que queria ter filhos. Algo parecido com isso, pouco me importava. Eu queria me livrar daquele mini Enrico do caralho.

Avanço em sua direção e aperto seu pescoço, seus olhos estão arregalados, ela não consegue respirar. Uma voz me interrompe.

— Largue-a, Enrico. — Dimitri se aproxima com dois soldados.

— Eu vou matar essa puta do caralho.

— Morrer desse jeito é pouco para ela. Vai atrás do seu filho, que eu tenho um acerto de contas com essa mulher. — Ela tosse quando a solto, puxa o ar desesperadamente.

— Dimitri, meu amor, você veio me salvar — diz, com dificuldade. Ele esbofeteia seu rosto dos dois lados.

— Ouvi tudo que você disse, sua puta. — Desfere outro tapa.

Apesar de querer me vingar, sigo o conselho do Dimitri, vou procurar meu filho. Seguro a mão da Nina e ando, apressado, até a sala de reunião onde a família está reunida. Conto o que a puta disse. Lorenzo liga para seus contatos no Brasil, ele fornece o dia e o horário que meu filho nasceu, para que eles investiguem, todos que estavam de plantão em seu nascimento.

Nina e eu seguimos para casa, ela organiza nossa bagagem, enquanto pego nossos documentos, passaporte e a certidão de nascimento e óbito do nosso filho. Meu coração está acelerado, a esperança de encontrar nosso filho é grande. Ao chegar à sala, Enzo e Pietro estão nos aguardando.

— Vocês pensaram mesmo que iriam sozinhos, procurar nosso sobrinho? — Enzo diz, zombeteiro.

— Lorenzo não pode ir por causa da Perla, e nossos pais disseram que só podemos voltar, com o neto deles em nossos braços — diz Pietro.

— Aonde vocês vão, por que essas malas? — Perla pergunta, do alto da escada, seu rosto é de quem acabou de acordar.

— Buscar meu filho. — Ela não entende minhas palavras, Nina sorri e joga um beijo para ela.

Meu sogro alugou um avião, de madrugada estaremos em solo brasileiro. A caminho do aeroporto, Nina fica calada. Puxo seu corpo junto ao meu, atravesso meu braço em seu ombro.

— O que foi, amor?

— Você sabe que, talvez, nunca o encontremos ou, pior, ele pode estar morto.

— Que merda é essa, irmã? Ouviu bem o recado do nosso pai e do tio Ferri, vamos ter que encontrá-lo, de qualquer jeito — Pietro chama sua atenção.

— Seja como for, vivo ou morto, vamos encontrar nosso filho, ele voltará conosco.

Meu coração se enche de esperança de o nosso filho ainda estar entre nós, mas sei que Nina tem razão, não vai ser fácil o encontrar, e o que Carla contou pode ser mentira. Se o corpo do meu filho não estiver enterrado naquele cemitério, se preciso, vou até o inferno atrás dele. Não volto para casa sem meu filho.



TRINTA UM

NINA

Do aeroporto seguimos direto para a maternidade em que Nina deu à luz, chegando ao nosso destino há quatro soldados, que Lorenzo recrutou, à nossa espera. Ao entrar na maternidade, as atenções são todas voltadas para nós. Três homens com a aparência e determinação do meu marido e dos meus irmãos, é de pôr medo, me sinto menor do que sou perto desses três brutamontes.

Pegamos o elevador até o terceiro andar, onde fica a administração. Uma mulher nos aguarda. Com os contatos que a famiglia tem no Brasil, Lorenzo conseguiu nos poupar trabalho.

— Senhores, senhora... — a mulher que tem por volta de quarenta anos, nos cumprimenta, sua voz um pouco temerosa. Aperto a sua mão e sorrio, ela precisa saber que não mordemos, se não for preciso, é claro. A mulher que se chama Joana, como diz seu crachá, relaxa um pouco e me entrega uma folha.

— Aqui está o nome das enfermeiras que estavam de plantão na data informada do nascimento da criança, e seus endereços. Das quatro, apenas uma está de plantão hoje, se a senhora quiser, posso trazê-la para conversar com vocês.

— Você tem algum lugar mais reservado? — Ela fica um pouco pensativa
— Me acompanhem.

Joana nos leva para um quarto parecido com que eu fiquei internada, sento-me no leito, enquanto eles se sentam no pequeno sofá. Enrico senta-se no braço, por falta de espaço no assento.

Entrei neste local inundada pela determinação da minha família, mas agora, as lembranças de tudo que aconteceu vêm com um turbilhão de emoções. O rosto do meu filho, seus olhos espertos, azuis como o céu, e os seus cabelos, loiros como do pai, invadem minha memória.

A porta se abre e Joana diz alguma coisa, algo como se a enfermeira fosse demorar um pouco. Deito-me no leito, me encolho como um feto.

Não sei dizer se bebê sorri, mas depois da sua primeira mamada, ele esboçou um ar de felicidade, satisfação, como estivesse sorrindo.

Meu menino. Meu filho.

As lágrimas se rompem, meu coração se aperta. Os braços fortes do meu salvador me envolvem, ele pega meu corpo magro e coloca em seu colo, como eu fosse criança. Os olhos atentos dos meus irmãos estão sobre mim. Eles não dizem nada, Enrico não diz nada. Ficamos em silêncio. Minha mente vagueia em indagações.

Se não o encontrarmos? Se a família que o adotou não quiser devolvê-lo? Se ele não gostar de mim?

A porta se abre novamente, Joana entra acompanhada por uma mulher, que pelo seu uniforme, só pode ser a enfermeira. Me sento e tento me recompor o máximo que posso. Enrico e meus irmãos ficam rígidos, como estivessem se preparando para uma batalha. Tomo à frente, temos que ir com calma.

— Enfermeira Catarina é uma das enfermeiras desta lista, espero que ela possa ajudar.

A enfermeira se assusta quando vê meus trogloditas. A convido para sentar comigo no sofá, meus irmãos se colocam de pé, tão logo Enrico me põe em seu colo.

— Catarina, meu nome é Nina, há seis anos dei à luz a um menino nesta maternidade. Aparentemente, ele nasceu com saúde, mas fiquei poucas horas com meu menino depois do seu nascimento. Me disseram que ele havia morrido de insuficiência respiratória. Com a notícia, surtei e precisei ser dopada.

Uma pessoa que me acompanhava na época cuidou de tudo para mim, não pude nem ver meu filho, me despedir dele, pois quando os médicos pararam de me dopar, meu filho já havia sido enterrado.

— Não estou entendendo como posso ajudar.

— Essa pessoa que te falei, nos contou que meu filho não morreu, que ela deu a uma enfermeira, que disse ter um casal para ficar com ele.

— Que horror! Por que ela fez isso? — Ela leva suas mãos à boca.

— Não vem ao caso agora, mas eu preciso saber onde está meu filho.

— Menina, eu trabalho há dez anos nesta maternidade, nunca imaginei que algo desse tipo poderia acontecer. Para lembrar o que aconteceu na data em questão, fica difícil, já que faz muito tempo. Bebês morrem praticamente todos os dias.

— Por favor, faz um esforço — suplico.

— Tenho certeza de que você não está envolvida, mas, e as outras enfermeiras? — Enrico a entrega a folha que Joana nos entregou.

— Fernanda, Jéssika e Luana, não acredito que tenham feito isso.

— Por que não? — Enzo pergunta.

— Elas são mulheres íntegras, nessa época já eram casadas, nunca fizeram nada que as desabonasse.

— Na lista tem quatro. — A voz dura do meu irmão faz Joana estremecer.

— Não estou dizendo que foi ela, mas Marcela é um tipo de pessoa que não podemos confiar. Anda em más companhias e tem algumas atitudes que não me agradam.

Agradeço à Catarina, dou-lhe um abraço e me levanto. Meus irmãos acenam com a cabeça e Enrico aperta sua mão. Na saída da maternidade, Enrico mostra o endereço a um dos soldados, três deles entram em um dos dois carros pretos estacionados, eles vão à casa da enfermeira Marcela e o soldado que ficou, nos leva para um lugar distante, um galpão.

Quarenta minutos depois, os homens chegam com a enfermeira, ela está com as mãos amarradas e um pano em sua boca. No momento que coloco meus olhos sobre ela, a reconheço. Agindo por impulso, avanço em sua direção.

— Você vendeu meu filho. — Consigo acertar apenas uma vez, Enrico me segura. — Essa mulher — digo, ofegante, sempre ficava conversando com a Carla, ela teve a petulância de ir à minha casa depois que tive alta — digo, me debatendo nos braços do Enrico.

Enzo a coloca sentada e tira o pano da sua boca. Enrico me entrega para Enzo. Ele se aproxima de Marcela, o medo está refletido em seu rosto.

— Não vou nem perguntar, você já sabe o que queremos saber — o Cruel diz, seca e duramente.

Me acalmo e Enzo me solta. Pietro se aproxima dela, puxa o gatilho e coloca a arma em sua cabeça, isso a incentiva a falar.

— Carla e eu somos amigas, ela me disse que tinha que se livrar do bebê, senão ela perderia sua mulher e, com ela, a mordomia em que vivia. — Enrico rosna. — Na última vez que visitei minha mãe, tinha um casal que queria ter filhos e não podiam, me lembrei deles e disse à Carla. Ela me deu quinhentos mil para me livrar do bebê.

Ela conta com uma frieza impressionante, fala do meu filho como ele fosse uma mercadoria.

— Qual o endereço? — Cruel fala um pouco mais alto.

— Vocês acham que sou otária? — Ela ri. — Meu dinheiro acabou, portanto, vamos negociar. — Pietro puxa o gatilho. — Se o gostosão aqui me matar, vocês nunca vão saber onde está o seu filho.

Meu irmão retira a arma da cabeça dela, irritado, bagunça seu cabelo e anda de um lado para o outro. Depois se junta ao Enzo. Cruel observa, seus olhos estão fixos na Marcela, se eu fosse ela, tirava esse sorriso besta dos lábios.

— Tem certeza que você quer negociar? — Cruel pergunta, com um sorriso sarcástico. Marcela sorri.

— Você quer uma coisa que só eu posso te dar. Um milhão, um milhão e dou o endereço, se quiser, te levo lá, mas só depois que o dinheiro estiver em minha conta.

— Porra! — Pietro está impaciente.

— Vamos começar as negociações.

Cruel caminha até uma mesa enferrujada de ferro que nem tinha visto. Ele retorna com um cutelo grande e com manchas de sangue, fico arrepiada. Marcela grita.

— O que você vai fazer?

— Negociar. — ele ri.

— Meu cunhado é foda — Enzo fala, empolgado.

— Vou te dizer uma coisa sobre mim. — Enrico se aproxima dela. — Sou um homem que quando quero uma coisa, consigo. Não vai ser uma vagabunda como você que vai me impedir. Você quer negociar, concordo, mas vai ser do meu jeito. Eu só queria uma informação, depois meu cunhado a mataria, com uma

apenas com uma bala, mas já que você prefere negociar, falou com a pessoa certa, adoro ver pessoas como você morrendo aos poucos.

Mal termina de falar, Cruel dá um golpe em seu pé, seu dedos se desprendem, o sangue jorra. Me sinto enjoada com a cena, é a primeira vez que vejo meu marido assim. Com a Carla, ele não chegou a esse ponto. Creio que se o Dimitri não tivesse interferido, ele teria feito pior.

Marcela grita de dor e chora. Os olhos do meu malvado estão escuros, sua feição mais dura do que o normal, mesmo quando sorri, ele é medonho. Agora entendo sua fama.

— Filho da puta — ela o xinga.

— Também quero negociar, Cruel.

Ele dá o cutelo para meu irmão, seu humor negro brinca com a situação. Enzo corta as cordas que prendem suas mãos.

— Eu acho que sua mão está com ciúme. do seu pé.

— Vocês são loucos, porra. Eu falo, me deixem em paz.

— Não antes que eu contribua com a negociação.

Enzo corta quatro dedos da sua mão esquerda em um só golpe, como Cruel fez com seu pé.

Marcela grita tanto que chega a uivar. As únicas cores em sua roupa e seu corpo são o vermelho intenso de seu sangue

— Acho que faltou o dedão da mão e do pé. — Ele os corta.

Meu irmão faz tudo como fosse nada de mais, ele brinca com a situação. Aos gritos e prantos, Marcela diz o endereço, um

soldado anota e diz que fica no interior. Fala que é melhor ir pela manhã do dia seguinte, pois o local tem pouca iluminação.

— Até que enfim. — Pietro dispara três tiros.

— Otária — Enzo grita e gargalha.

O corpo inerte da Marcela desaba no chão. Não sinto pena, sinto nojo, asco. Cuspo em seu corpo, antes de sair do galpão.

Amanhã será um novo dia, irei encontrar-me com meu filho.



TRINTA E DOIS

NINA

Enrico e eu não conseguimos dormir direito durante a noite, ambos estamos ansiosos para encontrar nosso filho. Saímos pela manhã, bem cedo, os soldados vão em um carro, eu vou com meus três cavalheiros em outro.

Meu celular toca, ao atender, ouço as reclamações de Perla, que diz estar chateada de não ter dado uns tapas na Carla. Conto tudo o que aconteceu até agora e que estamos a caminho da casa do casal que adotou meu filho. Desligo o celular e observo o local através da poeira que se espalha no vidro da janela do carro. Meu coração se aperta quando vejo crianças descalças, carregando baldes, algumas com a idade do meu filho, que está com seis anos.

É um local abandonado pelas autoridades, agora entendo quando o soldado disse que era melhor vir pela manhã, a iluminação é precária. Algumas casas são de madeira e outras de sapê, umas bem distantes das outras. Não sei como essas pessoas sobrevivem neste lugar.

Uma dor e tristeza enorme invadem meu peito, pelo olhar do Enrico e meus irmãos, eles devem estar pensando o mesmo que eu. Paramos em um local com três casas de sapê, antes delas tem

um poço artesiano. Não vejo nenhuma criança. Enzo chama por Rita e Joaquim, bate palmas. Uma senhora idosa aparece na janela.

— Rita? — pergunto.

— Sim, minha filha, meu nome é Rita.

Peço aos meus irmãos e aos homens que aguardem do lado de fora, não quero assustar a senhora. Enrico e eu pedimos permissão e entramos em sua humilde casa. A senhora vai até o seu fogão a lenha e pega um bule, nos oferece café, mesmo com toda sua dificuldade financeira, nos recebe muito bem.

Ela coloca o café em duas canecas, aceitamos de bom grado. Marcela vivia bem na cidade grande e seus pais passam por privações neste lugar. Sinto pena de uma pessoa como ela, ter tido uma filha como a Marcela.

— Desculpe incomodar. É que sua filha... — Não consigo concluir.

— Vou te dizer uma coisa, moça bonita — sorrio para ela —, se vocês estão atrás da Marcela, ela não é mais a minha filha. Essa garota só me trouxe problemas, hoje vivo sozinha nesta casa, sem nada, dependendo da boa vontade das pessoas, por causa dela. Por causa desse demônio que saiu do meu ventre, meu Joaquim morreu. Meu marido trabalhava na lida e trazia o sustento para casa, até que há dois anos uns homens vieram a procurar, queriam dinheiro. — Ela sorri, triste. — Será que eles não perceberam que não temos nada?

Ela mostra sua casa que tem um fogão a lenha, uma pequena mesa de madeira, uma cama de casal, uma rede e quatro cadeiras. Alguns utensílios sobre a pia, e um filtro de barro.

— Bateram tanto no meu Joaquim, que ele não aguentou. Se vocês querem saber do paradeiro dela, não sei dizer, a última vez que ela esteve aqui, faz uns seis anos.

Meu coração se entristece com seu relato, o sofrimento dessa mulher é de doer a alma. Além das dificuldades da escassez de recursos básicos, ainda tem a perda tão brutal do seu marido e a falta de amor da sua própria filha.

Enrico conta toda a história para a senhora, que ao ouvir, segura em minhas mãos, ela se compadece com a minha dor que neste momento se tornou pequena, diante todo sofrimento que ela tem passado por todos esses anos.

— Há seis anos ela esteve aqui, ficou poucas horas. Meses depois soube que ela apareceu com um bebê e entregou a um casal que mora na propriedade onde ficam as minas de carvão. Infelizmente, esse casal é uma espécie de gerente da mina, vivem lá até hoje, não sei dizer se seu filho ainda está lá.

— O que a senhora está querendo dizer com isso?

— Naquele lugar tem muitas crianças. Trabalho escravo, entendem? Algumas quando têm oportunidade, fogem, mas muitas não sobrevivem.

Enrico se levanta, passa as mãos pelo cabelo. Fico zozza, imaginar meu filho e outras crianças trabalhando em uma mina

de carvão. Enzo e Pietro entram na casa, me apoio no Pietro que, pela primeira vez desde a descoberta do meu filho, me abraça.

— Nem que eu tenha que colocar fogo naquela porra, vou resgatar meu sobrinho, Nina, prometo — meu irmão tenta me confortar em seus braços.

— Vocês vão precisar de mais homens — diz dona Rita. — Eles são muitos e bem armados.

Enzo e Enrico vão do lado de fora da casa e conversam com os soldados, dois saem em um dos carros, e os dois homens que ficam não saem do celular. Ouço Enrico falando com Lorenzo ao telefone, meu malvado está agitado, o que ouvimos foi algo inesperado.

Dona Rita diz que Marcela deve ter ganhado um bom dinheiro, porque esse casal rouba crianças para trabalhar na mina, eles preferem crianças que tenham até quatro anos para colocar no ritmo deles. Isso tudo me deixa doente.

Uma hora depois, os dois soldados que haviam saído retornam com a mala do carro e os bancos de trás cheios de alimentos e água. Eles descarregam tudo na casa da dona Rita, que fica sem saber o que fazer e dizer. São embalagens fechadas de arroz, feijão, café, açúcar, macarrão, dentre outras coisas. A cada dia que passa me apaixono mais pelo meu malvado, e me arrependo ainda mais de tudo que fiz.

Pouco tempo depois de os soldados chegarem com a provisão para dona Rita, cinco carros com vários homens chegam e se reúnem com meus cavaleiros, logo depois um micro-ônibus

estaciona atrás dos carros. Pelo o que entendi, eles vão usar o ônibus para recolher as crianças. O comboio se prepara para sair, Enrico vem falar comigo.

Meu malvado envolve minha cintura e encosta sua testa na minha. Seu corpo está tenso e sua respiração forte. Nosso filho tem vivido em perigo constante, temos noção do que esse tipo de trabalho faz com a saúde dos homens e mulheres que convivem diariamente com esse produto, imagine a de uma criança. Crianças que deveriam estar na escola ou brincando. Sua infância está sendo roubada por pessoas gananciosas e sem coração.

— Vou buscar nosso filho. — Beija minha testa e sai.

Entendo que tenho que ficar, se eu for, só vou atrapalhar. Meu malvado se preparou para uma guerra, e em uma guerra temos muitas baixas, peço a Dio que elas sejam todas do lado inimigo.

Rita pede que eu a ajude a distribuir os alimentos para suas duas vizinhas, que também são idosas como ela, seus esposos trabalham no canavial que fica próximo, vimos um no caminho para cá. Ajudo-a, e isso faz com que eu não fique ansiosa, distrai meus pensamentos.

Quando terminamos, ela me convida para orar com ela, nos ajoelhamos diante da sua cama e oramos. Meu pedido é que Dio proteja minha família, as crianças e que meu filho retorne para meus braços.



TRINTA E TRÊS

ENRICO

Montamos uma operação de guerra, somos trinta homens bem armados, este resgate vai muito além de salvar meu filho, existem muitas crianças sendo escravizadas nessa mina, que o poder público local, para seu benefício próprio, finge não existir.

Trabalhar em minas de carvão não é crime, apesar de o carvão ser um assassino silencioso, é um trabalho legal. Muitas famílias se sustentam trabalhando em minas espalhadas pelo mundo. No Brasil, a Bahia é campeã na extração de carvão e lenha, porém, o que ainda infelizmente ocorre é o trabalho escravo, em sua maioria, em minas clandestinas.

Crianças que com permissão ou não de suas famílias perdem sua infância e saúde trabalhando dia após dia. Paramos a alguns poucos metros do nosso alvo, para traçar nosso plano de ataque.

— Senhor — o soldado Claudio abre um mapa da propriedade em cima do capô do carro —, na entrada ficam dois homens fazendo a guarda, e há outros espalhados por todo o local, principalmente aos arredores da mina.

— Assim que os primeiros tiros forem disparados, chamaremos a atenção dos outros homens que protegem a propriedade.

Vamos com cautela, render os homens para que inocentes não sejam atingidos, principalmente as crianças.

Todos concordam. Retornamos para os carros e andamos poucos metros até chegar à mina. Na entrada da propriedade, nossos homens rendem dois homens armados, eles são pegos de surpresa e não reagem, entregam suas armas, sem muito esforço.

Adentramos a propriedade até o local onde ficam os fornos. Meu coração se aperta quando vejo vários fornos pequenos, do tamanho exato de uma criança. Neles, alguns meninos fazem o trabalho duro e cansativo de produzir carvão. Um trabalho que compromete a saúde e o desenvolvimento dessas pobres crianças.

Enzo, Pietro e eu vamos de forno em forno resgatando toda criança que encontramos pelo caminho. Ao todo, resgatamos dezessete, entre crianças e adolescentes. No ônibus, observo três meninos que aparentam ter seis anos, qualquer um dos três pode ser meu filho, meu coração se enche de esperança, mas infelizmente não posso afirmar com precisão, pois a única coisa que consigo ver nessas pobres crianças são seus olhos, pois seus pequenos corpos estão pretos, por causa do carvão.

Uma ira toma conta de mim, saio do ônibus e vou direto para a casa da propriedade, onde nossos homens avisaram que estão com o casal em seu poder. No caminho, vejo corpos espalhados, são daqueles que quiseram resistir.

No casarão, meus homens têm uma mulher e dois homens amarrados. O casal que comprou meu filho e o capataz da mina.

— Três. Que maravilha. Dá para a gente se divertir.

— Antes disso, Enzo, preciso de informações.

Pego uma cadeira e me sento de frente para deles, me sinto doente só de olhar a mulher e seu marido, me controlo o máximo que posso, para não perder a cabeça antes do tempo.

— Cadê a criança que você comprou da Marcela? — A mulher treme com meu tom áspero.

— De qual criança o senhor está falando? — ela diz, gaguejando.

— Não vou perguntar de novo — praticamente grito.

— É que a Marcela me vendeu umas dez crianças.

— Porra! Fodida do caralho. Quella cagna mereceu morrer. — Eles olham, temerosos, para Pietro

— Um bebê. Ela o trouxe há uns seis anos.

— Gabriel, só pode ser Gabriel. Ele era muito parecido com você.

Quando a ouço dizer era, fico zozinho. As palavras somem, não consigo dizer mais nada. Enzo se aproxima da mulher.

— O que você quis dizer com era?

— Quando Marcela trouxe o Gabriel, me apaixonei por ele, devido a trabalhar muitos anos na mina, toda vez que eu engravidava, perdia o bebê. A última vez que ela trouxe uma criança para meu marido, comentei que queria um filho, meses depois ela trouxe o Gabriel. O criei como filho, mas tinha algo nele que não o deixava confortável na sua própria casa. Ele não me chamava de mãe, mas, sim, de Maria, como todos aqui.

— O que aconteceu, porra? — Desta vez, grito, o desespero toma conta de mim.

— Meu marido o colocou para trabalhar na mina, quando ele completou quatro anos, contra minha vontade. — Ela chora. — Um mês trabalhando na mina, ele fugiu com mais três meninos. Um dos nossos homens foram atrás deles, quando os achou, em vez de trazê-los de volta, os matou.

— Quem é o assassino do meu filho?

— João. Ele não trabalha mais na mina, depois dessa fuga, pediu demissão, estava pouco mais de um mês conosco — ela diz, chorando, suas lágrimas não me convencem, se ela realmente amasse meu filho, este seria o último lugar que ela o criaria, uma mãe de verdade se preocupa com a saúde de seu filho.

— Vou matar esse fodido que tirou a vida do meu sobrinho.

— Não vejo a hora, Enzo. Porra, matar uma criança de quatro anos, ele era meu sangue, porra. Meu sobrinho, caralho.

Olho para meus cunhados que estão com lágrimas nos olhos. Somos homens que convivemos todos os dias com a morte, mas não de inocentes, não de crianças, não do nosso sangue.

Levanto-me, saco minha arma e a descarrego em seu marido, a mulher grita, só paro quando as balas terminam. Meus cunhados fazem o mesmo com o capataz e a mulher. Não sinto pena, ela é tão culpada quanto seu marido. Todas aquelas crianças foram tiradas de suas famílias. Eles vêm comprando crianças e adolescentes por muitos anos, como se fossem mercadorias. Quantas já não perderam suas vidas neste lugar? Quantas

peessoas, como a Marcela, traficam crianças para lugares como este?

Depois de disparar a última bala, caio de joelhos no chão. Meu peito lateja de tanta dor. Meu anjo, meu filho, fugiu deste inferno e foi executado.

A chama dentro de mim foi apagada, meu filho não volta mais, ele se foi, morreu lutando, foi valente na sua curta vida. Me orgulho dele e de seus amigos, que lutaram bravamente.

— Desculpa, filho, papai demorou muito tempo para vir te buscar. Me perdoe por tudo que você passou, por você ter sido criado neste lugar. Me perdoe por cada lágrima que você derramou, por cada dia que você foi obrigado a trabalhar e por não salvo a sua vida, quando você mais precisou.

Me levanto e recarrego minha arma. Aponto para a mulher e o capataz e a descarrego neles, mesmo que seus corpos estejam sem vida, desconto minha raiva. Nunca mais eles vão roubar e matar inocentes.

A família mata somente aqueles se metem em nosso caminho. Nossos negócios são feitos por pessoas que querem fazer parte dele. As mulheres que trabalham em nossos clubes, o fazem de livre e espontânea vontade. A máfia da família é poderosa, nós enriquecemos em várias pontas lícitas e ilícitas, mas não como a máfia clandestina do carvão, que rouba e escraviza criança por um prato de comida, ou com um pagamento de menos de dez reais por dia.

— Dispensem todos os trabalhadores, veja se tem algum veículo para os tirar daqui.

— Sim, senhor — um soldado diz e sai em disparada.

Assim que retorna, volta com um caminhão que deve ser usado para transporte o deles. Quando todos estão em segurança, dou ordem aos homens.

— Queimem tudo, não deixem nada de pé.

Não foi necessário incendiar muitos lugares, quando o fogo chegou aos fornos, houve grandes explosões, saímos rapidamente da propriedade que destruiu a vida do meu filho. Não posso me dar ao luxo de sofrer, de ficar lamentando, tenho muitas vidas sob minha responsabilidade.

O mais difícil vai ser jogar um balde de água fria na Nina, sua chama vai ser apagada da mesma forma que a minha foi. Ela tem que se orgulhar do nosso filho que, de alguma forma, sabia que aquela não era sua família, que aquele não era seu lugar. Que ele lutou, perdeu a vida lutando. Meu pequeno guerreiro, o sangue dos Ferri e dos Mancinni falaram mais alto do que aquilo que lhe foi apresentado.

Sinto tanto orgulho. Sinto tanto sua falta. O amo tanto, que chega doer.

Minha missão é devolver essas crianças para suas famílias. Dio me trouxe até aqui para isso, e é isso que vou fazer, pelo meu filho.



TRINTA E QUATRO

ENRICO

Depois de limpas e medicadas, ligamos para as autoridades, não podemos ficar para ver o resultado, pois o que fizemos foi ilegal, porém, mantivemos contato com o advogado que contratamos para nos manter informados. Antes de dispensar os homens, entreguei ao Claudio, que é o líder, uma mala de dinheiro contendo dois milhões, sendo quinhentos mil dele, e o restante para pagar os homens em partes iguais. Quando viemos para o Brasil, trouxemos muito dinheiro, pois sabíamos que iríamos precisar.

Com tudo acertado, seguimos para buscar a Nina, queria a pegar no caminho, mas Enzo achou melhor resolver as coisas primeiro, antes de dar a notícia a ela. Enfim, quando chegamos à casa da dona Rita já é noite, do lado de fora da casa há uma grande mesa improvisada, a fizeram com uma porta, nela uma bela refeição nos aguarda. Em volta da mesa há algumas tochas feitas com varas de bambus. Quando descemos do carro e Nina vê que estamos somente nós três, seus olhos enchem de lágrimas. Sem dizer uma palavra, me abraça, bem forte.

— Desculpa — digo.

— Tudo bem — ela responde.

— Isso tudo é para nós? Vamos comer, galera, estou morrendo de fome.

Após dizer isso, Enzo dá um beijo estalado na bochecha da dona Rita, que ri, envergonhada. Pietro se aproxima dela e beija sua mão, eu a agradeço com um sorriso. Nina nos apresenta os dois casais vizinhos de dona Rita, e durante todo o jantar fica em silêncio.

Enzo com suas gracinhas tenta animar a noite, depois de um dia tão difícil. Pietro as vezes resmunga, outras ri, nossos anfitriões que gostam das piadas do meu cunhado, se acabam de rir. Meu cunhado é único, ele faz a noite ficar mais leve.

No caminho de volta para o hotel, conto à Nina tudo o que foi nos informado, ela ouve atentamente, em silêncio. Nos meus pensamentos, indago a mim mesmo: Como irei cumprir a promessa de levar meu filho de volta para casa? Como irei descobrir onde seu corpo está enterrado?

Meu coração se aperta, minha esperança de o encontrar com vida se foi. Minha missão ainda não terminou, tem uma ponta solta.

— Pietro.

— Hum.

— Nossa missão ainda não acabou, faltam duas coisas.

— Uma eu sei que é matar a porra do João e a outra?

— Levar meu filho de volta, como prometi.

Todos ficam em silêncio, Nina deita sua cabeça em meu peito, suas lágrimas molham minha camisa. Meus sentimentos estão uma bagunça. Impotência, dor, ódio, raiva, culpa, saudade e, por

incrível que possa ser, lá no fundo, bem no fundo, há um pouco de esperança. Entro em contato com o Claudio, peço que ele consiga o endereço do maledetto que assassinou meu filho e as outras crianças.

Assim que acordo, encontro uma mensagem de Claudio com o endereço, esse homem é valioso, muito eficiente, por isso que Lorenzo confia nele, sempre conta com seus serviços.

Acordo Nina e aviso que vou sair. Ela sabe o que vou fazer e diz que quer ir junto. Concordo. No saguão do hotel Pietro e Enzo nos aguardam.

No carro, Pietro coloca o endereço no GPS, que informa que levaremos quarenta minutos para chegar ao destino. A casa é bem antiga, de madeira, está caindo aos pedaços. Porém é bem espaçosa, mas tem o aspecto de abandonada.

Abrimos o portão de madeira com facilidade, nele há um cadeado preso a uma corrente. Logo que entramos no terreno com nossas armas em punho, surge uma senhora bem idosa, com um lenço na cabeça, ela se assusta, guardo minha arma e faço sinal para que meus cunhados guardem as suas.

— Bom dia, senhora, essa casa é do João? — tremendo, ela pergunta.

— O que vocês querem com meu filho? Tem a ver com as crianças? Ele não as roubou, elas não tinham para aonde ir.

Meu corpo todo treme, Enzo e Pietro olham para mim, intrigados. Nina se aproxima dela.

— Calma, senhora, perdoe-nos. Não queremos seu mal. Me diga o que aconteceu com seu filho e essas crianças, por favor.

— Vocês são da milícia? Se forem, podem me matar, não vou contar.

— Olha para mim. Sou apenas uma mãe em busca de seu filho, e eu acho que ele está com o João.

A senhora nos observa por alguns minutos, depois fixa seus olhos em mim. Volta a olhar para Nina e nos convida para entrar. Dentro da casa há vários brinquedos espalhados, a chama da esperança volta acender em meu peito. Olho ao redor e vejo três quartos, um deles tem quatro colchões amontoados, com roupas de cama dobrada.

— Meu filho e eu morávamos no centro, ele trabalhava como motorista particular de um empresário. Vivíamos bem, sempre foi só eu e ele, desde que meu marido perdeu a luta para um câncer no estômago. O seu patrão o adorava e confiava nele. João ouvia muitas coisas confidenciais e nunca compartilhou com ninguém. Cinco anos na empresa, e nada que o desabonasse. Até o dia em que seu patrão precisou ficar dois meses no exterior a negócios e ele passou a ser motorista de sua esposa. Ela fazia perguntas sobre alguns negócios e meu filho sempre dizia que não sabia. Como viu que nada conseguia, começou a tentar seduzi-lo, meu filho pensou em pedir demissão, mas não conseguiria arrumar outro emprego como aquele. João descobriu que ela era amante de um diretor da empresa, chegou uma hora mais cedo em sua casa e os pegou, juntos. Depois disso, quando

seu marido chegou, ela armou para o meu filho. Colocou uma pulseira de diamantes em seu paletó, sem que ele percebesse. Meu filho foi despedido por justa causa, não pode nem se defender. As coisas foram ficando difíceis, tivemos que entregar a casa em que morávamos e nos mudamos para uma quitinete.

Um amigo arrumou um emprego para ele de segurança, mas meu filho não estava gostando, todos os dias chegava em casa triste, porém, não me dizia por quê. Até que ele me apareceu com umas crianças sujas e desnutridas, apenas um tinha uma saúde menos prejudicada. Ele me contou que trabalhava como segurança em uma mina de carvão clandestina, que não aguentava mais ver crianças serem maltratadas, que aquelas tinham fugido e ele ficou responsável de levá-las de volta, mas as ajudou a sair e trouxe com ele, porque elas não tinham para aonde ir. Meu filho pediu demissão e até hoje vive escondido, com medo de descobrirem que as crianças estão vivas.

Minhas pernas falham, será que meu filho está vivo?

— Onde está seu filho e as crianças? — Pietro pergunta, com cautela. Nina não consegue conter as lágrimas, e eu estou atônito.

— Me sigam, por favor.

Ela entra na cozinha, todos a seguem, menos eu, pois meu corpo não me obedece. Vim me vingar de um homem que salvou meu filho. Eu queria saber informações sobre seu corpo e ele pode estar vivo. Será que posso acreditar em tudo que ouvi? Meu filho está vivo? Onde ele está, caralho? — minha mente grita, mas meu corpo não funciona, não consigo me mexer.

Cazzo! Cazzo! Cazzo!

— Enrico — Nina grita, de longe.

Pietro me pega pelo braço, me levanta. Sigo em passos lentos até a área externa da casa. Nos fundos há um enorme terreno, onde uma horta foi feita. O que ela quer dizer com isso?

— Nós fizemos essa horta para nossa sobrevivência, pela manhã colhemos e João e as crianças vão para rua vender, vocês devem ter passado por eles. João não pode trabalhar na cidade, tem medo de ser descoberto pelos homens da mina, então, eles vendem nas vilas pelos arredores.

— Entre essas crianças, tem algum Gabriel? — Nina pergunta, com a voz embargada, por que não pensei nisso antes?

— Não. Meus meninos se chamam: Luca, Fernando, Luiz e Juca.

— Tem certeza?

— Sim. Eles moram comigo há dois anos, são meninos maravilhosos. Tentei encontrar suas famílias, mas eles não têm muita informação.

— Aquela vagabunda mentiu, nosso filho não estava com as crianças que fugiram. Cazzo, Nina! Cadê nosso filho?

Com fúria, soco a parede. Me permito chorar, choro feito criança. Não aguento mais falsas esperanças, mentiras, decepções. Não aguento mais. Nunca vou encontrá-lo, nunca vou abraçá-lo. Nunca vou ver meu rosto no dele. Pietro entrega um pouco de dinheiro à senhora, saímos da casa, tristes, em silêncio.

Nina viaja com a cabeça na janela do lado direito do carro e eu do esquerdo, pelo reflexo vejo que ela não está diferente de mim, lágrimas jorram de nossos olhos, não sei até quando irei suportar esse sofrimento.



TRINTA E CINCO

NINA

As lágrimas jorram, meu rosto está uma confusão. Cabelo grudado, coriza, dor e muito sofrimento. A cada dia que passa é um ensinamento e posso dizer que ultimamente tenho aprendido vários. O mais importante de todos é que devemos pensar muito, antes de tomar qualquer atitude. Agir com raiva, medo, mágoa ou sem pensar, nos traz consequências, algumas irreversíveis.

Em silêncio, observo o movimento da rua, enquanto o carro se movimenta, o clima aqui dentro é de tristeza e decepção. Pietro dirige devagar, pois neste vilarejo as pessoas transitam de um lado para o outro, não há sinalização e elas atravessam na frente dos carros. De repente, sou fisgada por um par de olhos azuis, no momento exato que o carro passa em uma lombada.

É ele, só pode ser ele.

— PARE O CARRO — grito.

Pietro se assusta e para o carro, bruscamente. Mal estaciona, abro a porta e saio correndo em direção ao par de olhos azuis, ao me aproximar dele, do menino de olhar intenso, me ajoelho à sua frente.

— Gabriel, seu nome é Gabriel?

— Meu nome é Luca — diz, temeroso.

Enrico e meus irmãos vem em nossa direção. O menino se assusta e tenta fugir, seguro em seus braços, ele grita. Um homem e algumas crianças vêm correndo em seu socorro.

— O que você está fazendo com meu menino? — o homem alto e negro pergunta.

— Desculpa é que pensei que... Desculpa. — Olho para Enrico, ele está parado, não diz nada, apenas olha para o menino.

— Tio João, vamos embora, essa moça é do mal.

— João? Acabamos de vir da sua casa, sua mãe disse que você estava na vila, vendendo as verduras da sua horta — Enzo diz, enquanto Enrico e eu observamos o menino que está de cabeça baixa. Sem querer, o assustei.

— O que vocês querem, vocês trabalham para a mina? — As crianças se escondem atrás dele e ele tenta as proteger.

— Não. Viemos em paz, não queremos seu mal. Tem algum lugar que possamos conversar?

— Não confio em vocês. Vocês querem me levar para um lugar deserto, para matar a mim e as crianças

— Como meu irmão disse, não queremos seu mal. A mina não existe mais, acabamos com ela, e resgatamos os trabalhadores e as crianças. Todos os homens que faziam a guarda, o capataz e os donos foram mortos. — Ele observa Pietro, buscando veracidade em suas palavras.

As crianças saem de trás do João, mas permanecem ao seu lado, elas sorriem timidamente. Imagino o quanto tem sido difícil viver com medo de ser capturado. Enrico se põe de joelhos na

frente do Luca, meu coração palpita, tenho certeza de que ele é nosso filho.

— Qual é o seu nome?

— Luca. — Ele sorri para Enrico e coloca suas pequenas mãos em seu rosto, ficamos observando.

— Você é muito bonito, quando eu crescer, vou querer ter uma barba igual a sua. — Enrico ri alto, e eu fico babando com a cena.

— Você que é lindo, seus olhos são iguais aos meus.

Meu malvado pega o celular, tira uma foto dos dois juntos e mostra para Luca, que ri e amostra para seus amiguinhos e o João, que bagunça seu cabelo loiro. Ele volta para conversar com Enrico, que permanece de joelhos.

— Verdade, tio. Meu cabelo também. Então, nós dois somos bonitos. — Os dois riem, me fazendo chorar.

— Não chora, não, tia, desculpe ter dito que a senhora é do mal.

Enrico me estende a mão para que eu me abaixe ao seu lado.

— O meu choro é de alegria. — Ele me olha, confuso. — Você é muito bonito. — Ele sorri.

— E eu, tia? — outro menino pergunta e, em seguida, os outros.

— Todos vocês são muito bonitos. — Eles riem.

— Vocês estão com fome?

— Estamos sim, tia, até agora só tomamos café de manhã, que nossa vó fez, mas daqui a pouco vamos para casa almoçar — diz o menino mais velho, aparenta ter dez anos. Os outros meninos ficam o tempo todo perto dele, parece que ele que toma conta deles na ausência do João.

Pietro e Enzo conversam com João, creio que eles estejam o colocando a par de tudo.

— Tem algum lugar aqui para a gente almoçar?

O menino ruivo olha para o mais velho, parece pedir permissão para falar.

— Tia, tem o restaurante do Zé, a comida é boa, mas da minha vó é melhor.

— Ele passa a língua nos lábios e eles riem.

— Hum, bom saber, um dia vou querer provar a comida da vó de vocês.

— Vocês nos levam para o restaurante do Zé? — Enrico pergunta, assim que fica de pé.

Luca segura na mão do Enrico, que sorri feito criança, um menino da mesma altura do Luca segura na outra mão do Enrico e os outros dois me dão as mãos. Andamos poucos metros. O restaurante é simples, mesas e cadeiras de plástico, com toalha xadrez vermelha. Juntamos duas mesas para meu malvado, as crianças e eu. Meus irmãos e João se sentam em outras duas próximas a nós, o local é pequeno não há possibilidades de nos sentarmos todos juntos.

A comida é prato feito, o famoso PF. As crianças se apresentam e nos encham de perguntas. De onde viemos, por que falamos estranho, como é o nosso país. Suas perguntas são direcionadas ao Enrico, elas adoram o ver falando, riem o tempo todo por causa do seu sotaque, meu malvado não fala muito bem o português e acaba misturando as duas línguas., eu sirvo de intérprete quando eles não entendem.

— Tio, o senhor é igualzinho ao Luca, só falta a barba — diz o Luiz, que tem dez anos, os meninos acham graça. Enrico ri, fica orgulhoso. Apesar de tudo indicar que ele é nosso filho, temos que ser cautelosos, já foram muitas decepções.

— O senhor tem filho? — Juca, de seis anos, pergunta.

— Eu tive um filho, mas uma mulher muito má o roubou e o vendeu. Minha esposa e eu estamos procurando por ele. — As crianças ficam tristes com que o ele diz.

— Nós também não sabemos quem são nossos pais, um homem me pegou, enquanto minha mãe olhava as mercadorias no supermercado, eu tinha quatro anos, mas me lembro muito dos meus pais, pois eles eram muito carinhosos comigo. Todos os dias quando meu pai chegava do trabalho, ele brincava comigo, até minha mãe terminar a janta. Me levaram para a mina e fiquei lá até aos oito anos, quando fugimos e o tio João nos levou para sua casa.

Luiz é tão novo, mas vivenciou tanta coisa, ouvir seu relato dá uma dor no coração. Os meninos o olham atentamente, tenho certeza de que eles têm admiração por ele, Luiz me parece ser aquele que cuidava deles, enquanto eram escravizados.

— Quando eles chegaram — ele continua —, eu já estava lá. Juca ia fazer quatro anos, ele chegou na semana do seu aniversário, Fernando tinha cinco anos e o Luca era diferente de nós

— Como assim, Luiz? — Enrico pergunta.

— Luca era um bebê quando chegou, ele foi criado como filho daquela bruxa, só foi para mina aos quatros anos, logo depois fugimos, por isso, ele não precisou ficar muito tempo internado e não precisa tomar medicação igual a mim e os meninos. Todo mês o tio João nos leva ao posto de saúde, fazemos avaliação e pegamos medicamentos.

Enrico solta o talher no prato, o barulho chama a atenção dos meus irmãos e João.

— Enrico? — chamo sua atenção e mostro que ele assustou as crianças.

— O tio de vocês parece criança, deixou o talher cair. Eles riem um pouco constrangidos, meu marido é de dar medo.

— Desculpem-me, meninos, depois de velho, estou ficando bobo. — Eles riem, aliviados, o sotaque do meu malvado é uma diversão para eles.

— O tio vai ali e já volta, se quiserem sobremesa, podem pedir.

— Sério? — Luiz indaga.

— Sim, pode pedir qualquer coisa — digo, enquanto meu malvado se levanta e vai para fora do restaurante, com João e meus irmãos.

O que Luiz contou também me afetou, cada vez mais estou convencida de que Luca é o nosso filho, o que está confuso é a questão do nome. As crianças pedem picolé, eu os acompanho e peço um de chocolate.

Não consigo tirar os olhos do Luca, seu jeito de levantar a sobrancelha é igual ao do Enrico. Minha vontade é de abraçá-lo

e dar-lhe muitos beijos, estou me segurando para não parecer maluca e não o assustar.



ENRICO

— O que houve, Enrico?

— Luiz disse que o Luca foi criado como filho daquela vagabunda, quando chegou na casa era um bebê. Havia duas crianças, Luca e Gabriel? Ou o nome dele é Luca Gabriel? Esse menino é meu filho? Ele se parece comigo, ele é a minha cara — digo tudo de uma vez, isso tudo está fodendo comigo, o moleque é a minha cara, mas tenho medo de estar vendo demais, de estar projetando algo que só existe na minha cabeça. — Qual é o nome desse menino, porra?

Fico agitado, andando de um lado para o outro, as pessoas que passam na porta do restaurante se assustam conosco, somos homens grandes e com aparência nada amigável.

— Diz logo, João, o que queremos saber — Pietro fala, irritado.

— Quando cheguei na mina, o conheci como Luca, e quando saímos de lá, combinamos que nunca mais conversaríamos sobre aquele lugar, queria que eles esquecessem.

Meu coração diz que ele é meu filho, a porra do meu cérebro diz para eu colocar um freio nos meus sentimentos. Retornamos para dentro do restaurante e nos sentamos na mesa onde estão as

crianças. Respiro fundo para ficar calmo. Nina me olha, seus olhos me pedem calma, assinto para ela.

As crianças perguntam se queremos picolé, Enzo diz que sim, eles voltam para o balcão com a Nina, chamo o Luiz para conversar, o menino é muito maduro para sua idade, anos de sofrimento o amadureceu.

— Luiz, sabe me dizer se, além do Luca, tinha outra criança naquela casa?

— Não tio, só ele.

— Eu pensei que o nome do filho dela era Gabriel. — Ele coloca o dedo na boca, se comporta como fosse contar um segredo.

— A bruxa — ele ri —, era assim que a gente a chamava escondido. Antes do Luca ir para a mina, ele já era meu amigo, nos encontrávamos escondidos, uma vez ele me contou que ouviu a bruxa conversando com uma mulher, que estava pedindo dinheiro a ela para não contar aos pais verdadeiros dele que ele estava vivo.

Só pode ser a porra da Marcela, ela devia estar chantageando-a para ganhar mais dinheiro.

— Quando ele foi trabalhar na mina, disse que queria fugir para encontrar seus pais, e confessou que havia mentido para mim, que seu nome não era Luca, que ele ouviu a bruxa dizer esse nome uma vez, quando lia uma revista, e gostou do nome, ele não queria o nome que ela escolheu para ele. Vocês não podem contar para ninguém, só eu sei disso.

— Por que você nunca me contou, Luiz?

— Porque combinamos, né, tio? O senhor disse para esquecermos tudo que o que aconteceu na mina, eu só estou contando por que estou desconfiado que o tio Enrico é o pai do Luca. Caraca, vocês dois são iguaizinhos.

As lágrimas fluem involuntariamente.

Dio mio, encontrei meu filho. Luca é o meu filho.



TRINTA E SEIS

NINA

Depois daquela tarde em que encontramos nosso filho, fizemos exame de DNA para comprovar o que, para nós dois, estava definido, Luca é nosso filho, o resultado não foi diferente. Ficamos mais uma semana na Bahia, antes de voltar para casa, meus irmãos retornaram antes por causa dos compromissos com as famílias que são de suas responsabilidades.

Perla me ligava todos os dias, ela não via a hora de conhecer o mini Enrico, era assim que meus irmãos o chamavam.

Na Bahia, em Salvador para ser mais exata, tem uma delegacia que faz trabalho voltado à pessoas desaparecidas. Em todo o país existem várias instituições que também fazem esse trabalho.

Claudio nos indicou o projeto que tem como tema Basta Crianças Desaparecidas, que faz parte da organização sem fins lucrativos chamada de Desaparecidos Do Brasil, que ajuda na busca de crianças desaparecidas. Através do cadastro dessa associação conseguimos localizar as famílias do Juca, Fernando e do Luiz. A cada três vítimas de tráfico humano, uma é criança, a cada três crianças duas são meninas. Infelizmente nossas crianças são usadas como mercadorias por esses malfeitores, não só no Brasil, mas em todos os países.

Assim que nos foi informado a localização das famílias, Enrico, João e eu fizemos questão de entregar pessoalmente cada um dos meninos que fazem parte da família do meu filho. Foi emocionante o reencontro deles com seus pais, principalmente do Luiz, dos meninos ele era o que estava há mais tempo fora de casa, para seus pais ele estava morto, a emoção de ver o filho, após tantos anos, contagiou a todos. Meu malvado ficou igualmente emocionado, ele havia me dito que se não encontrasse a família do Luiz, tinha o desejo de adotá-lo.

A família do João cresceu, antes eram somente ele e sua mãe, agora eles fazem parte de diversas famílias, inclusive, da minha. Somos eternamente gratos, em um ato de amor, salvou e cuidou das crianças, colocando em risco sua vida.

Enrico sempre disse que nele existe uma escuridão, que ele é um monstro. Seus únicos momentos de luz eram relacionados a mim. Durante a busca do nosso filho, pude perceber que, por mais que ele tenha sido ensinado a não sentir emoção, a não se importar e que nada é melhor do que a morte. O amor por mim e principalmente por nosso filho, trouxe à tona um lado que ele mesmo não sabia que existia.

Meu malvado, com a ajuda dos meus irmãos, salvou todas as crianças que eram escravizadas na mina, cuidou da saúde delas, as deu oportunidade de uma vida digna. As famílias das crianças que estavam sob a guarda do João, gastaram o que tinham e o que não tinham para procurar seus filhos. Enrico, vendo a dificuldade em que eles viviam, doou a cada família um milhão

de dólares, também doou para o João e a sua mãe. Nenhum dinheiro paga o que eles fizeram, foi o mínimo que podemos fazer.



Estamos no avião, retornando para casa, Luca não desgruda do pai, Enrico está o ensinado nosso idioma, por enquanto, o interesse do nosso filho é aprender palavras de coisas que ele mais gosta como chocolate, biscoito, sorvete e outras guloseimas. Chego a sentir ciúme da cumplicidade dos dois, mas acho normal por se tratar de um menino. Luca é simplesmente apaixonado pelo pai, foi amor à primeira vista.

— Mamãe, a senhora não fala italiano? — Me emociono, é a primeira vez que ele me chama de mãe.

— Por que a senhora está chorando?

— Por nada, a mamãe está feliz. Respondendo sua pergunta, também sou italiana, mas como sei falar português, fica melhor para me comunicar com você.

— Hum, entendi. Fala italiano para eu ver.

— Sei un ragazzo molto intelligente — digo que ele é um menino muito esperto e faço cosquinhas.

Durante a viagem, Luca se diverte tentando falar italiano, o sono chega e ele se rende. Enrico o pega no colo e leva-o para o quarto. Nós dois nos deitamos ao seu lado, com sorriso bobo nos lábios. Finalmente minha família está completa.

Ao chegar em casa há uma festa nos esperando, toda a famiglia está reunida, todos querem conhecer o mais novo herdeiro da famiglia Mancinni e Ferri. No início Luca fica um pouco assustado com tanta gente, mas depois vai se acostumando, principalmente com o idioma.

Por ter conhecido Pietro e Enzo primeiro, quando não está com Enrico, ele gruda nos tios, o que causa um pouco de ciúme nos avós e no Lorenzo, que rapidinho trata de conquistar o coração do sobrinho. Lorenzo fala perfeitamente português e conhece muitas coisas do Brasil, usa isso a seu favor. Perla aperta tanto as bochechas do meu menino, que às vezes ele revira os olhos, me fazendo rir.

Para minha total surpresa, Dimitri não matou Carla, ela ainda está presa no porão do clube, ele quer que ela sofra por tudo que fez à nossa família e por o ter enganado. Meu sogro disse que diariamente um dos homens do Dimitri lhe dá uma surra.

Hoje, um dia após voltarmos para casa, Luca ficará aos cuidados de Perla, enquanto vamos dar um basta no assunto que tanto nos trouxe infelicidade. Olhar para Carla é o mesmo que olhar para meus pecados, para o próprio diabo.

— Você conspirou, tramou, fez de tudo para que eu e Enrico não fôssemos felizes, que pudéssemos formar uma família. Vou te contar uma coisa — seguro em seu queixo, faço com que ela olhe para mim —, você falhou, não vou dizer que foi fácil, mas eu e meu marido estamos mais felizes do que nunca, e sabe por quê? Porque estamos com nosso filho.

— Mentira — ela diz, em voz alta.

— Tenho outra novidade para te contar. Estou grávida, quem sabe é uma menina — digo, me afastando dela. Olho para meu malvado que está surpreso, descobri pela manhã.

— Te odeio, Nina.

— A recíproca é verdadeira.

Sinto-me enojada, não por causa da gravidez, mas, sim, por tudo o que essa mulher fez a mim, ao meu filho, que sofreu tanto. Sem que ela espere, soco seu rosto, só paro quando o sangue cobre minhas mãos. Cada soco eu dizia tudo que estava entalado, todas as suas maldades. Ofegante, porém, com muita raiva começo a chutar suas pernas, Enrico me segura.

— Daqui para frente, deixa comigo, você tem que cuidar do nosso bebê.

Pela sua voz e expressão, vejo que o Cruel está presente, e com ele não há argumentos. Cruel vai até a mesa e pega uma espécie de alicate, seu jeito sério dá medo até em mim, que conheço todos os seus lados.

— Me espera lá fora, Nina.

Me aproximo da Carla e cuspo em seu rosto, tudo que ele fizer ainda será pouco, viro-me e saio. Finalmente esse capítulo chamado Carla vai ser finalizado.



TRINTA E SETE

NINA - TRÊS ANOS DEPOIS

Sentada no sofá da área externa da nossa casa, observo meus filhos brincando com o pai. A cada ano que passa, meu malvado fica mais lindo. Seu corpo forte, sua pele clara, seus olhos azuis e seu cabelo loiro completam um conjunto de dar água na boca. Seus braços expostos exibem suas tatuagens, as quais muitas vezes percorro seus traços com meus dedos.

Sua aparência dura, firme, sua seriedade e dureza na voz só se suavizam no trato com nossos filhos.

Observando-os, minha vida vem à mente, em flashes, me lembro de quando eu ainda era uma garotinha, uma garotinha boba e apaixonada pelo primo. Enrico.

Que, aos quinze anos, deu seu primeiro beijo e foi o melhor de todos, pois foi no garoto que era apaixonada, desde sempre. Aos dezoito anos se tornou mulher com esse garoto, que foi seu primeiro em tudo. Primeira paixão, primeiro amor, primeiro beijo e a minha primeira vez no sexo.

Minha inexperiência junto com minha imaturidade me fez cometer muitos erros, os quais tiveram consequências amargas. Minha covardia me afastou do amor da minha vida e do meu filho, paguei um preço muito alto por isso. Uma amiga me disse

uma vez que Dio perdoa os pecados, mas que isso não significa não sofrer as consequências de nossos erros. Hoje, me sinto em paz com Dio e comigo mesmo, pois sofri o suficiente pelos meus erros e aprendi com cada um deles. Sou uma mulher abençoada, tenho um marido que não desistiu de mim, tenho dois filhos lindos, que são loucos pelo pai e que amo mais do que a mim mesmo. Luca é um rapazinho, cada dia que passa está mais parecido com Enrico, hoje, com nove anos, é o xodó da família, o primogênito dos irmãos Mancinni, orgulho para todos.

Duas vezes por ano, Enrico traz os meninos para passarem as férias em nossa casa, no Brasil eles têm férias de quinze dias no meio do ano e no final do ano de um pouco mais de dois meses. As crianças, junto com suas famílias, passam o natal conosco e toda família, todo ano nos reunimos na mansão dos Mancinni.

No último natal que passamos juntos, vimos o quanto nosso filho fica afetado quando chega a hora de eles partirem, ele tem novos amigos que são os filhos dos homens da família, mas ele sente muita falta dos seus amigos brasileiros, apesar de se falarem praticamente todos os dias.

Na última noite deles em nossa casa, meu malvado fez uma oferta que me deixou orgulhosa. Sugeri que eles viessem morar em nossa cidade, que ele cuidaria de tudo, compraria uma casa para cada família e matricularia as crianças na mesma escola que nosso filho, só o Luiz estudaria em escola diferente, por ser um adolescente e estar no ensino médio.

Enrico conversou particularmente com os pais dos meninos e contou quem somos e o que fazemos. O pai do Juca foi o único que ficou de dar a resposta depois, mas logo aceitou, como os demais. Hoje nosso filho é a criança mais feliz do mundo por ter seus amigos morando próximo à nossa casa. Meu malvado comprou três casas em um condomínio a dois quarteirões da nossa casa. Os pais dos meninos trabalham na empresa.



Quando retornamos do Brasil, descobri que estava grávida, Luna, filha da Perla e Lorenzo, nasceu e seis meses depois dei a luz à Giane. Minha gravidez foi maravilhosa, não houve complicações no âmbito médico, mas no familiar foi difícil. Toda minha família foi extremamente cuidadosa comigo, até entendo, depois de não terem tido a oportunidade de acompanhar a gestação do meu menino, eles queriam compensar.

Enrico não me deixava fazer praticamente nada e, ainda por cima, colocava Luca de plantão em sua ausência. Os homens da minha vida sabiam dos horários dos meus remédios melhores do que eu. Chegava a ser engraçado.

— Mãe, está na hora da sua medicação.

Toda vez que ele me chamava de mãe, meu coração se enchia de alegria, me sinto assim até hoje. Por não saber falar italiano, ele gravou qual remédio eu deveria tomar pelas cores das caixas, muito esperto meu menino. Minutos depois o celular que demos para ele tocava, pelo seu sorriso, sabia que era meu malvado.

— Sim, pai. Ela tomou direitinho.

Sorria feito boba, vendo meu rapazinho todo responsável conversando com o pai. Sempre esperava ele vir ao meu quarto me medicar, porque via que ele se sentia útil e importante fazendo isso. Meu pai e meus irmãos me ligavam todos os dias. Perla e eu conversávamos pela internet, ela foi de extrema importância, apesar de ser mãe de um menino de seis anos, eu não tinha experiência, Perla me ajudou muito.

Por falar no meu filho o registramos com o nome que ele escolheu. Em meio a tantas perguntas, meu menino me fez uma que nos pegou de surpresa.

— *Mamãe, qual foi o nome que a senhora me deu quando nasci? — Olho para meu malvado, que está tão surpreso quanto eu.*

— *Assim que vi seu belo rosto, foi o mesmo que estar olhando para seu pai, naquela época nós estávamos separados, por infantilidade minha, mesmo assim, eu não poderia ter lhe dado outro nome que não fosse o dele. Enrico.*

— *Ele sorri.*

— *Então, esse vai ser o meu nome, o nome que minha mamãe escolheu — diz, decidido, me emocionando com suas palavras. — Papai, tudo bem se meu nome for igual ao seu? — Uma lágrima escorre em seu rosto, nosso menino se aproxima do pai, preocupado. — Se o senhor não quiser, não tem problema, fico com Luca mesmo.*

— *Fico feliz em saber que você queira se chamar como seu pai. Amo você, meu filho, amo sua mãe, amo seu irmãozinho ou irmãzinha que está no ventre da sua mãe.*

Meu mini Enrico abraça o pai.

— Te amo, papai. — Em seguida, me abraça. — Eu te amo, mamãe. — Ele se afasta e fez uma expressão pensativa. — Posso falar uma coisa? — pergunta, sério, eu e meu malvado voltamos toda nossa atenção a ele. — Tem a ver com a mina — diz, com cautela.

— Você sabe que entre nós não há segredos, pode falar sobre qualquer coisa — digo, ele abaixa a cabeça e olha para seus pés.

— Hei, filho — Enrico pega em seu queixo e o faz olhar para ele —, diga, somos seus pais e seus melhores amigos. — Ele sorri.

— Na casa que eu morava na mina, o marido da bruxa não gostava de mim, sempre que tinha oportunidade, ele me maltratava, igual fazia com as outras crianças. Toda vez que eu chorava, ele e a bruxa me faziam engolir o choro, eles diziam que homem não chora.

Fecho meus olhos, a dor em meu peito é tão grande, a culpa me consome neste momento. Enrico o pega no colo e acaricia seus cabelos. Ele quase não fala sobre o tempo que morava na mina, o exercício que João fez durante dois anos com ele, fez com que aquele lugar se tornasse passado, mas a psicóloga disse que os pesadelos tem a ver com essa parte ruim da sua infância, e que devíamos deixá-lo à vontade quando ele quiser se abrir.

— Por que você está dizendo isso, filho?

— Porque essa não é a primeira vez que o vejo com lágrimas nos olhos e você é homem.

— *Seu pai cresceu ouvindo essa bobagem, mas quando eu e sua mãe nos separamos, vi que não importa o sexo, se é homem ou mulher, quando amamos e nos importamos com alguém, as lágrimas fluem, e isso não é sinal de fraqueza, temos que ser muito homem para demonstrar nossos sentimentos.*

Nós contamos para ele de uma forma leve, como foi árduo o nosso caminho até o encontrar. Apesar da pouca idade, Rico — coloquei esse apelido nele para poder me ajudar, dois Enrico são muito para mim — assimila as coisas rápido, a vida dura o deixou mais maduro, ele parece ter uns oito anos.



EPÍLOGO

ENRICO

— Pai, joga a bola — Rico diz, segurando sua irmã pelo braço. Minha princesa Giane não sabe nem andar direito e já quer correr.

Nina, Rico e eu passamos toda a gestação escolhendo o nome da minha garotinha, meus pais e toda família davam palpites, mas eu sabia quando chegasse a hora certa. Rico a chamava de irmãzinha; Nina, de meu bebê; e eu, minha garotinha. Era incrível, toda vez que ela ouvia minha voz, se mexia, dando vários chutes na barriga. Durante a gravidez minha diabinha ficou insaciável, chegou ao ponto de eu ter que executar alguns maledetto mais rápido, para atender as necessidades sexuais da minha mulher.

— Meus filhos nem parecem que são meus, só querem saber do pai — minha mulher diz, chorando.

Me seguro para não rir, suas emoções estão afloradas por causa da gravidez, tudo é motivo para chorar. Uma vez, ela me ligou aos prantos, pensei que havia acontecido algo grave, pois não conseguia parar de chorar. Larguei tudo que eu estava fazendo e vim como um louco para casa, quando cheguei em casa, ela

estava no jardim aos prantos. Georgia, sem sucesso, tentava acalmá-la. Me aproximei dela e me ajoelhei.

— *O que foi, amor?*

Ela limpou seu rosto úmido pelas lágrimas com o dorso da mão.

— *O passarinho, ele morreu.* — Começou a chorar de novo. Olhei, incrédulo, para o lugar onde ela apontou e vi um pássaro morto, ele estava tão duro, que parecia de palha.

Não via a hora que minha garotinha viesse ao mundo, minha diaba estava fodendo com meu juízo.

Minha garotinha nasceu e, assim que a peguei no colo, a chamei de Giane, que quer dizer agraciada por Deus. Ela veio para dar uma nova chance para mim e para Nina. Perdemos uma boa parte da vida do nosso filho, foram anos roubados que não voltam mais.



Olho para meus filhos e minha mulher, que está sentada na grama sobre um pano, com vários brinquedos espalhados à sua volta e sorrio satisfeito. Nunca imaginei que a feiura do meu mundo me traria algo tão bom. Tantas vidas foram ceifadas por minhas mãos e Dio me abençoa com uma mulher maravilhosa, que depois de tantos erros cometidos, se tornou a melhor companheira que eu poderia ter. Nina aprendeu na pele algo que sempre foi ensinado em nossa família, nada melhor que a verdade, pois o medo e a falta de transparência faz com que

tomamos atitudes que futuramente nos trará graves consequências.

O amor que sinto por ela foi capaz de perdoar e reestruturar nossa relação, a cada dia que passa a amo mais e admiro a mulher e mãe que ela se tornou. Nina me fez ver que eu não sou só aquele monstro que eu pensava, que há algo mais em mim, do que apenas o lado negro e a morte. Não vou dizer que Cruel não existe mais, por minha família sou capaz de cometer as mais terríveis atrocidades, mas também sou um homem que tem sentimentos, um homem que ama seus filhos, sua família e que faz amor com sua esposa.



Antes de sair do clube, bebo uma dose de uísque, hoje foi foda, um problema atrás do outro, sinto falta da época que Lorenzo ficou mais de um mês na minha casa, além de meu Don, ele é um irmão para mim. Aquele período foi conturbado e sua companhia e amizade foram essenciais. Bebo o último gole e me pego sorrindo sozinho, a lembrança da minha diaba e da Perla me vem à memória.

— *Chefe, está a maior confusão.*

— *Cazzo! O que foi agora?*

— *A senhora Ferri e a senhora Mancinni, elas... — Nem espero ele terminar de falar, minha diaba e a poderosa chefona juntas, é sinal de encrenca.*

Subo correndo, quando chego ao salão, vejo minha diaba segurando o cabelo de uma das prostitutas e Perla com outra. Lorenzo observa de longe e eu me junto a ele.

— Continua, repete o que você estava dizendo — Nina diz, agressivamente, nunca a vi assim, isso me deixa excitado.

Perla derruba a prostituta que estava em seu domínio no chão. Nina ainda segurando os cabelos da ruiva, olha a morena no chão e sorri.

— Vou só dizer uma coisa — minha diaba diz, exibindo seu troféu. — Vocês estão aqui para trabalhar, o alvo de vocês são os clientes. Enrico e Lorenzo não são clientes, eles são nossos maridos. A primeira vez que ouvi vocês com esse papinho de fazer DP com nossos maridos, me fingi de surda, mas a partir de hoje, não quero mais ouvir essa porra, além de perderem o emprego, vão se ver comigo e com minha cunhada, vocês não sabem do que somos capaz. Tratem de nos respeitar nessa porra, porque somos tão donas como eles.

Minha esposa termina de falar e joga a ruiva no chão, meu gerente manda todas voltarem para o trabalho. Fico orgulhoso da minha mulher, porra, meu pau está duro. Minha diaba passa por mim e finge que não me vê, Perla faz o mesmo quando passa pelo Lorenzo.

— Estou fodido hoje, Perla vai fazer greve de sexo, e se prepare, do jeito que ela e minha irmã são unidas, vai ter greve em casa também, irmão.

Lorenzo bate nas minhas costas e ri, isso não pode ser verdade, estou duro feito pedra. Cazzo! Me levanto e vou para casa, sorrindo.

Nina me deixou dois dias na seca, fiquei puto, não tinha feito nada, mas a diaba me culpava por algo que eu nem sabia.

Abro a porta de casa e ela está silenciosa, as crianças devem estar dormindo. Entro em nosso quarto e minha mulher não está, fico preocupado e ligo para seu celular.

— Amor, onde você está?

— Tome seu banho e me encontre na casa da piscina — ela diz e desliga o telefone.

Meu pau logo se anima, ele mais do que eu sabe que minha diaba está aprontando. Tomo um banho rápido, visto apenas uma bermuda, sem cueca. Saio do quarto e vou ao quarto dos meus filhos dar um beijo neles, mas não os encontro, suas camas estão vazias.

Desço as escadas, correndo, ansioso para encontrar a minha mulher, minha perdição. Abro a porta e, puta que pariu, Nina está no meio da sala, com uma lingerie vermelha e com uma tiara de diaba. Seu corpo é iluminado apenas por uma luminária sobre mesa, que está na lateral do sofá.

Com cara de safada, me chama com os dedos, caminho em sua direção como um animal faminto. Colo nossas bocas com urgência, ofegante, desfaço nossos beijos e pergunto por nossos filhos, ela diz que eles estão com meus pais. Com meus filhos

seguros, o que importa neste momento é desfrutar tudo que ela preparou para mim.

Minha diabinha está insana, passamos a noite fodendo, não tem um lugar na casa que não usamos.

Pela manhã, a levo em meu colo para nosso quarto, fazemos amor lento, curtindo o momento. Quando terminamos, tomamos um banho e voltamos para cama. Quando o sono está chegando e pensamos que finalmente vamos dormir, nosso quarto é invadido. Rico e Giane pulam em nossa cama, minha garotinha se diverte com a bagunça, ela adora quando Rico a joga na cama.

— O que houve, por que vieram tão cedo? — Nina pergunta.

— Estava com saudade — Rico diz, bocejando, e a beija.

— Nós íamos dormir, vocês querem dormir conosco? — pergunto.

— Ebaaa — Rico grita e a irmã o imita.

Eles se deitam entre nós, fecho as cortinas com o controle remoto, e os abraço.

— Te amo, papai. Te amo, mamãe. Te amo, irmã.

Giane repete o que o irmão diz, eles encham meu coração de alegria.

— Nós também amamos vocês — Nina e eu dizemos, em uníssono e sorrimos.

Antes que o sono me vença, penso no quanto sou feliz, no quanto amo minha família.

FIM!

Siga a autora nas redes sociais

Instagram

@escritorabiaalmeida_

Facebook

Bia Almeida

Fan Page Facebook

Romances de Bia Almeida

Wattpad

@biaalmeida24